



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Eduardo Henrique Assis Cidade

**O chamado da estrada:
modalidades de conhecimento de si, do próximo e do distante entre
mochileiros na China e no sudeste asiático**

Rio de Janeiro

2013

Eduardo Henrique Assis Cidade

**O chamado da estrada: modalidades de conhecimento de si, do próximo e do distante
entre mochileiros na China e no sudeste asiático**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Claudia Pereira Coelho

Coorientadora: Prof.^a Dra. Rosane Manhães Prado

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

C568 Cidade, Eduardo Henrique Assis.
O chamado da estrada: modalidades de conhecimento de si,
do próximo e do distante entre mochileiros na China e do sudeste
asiático / Eduardo Henrique Assis Cidade. – 2013.
127 f.

Orientador: Maria Claudia Pereira Coelho.
Coorientador: Rosane Manhães Prado.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Viajantes – China – Aspectos sociais – Teses. 2. Viagens
– Aspectos sociais – Teses. I. Coelho, Maria Claudia. II. Prado,
Rosane Manhães. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 304:910

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Eduardo Henrique Assis Cidade

**O chamado da estrada: modalidades de conhecimento de si, do próximo e do distante
entre mochileiros na China e no sudeste asiático**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 25 de outubro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Claudia Pereira Coelho (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Rosane Manhães Prado (Coorientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Eduardo André Teixeira Ayrosa
Universidade do Grande Rio

Rio de Janeiro

2013

AGRADECIMENTOS

Talvez me falte agora um pouco de poesia para elaborar melhor quem e como agradecer. Primeiramente, agradeço aos meus pais, **Eliana Cidade** e **José Cidade**. Quando parti para viajar por um ano pela primeira vez, recordo de minha mãe aconselhando no aeroporto, “se você se sentir sozinho, volte para casa”. Nem eu e nem ela sabíamos desse meu lado aventureiro. Anos depois, em uma pequena viagem por Belém, enquanto me deixavam em uma praça durante uma festa noturna e meu pai se inquietava por minha segurança, ela disse: “Cidade, o garoto já rodou metade do planeta sozinho! É mais fácil nós nos perdemos e precisarmos dele do que o oposto”. Sinto-me lisonjeado e espero corresponder às expectativas quando os escuto conversando com seus amigos, “ele não tem medo de nada, se mete em cada maluquice. E sempre sabe se virar, não importa em qual parte do mundo esteja”. Não sei se sou tudo isso, mas jamais poderia sabê-lo se não fossem a confiança e a dedicação de vocês. Agradeço também minhas irmãs **Danielle** e **Erica**, sempre muito interessadas em saber por onde estive e para onde vou, escutando e se divertindo com minhas histórias. Quando meus sobrinhos crescerem, os levarei comigo para a estrada.

Sou extremamente grato aos meus dois melhores amigos, desde os quatro anos, quando nos conhecemos no maternal: **Carla Berger** e **José Maria Manzo**. As lágrimas de Carla são sempre a parte mais dolorosa das minhas despedidas, mas ela sabe que sempre volto. Aliás, desde que ela partiu para as bandas próximas da Amazônia para seguir seus sonhos, voltar para casa perdeu muito de seu significado. Para José Maria, ajuda imprescindível pelo apoio dado nos últimos dias da dissertação, por sempre ter sido um grande companheiro. Não se esqueça jamais da deturpação de Hamlet, “existem muito mais guloseimas e *junk food* entre o céu e a terra do que pode supor sua vã imaginação”. Prometo ainda trazer de lembrança alguma batata frita sabor lasanha de bacon com algas marinhas. Quando me deparo com algum tão belo e sublime, sempre desejo que vocês dois pudessem estar comigo, mas sei que seus sonhos são diferentes dos meus. Talvez por isso nos demos tão bem.

Aos grandes amigos **Helena Nuñez** e **Filipe Ferreira**. Helena sempre pergunta quando vou me tornar um homem “sério”, pensar em casamento e parar de perambular por aí. “Nunca”, insisto em responder. Já Filipe me entrega, explana meu passado negro quando conhecemos pessoas novas, “ele tem essa pose de *hippie*, mas era maior *playboy* antigamente. São essas viagens doidas que ele faz. Afetou a cabeça dele”. Aquela nossa madrugada percorrendo Paris com vinhos de um euro e oitenta centavos foi um dos pouquíssimos momentos em que pude

compartilhar um pedacinho de viagem com algum dos meus grandes amigos. Aproveito para agradecer também os amigos **Victor Chasse** e **Camila Pierobon**. Victor sabe que pode sempre contar comigo para “achados” de passagens nacionais em promoção pela Internet, ainda que muitas vezes terminem como furadas orçamentais. Camila foi um grande presente que tive durante a pós-graduação em Sociologia Urbana e o mestrado em Ciências Sociais na UERJ. Tenho muita admiração pela paixão, intelecto e dedicação que ela demonstra, além de ótima companheira de bar para compartilhar dilemas da vida acadêmica.

Agradeço a minha orientadora **Maria Claudia Coelho** por sua imensa paciência com meus atrasos e entusiasmo com os relatos de campo. Muito obrigado pela orientação. Também agradeço as professoras **Rosane Prado**, minha co-orientadora, e **Sandra Carneiro**, que estiveram na banca de qualificação, por todos os conselhos dados. Gostaria, também, de deixar minha gratidão para todos os professores com quem tive aulas: **Lia Rocha**, **Claudia Barcellos**, **Valter Sinder**, **Patrícia Birman**, **Bernardo Ferreira**, **Ronaldo Castro**, **Maria Josefina** e **Márcia Leite**. Acredito que consigo enxergar o mundo melhor graças às discussões em sala de aula. Não poderia deixar de mencionar dois professores fora do departamento de Ciências Sociais por quem também tenho imensa admiração: **Carlinda Fragale** (Letras) e **Antônio Edmilson Martins** (História).

Não poderia deixar de agradecer outros amigos, sejam companheiros da vida, da UERJ ou, como na maioria dos casos, ambos: **Beatriz Brandão**, **Livia Reis**, **Joana Emmerick Seabra**, **Bernardo Guerra**, **Tarcísio Francisco**, **Wellington Pinheiro**, **Eleutério Nhantas**, **Julian Brito**, **Eduardo Moura**, **Eduardo Ribeiro**, **Sergio Baptista**, **Marcela Lopes**, **Raquel Carriconde**, **Tadzio Coelho**, **Heloísa Lobo**, **Andrew Reeds**, **Márcia Menezes**, **Anderson Gaspar**, **Moniquele Araújo**, **Monique Araújo**, **Fernanda Ângelo**, **José Guilherme Saad**, **Gilberto Lima**, **Maria Eichler**, **Christiane Messias**, **Bárbara Celi**, **Jorge Valpaços**, **Junior Regadas**, **Márcia Ivy**, **Carolina Zaed**, **Viviane Figueiredo**, **Jaime Neto**, **Afonso Melo**, **Emma King**, **Theo Petit**, **Patrick Thomson**, **Jonathan Gilster**, **Lucas Viriato**, **Pedro Neves**, **Andrejs Zayats**, **Matteo Colombo**, **Lisa Taid** e muitos outros.

Deixo um agradecimento aos funcionários da UERJ sempre atenciosos e simpáticos: **Wagner**, **Sônia** e **Daniel**. Finalizando, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) por tornar essa pesquisa viável.

E jamais poderia esquecer em agradecer a todos quem conheci na estrada, nativos ou viajantes. Cada um de vocês faz parte de mim, tenha sido nosso encontro longo ou breve.

Para compreender o coração dos homens, é preciso ler e viajar.

Marquês de Sade

RESUMO

CIDADE, Eduardo Henrique Assis. **O chamado da estrada:** modalidades de conhecimento de si, do próximo e do distante entre mochileiros na China e no sudeste asiático. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Viajar para um país estrangeiro é um bem de consumo consagrado nas sociedades industriais. No entanto, existem modos diferentes de fazê-lo. Até que ponto a viagem em estilo mochilão é diferente do turismo tradicional? Quais as emoções que impulsionam o indivíduo a optar por este estilo de viagem? Como apreendem a alteridade cultural? Em um trabalho de campo com mochileiros na China, busco identificar relações entre situações de “aprendizado” e busca que legitimam o discurso do que faz “um verdadeiro mochileiro”. Investigo o que buscam e o que alegam aprender. Dentre as experiências perseguidas, busco compreender os meios de sociabilidade com os outros mochileiros e com os residentes do país visitado. Os mochileiros buscam diferenciação dos demais turistas e traçam uma narrativa de vida não-linear, através de coletas de fragmentos, lembranças que constituem o memorável. Examino quais são essas experiências e porque, precisamente, se tornam memoráveis.

Palavras-chave: Mochileiros. China. Autêntico. Memória. Turismo.

ABSTRACT

CIDADE, Eduardo Henrique Assis. **The call of the road:** knowledge modalities of the self, the near and the far among backpackers in China and Southeast Asia. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Traveling to a foreign country is a common commodity in industrial societies. However, there are different ways to do it. To what extent a backpacker style of travel differs from traditional tourism? What are the emotions that drive the individual to choose this style of voyage? How to they attain the cultural otherness? In a field study with backpackers in China, I seek to identify relationships between “learning” situations that attempts to legitimize the discourse of what makes a "true backpacker." I investigate what they seek and what they claim to learn. Among the experiences they pursuit, I try to comprehend the means of sociability with other backpackers and residents of the visited country. Backpackers attempt for differentiation of other tourists and draw a non-linear life narrative, through collections of fragments, whose remembrance constitutes the memorable. I inquire what are these experiences and why, precisely, do they become memorable.

Key words: Backpackers. China. Authentic. Memory. Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Um quadro sobre como mochileiros enxergam a si e julgam como os demais os enxergam.....	124
Figura 2 –	Lonely Planet da China.....	124
Figura 3 –	Modos como mochileiros tentam inscrever seus traços de permanência	125
Figura 4 –	Modos como mochileiros tentam inscrever seus traços de permanência	125
Figura 5 –	Um bar e uma sala comunal de albergues.....	126
Figura 6 –	Um bar e uma sala comunal de albergues.....	126
Figura 7 –	Dormitório com mochilas espalhadas.....	127
Figura 8 –	A “famosa” foto continental: Américas do Norte e Latina, Europa e Oceania em um bar de albergue.....	127

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	TEORIZANDO SOBRE OS MOCHILEIROS: OLHARES DE DIVERSOS AUTORES SOBRE O TEMA.....	23
1.1	A viagem na sociedade de massas: os principais atributos do fenômeno turístico.....	24
1.2	A busca de si e do outro: existe especificidade na Ásia?.....	30
1.3	Turista ou viajante: narrando a identidade mochileira.....	41
1.4	Tipos de viagem e maneiras de ser viajante.....	43
1.5	Por uma etnografia mochileira: quando o “nativo” é passageiro.....	47
2	DESTINO CHINA: PERCORRENDO A TERRA NO CENTRO DO MUNDO.....	52
2.1	Peculiaridades de um campo “na estrada”.....	55
2.2	Mochileiros: entre a aventura, o perigo e os limites.....	59
2.3	Eixos analíticos: caindo na estrada.....	64
2.4	Na sala comunal: o local do eixo analítico.....	65
3	A PERFEITA VIAGEM PARA A CHINA: “THE LONELY PLANET WAY OF TRAVEL”.....	69
3.1	A China: autêntica no passado e falsa no presente?.....	75
3.2	As origens do Lonely Planet: a bíblia dos mochileiros.....	83
4	O CHAMADO DA ESTRADA E AS CORRELAÇÕES ENTRE O SI, O PRÓXIMO E O DISTANTE.....	86
4.1	Do turista ao nômade: perfis díspares entre viajantes na China.....	86
4.2	Cada viajante no seu galho: do resort cinco estrelas à casa do nativo.....	90
4.3	A atração pelo risco: superando o medo do mundo.....	95
4.4	Rompendo o tabu máximo: a relação dos mochileiros com os chineses.....	98
4.5	Para que viajar ou no que se constitui o memorável?.....	102
4.6	“Viajar é a maior escola da vida”, mas o que viajar tanto ensina?.....	109
4.7	A aventura: do que é feito um verdadeiro mochileiro?.....	111
	CONCLUSÕES.....	115
	REFERÊNCIAS.....	122
	ANEXO.....	124

INTRODUÇÃO

Segunda-feira, 19 de abril de 2004.

Budapeste, Hungria.

Onze horas da noite. A rodoviária de Budapeste dista cerca de quase três horas de caminhada do centro da cidade. Naquela noite, desembarquei, vindo de Viena, com uma mala excessivamente pesada, contendo dez pares de calça para vinte e cinco dias de viagem: um verdadeiro contraste, quase uma década depois, quando zarpei para a China visando três meses de estadia com uma única calça, a do corpo, a fim de deixar a mochila a mais leve possível. Desde dezembro do ano anterior cursava Ciências Políticas na França, em um convênio universitário com minha graduação no Brasil. Não era minha primeira vez na Europa; conhecia, até então, cerca de doze países e residi três anos nos Estados Unidos durante a adolescência. Mas era a minha primeira experiência em viajar sozinho, sem pai, mãe, irmã ou guia de turismo contratado por agência. Com exceção de pousadas partilhadas com amigos em carnavais em Florianópolis, nunca havia me hospedado em um hotel com menos de três estrelas antes. E não estava gostando muito de minha temporada na França, sentia saudades do Brasil e das amenidades da vida cotidiana. O que fazia, então, em Budapeste? Explico: em fevereiro de 2004 um amigo brasileiro foi me visitar na França. Com o intervalo de inverno na universidade, disse que poderia faltar algumas aulas extras e combinamos de viajar um mês pela Europa. Divertimo-nos em Amsterdã, porém, ao cabo de quinze dias, já em Milão, precisei voltar atrás. Gastara dinheiro demais com hotéis de qualidade, bares *chics* e comprando roupas de marca. Não havia meios de prosseguir, precisava voltar à França imediatamente. Decepcionado, meu amigo retrucou: “cara, você gasta dinheiro em supérfluos! Você faz ideia do privilegio de passar um ano inteiro na Europa? Pode rodar o continente inteiro, basta mudar as suas prioridades! Aproveite para ver o mundo!”. Calhei de seguir seu conselho. Voltei para a França, economizei e, em abril, decidi tentar viajar por mais um mês. Ainda ficaria bastante tempo na França.

Claro, não fazia ideia sobre a existência de *Lonely Planet* ou *hostelworld.com*. Simplesmente comprei um passe de ônibus com validade ilimitada por um mês. Pensei que poderia encontrar algum hotel barato, de até no máximo cinquenta euros. Sabia onde localizá-los em Paris e não tive muitas dificuldades para achar um em Viena. Por que teria problemas em Budapeste, cidade reputada bem mais barata do que as citadas anteriormente? O problema eram as placas em húngaro. E conforme eu andava em direção ao *Zentrum*, aquela mala

pesada arrastando no chão começou a rasgar. É óbvio que não poderia deixar de chover naquela quase madrugada de segunda para terça. Apesar da primavera, esfriou bastante e meu sobretudo molhado não aquecia o suficiente. As ruas estavam desertas, somente lugares suspeitos permaneciam abertos e, nestes ambientes, os locais não sabiam inglês. *Cheap hotel*, era tudo o que queria. Encontrei alguns por 30 euros. Subir os degraus da recepção com a mala pesada era um fardo. Todos lotados. Continuei andando. O rasgo da mala rompeu. Uma toalha escapou pelo buraco e caiu naquele chão sujo e molhado da chuva. Mochila é muito mais prático, mas eu não tinha nenhuma por achar que não caberia tudo que gostaria de levar numa viagem “tão longa” de um mês. Passava de uma da manhã e aquele *Zentrum* não chegava nunca: lá devia ter várias opções ou pessoas que pudessem me informar. Lembrava de ter avistado uns mochileiros na rodoviária, mas eles iam dormir em albergues perigosos e com sujos banheiros compartilhados, tipo como nos filmes de gangues e máfia. Não dei bola no momento. Outras roupas começaram a cair do buraco da mala. Tampei com a toalha que já sabia perdida e carreguei a bagagem nas costas. Por pouco tempo: era pesada demais. Uma das rodinhas estragara em Viena, por isso ela se arrastava no chão, abrindo um buraco. Essas malas são feitas para quem anda de táxi, não para quem caminha por horas – e não era minha intenção caminhar tanto. No entanto, todos os hotéis com vagas disponíveis cobravam mais do equivalente a cem euros pela diária. Sequer eram duas horas da manhã, ainda tinha energia. Improvisei uns sacos plásticos de uma loja de conveniência 24 horas e tampei o buraco da mala. Não deu certo por muito tempo. Estava com frio e molhado. Avistei um hotel de aparência relativamente simples e perguntei o preço ao recepcionista. Ele me olhou dos pés à cabeça e respondeu “*more than you can afford*”. Fiquei furioso, empinei o nariz e lancei “*try me*”. Cento e oitenta euros! Humilhado, precisei concordar.

O *Zentrum* não chegava nunca. Será que era melhor voltar para a rodoviária? Agora, era longe demais para retornar caminhando. Quanto o táxi cobrava? Absurdo! E voltar para rodoviária significa simplesmente abdicar de Budapeste, não conhecê-la por não achar hotel barato? Continuei andando. Entrei numa boate decadente a fim de descansar um pouco, mas após meia-hora, ela fechou. Precisei seguir andando. Quatro horas da manhã. Finalmente o bendito *Zentrum*. O problema é que a chuva agravou. E até o *Ibis*, de cento e oito euros, já estava longe demais. Não queria pagar o táxi para voltar à rodoviária, mas os poucos húngaros avistados na rua não conseguiam me dar informações sobre o transporte público. O buraco na mala não parava de crescer e, doendo ou não, precisava carregá-la nas costas. Cinco horas da manhã meu tênis estava encharcado de tantas poças no chão. E a temperatura de início de primavera húngara, apesar de não ser insuportável, não era favorável. Exausto, caminhando

desde onze da noite, por fim me dei por vencido. Sentei em uns degraus de um prédio para descansar, ao menos até a chuva cessar um pouco. No Brasil, era início de madrugada. Liguei para o celular de uma amiga a fim de desabafar meu transtorno. Fora da área de cobertura. Só restava esperar. E senti vontade de chorar.

O que fazia um garoto de 20 anos sozinho naquela situação? Que diabos passou pela minha cabeça ao escutar conselhos e resolver viajar daquele jeito? Peguei um livro da mala para passar o tempo. Amanheceu. E a chuva não parou. Uma madrugada inteira andando e carregando mala pesada numa busca em vão por hotel barato. Que raiva da Hungria! No entanto, não poderia permanecer ali, nos degraus de um prédio qualquer, por mais tempo. Algo era necessário a ser feito, mesmo que precisasse continuar caminhando por horas a mais. Sete horas da manhã. Resolvi seguir adiante. Andei uma única quadra e avistei um sinal. Um *youth hostel*, um albergue de mochileiros! Ali, do meu lado o tempo todo, apenas do outro canto da rua. Pode ser que tenha fétidos banheiros compartilhados em um clima de insegurança nos dormitórios, mas estava exausto e precisava dormir. Ou era isso ou voltar para a rodoviária sem conhecer Budapeste. Entrei. Diária de doze euros. Aquela noite foi meu rito de passagem.

Uma semana depois, já na Grécia, escrevi em meu diário quanto o mundo e as pessoas são incríveis. E revezei entre a França e os demais países da Europa durante o tempo que me restava no continente. É um tanto embaraçoso admitir numa dissertação de mestrado como é desnecessário lembrar que o curso de Ciências Políticas praticamente foi por água abaixo. Não me arrependo. Talvez tenha sido o melhor ano da minha vida. Gostei tanto que repeti a dose: passei outro ano na França três anos depois, aos 23 anos. Escutei o Chamado da Estrada.

Desde então, atravessei o deserto do Arizona de balão e o *Grand Canyon* de helicóptero. Escalei Machu Picchu (três vezes), o Pátemon de Atenas, Angkor Wat e o vulcão Monte Etna. A Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade, o Big Ben e a Cidade Proibida: passei a virada do ano nestas quatro cidades apenas para descobrir que nenhuma se iguala a Copacabana em animação. A louca Bangkok, a magistral Praga, a bucólica Bucareste, a gélida Oslo, a boêmia Buenos Aires, a megalomaníaca Xangai. Por vezes algumas horas observando a paisagem no ônibus nos faz ver detalhes tão impressionantes que passam despercebidos. As camponesas arando a terra da verdejante Transilvânia. Conheci cosmopolitas e trogloditas. Príncipes e mendigos. Devo ter utilizado todos os meios de transportes possíveis, de jangadas até elefantes, nas minhas aventuras andarilhas.

Presenciei o Carnaval de Veneza e a celebração do Ano Novo Oriental em Cantão. Peguei carona de moto em Mykonos e de caminhão no Vale Sagrado de Cuzco. Aluguei um

carro em Corfu, ilha de Odisseu, e me perdi. A rua era estreita. De um lado, uma falésia. De outro, vacas. Na frente, um bode encalhado. Atropelei uma ovelha de bicicleta no sul da Tunísia e fui xingado pela pastora. Fui amaldiçoado por uma cigana em Marrakech, atacado por um psicopata na estação de trem de Londres e roubado no Carnaval folclórico de Oruru (após tive o privilégio de ser alojado por uma humilde família boliviana e conhecer seu cotidiano). Ao longo das viagens, fui me transformando. Dos bares *chics*, passei a acampar com as tribos nômades *tuaregs* no Saara. E as compras de roupas de marcas internacionais foram substituídas por trajés “típicos”, como ponchos bolivianos, *djermas* argelianas, máscaras venezianas, robes de seda chinesa, flautas colombianas e chapéus vietnamitas. Talvez a cada viagem me torne menos fresco e mais sensível.

Não sou atleta e muito menos tenho afinidade com o estilo de vida da dita “geração saúde”. Ainda assim, atravessei quatrocentos quilômetros de bicicleta pela costa da Tunísia, entre a capital Tunis e a ilha de Djerba. Não foi o espírito esportivo que me instigou—se pedalei mais de vinte quilômetros diários, foi muito. A atração era pela lentidão, pela árida paisagem da estrada e as melancólicas construções de barro. O vento no meu rosto e o cotidiano daqueles poucos árabes. Devo ser o tipo de filho que enlouquece qualquer pai e mãe, quando envio *e-mails* de conteúdo minimalista: “estou bem num vilarejo de dez mil habitantes, na fronteira com o deserto do Saara. Vou acampar com as tribos berberes e devo ficar sem Internet por alguns dias. Não se preocupem comigo”. Meus pais surtam, mas já deixaram escapar para seus amigos que este traço aventureiro da minha personalidade é do que mais se orgulham. Aliás, me questiono frequentemente: de onde surge tanta energia, tanto fogo?

Conheço quarenta e um países, totalizando mais de seis anos no exterior. Não planejo parar tão cedo. Uma mescla de chama interna com curiosidade pelo mundo me impulsiona a ir cada vez mais distante, ainda que tal distância não se meça por continentes e hemisférios. Evidentemente fiz o dever de casa: faltam apenas seis estados brasileiros na minha lista. Pampas, sertão e Amazônia: anotados e realizados. E do mero ímpeto por aventura, progressivamente o questionamento intelectual se intensificou. Qual o sentido de nossos atos? Por que acreditamos que determinadas situações são corretas e outras, equivocadas? Por que agimos como fazemos? Há uma regra? Uma lei invisível? Por que vivemos com um específico estilo de vida? Somos parecidos com nossos vizinhos? Em buscas dessas respostas, de ver e compreender algo novo, intensifiquei as viagens ao redor do mundo. Sozinho e de mochila. Américas, África, Ásia, Europa! Seus nomes soam como suave melodia aos meus ouvidos, despertando lembranças de aromas e paladares emotivos (ainda não estive na

Oceania). Das cataratas de Niagara no Canadá ao deserto de Atacama, percorrendo o Salar de Uyuni em cima de um jipe e os fiordes na Noruega até o Himalaia e o Monte Everest. A sensação de liberdade com o vento batendo no rosto é a melhor que existe. Pulei de *bungee jump* e de pára-quedas. Salto, corro, rio à toa. Estar na estrada traz uma imensa felicidade, um sentimento de pequenez individual diante da grandeza do mundo.

Quando precisei dormir em plena praça pública em Barcelona, aos 20 anos, entrei em desespero, xingando a situação. Três anos depois, em Siracusa, gargalhei quando novamente utilizei a mochila como travesseiro na grama da pracinha: “ah, imaginei que já fosse mais experiente. É a vida, sempre ensinando que não se pode prever tudo”. Estação de trem ou de ônibus já é de praxe: Mendoza, Florença, Roma... Dormi no chão do corredor em navios enquanto atravessava da Argélia para a França e da Finlândia para Suécia. Neste mesmo navio, um rapaz afegão de 18 anos me abordou, pedindo meu isqueiro para acender seu cigarro. Em plenas três horas da manhã daquele verão cujo sol nunca se põe totalmente. Perguntou de onde eu era e exclamou “que exótico!” diante da resposta do Brasil. Pode parecer bobagem, mas entre Brasil e Afeganistão, naquele verão de 2004 no Mar do Norte, foi a primeira vez que passei horas refletindo sobre o significado do que é, de fato, ser exótico. Nas próximas viagens, peguei da estante os livros de Antropologia do curso de graduação. Lévi-Strauss e Geertz partiram comigo para a estrada. Em Casablanca esbocei nos meus diários a relação entre liberdade, igualdade e função do Estado ao presenciar crianças soltas nadando em um violento mar sem nenhum salva-vidas por perto. Talvez na Dinamarca fosse mais seguro, mas seria tão livre? Pesquisei sobre o assunto e assim encontrei Tocqueville. E quando me senti mais próximo dos franceses do que dos equatorianos e peruanos, refleti sobre cultura, geografia, história, estrutura...

É lema recorrente entre os mochileiros de que viajar é a maior escola da vida. Durante a pesquisa para a dissertação, questionei intensamente o que realmente se aprende viajando. Não sei se é algo puramente positivo. Sou radicalmente mais descuidado, relaxado e indisciplinado hoje do que há nove anos. Se é a maior escola da vida, certamente não para os parâmetros do mercado de trabalho. Não obstante, nada oferece maior sensação de liberdade do que rodar os continentes, perdido, sem realmente saber o dia de amanhã. Povos, línguas, culturas... o quê faz a união de uma nação? E o que é felicidade para cada uma destas? Como relatam alguns dos meus entrevistados, viajar produz a estranha sensação de “estar vivo”. Se não pudessem mais viajar, seria como se fossem castrados, como se “cortassem as suas asas” alçadas para voar. O que não resta dúvida é a relação intrínseca: quanto mais leio, maior a vontade de viajar, para dar significado aos textos. E quanto mais viajo, meus questionamentos

se expandem e maior a curiosidade pelos livros. Afinal, se tenho um exemplar do *l'Historie de Laos*, é porque estive naquele país.

Senti vontade de chorar de emoção diante dos mais lindos crepúsculos que vi: em Krk, na Croácia, enquanto atravessava a ilha de moto; no Lago de Titicaca, Bolívia, enquanto remava uma canoa e, o mais belo de todos, no Deserto do Saara, cujas infinitas dunas de areia mudam do dourado à púrpura conforme a luminosidade do sol. A maior de todas as belezas: a beleza do mundo. Diante da imensidão desses espetáculos, impossível não contemplar o quanto nossos problemas e crenças são pequenos. No entanto, mais enriquecedor do que conhecer lugares, é conhecer pessoas. De todas as etnias, nacionalidades, classes sociais, religiões, sexualidades e partidos políticos. Cada vez que conheço alguém tão distante de mim, sempre questiono: “o que faz essa pessoa se levantar todas as manhãs?”.

O maior barato de viajar é o imprevisto, condição necessária da liberdade. Não se sabe ao certo o que veremos. Afinal, temos algumas ideias dos atrativos principais de um país mediante fotos e informações que nem de longe são suficientes para refletir tudo o que nos aguarda. Sobre tudo, as pessoas que conheceremos. É o famoso choque cultural. Ao passar a maior parte de sua vida convivendo numa específica comunidade, talvez o homem tenda a fazer generalizações do cunho “ninguém presta” ou “a natureza humana diz que isto é certo e aquilo, errado”. Não poderiam ser mais equivocadas, eis a origem de todo preconceito. Mas quem nunca generalizou? Essa própria pergunta é uma generalização. E são essas vivências que me ajudam a entender melhor as teorias expostas nos livros de antropologia.

Lembro quando visitei o deserto do Saara, no Marrocos (posteriormente, estive nele na Argélia e na Tunísia) pela primeira vez. Naquele dia, era o aniversário de Said, o motorista do táxi ligando os vilarejos de Rissani e Merzouga ao deserto. Chegamos no albergue, feito de blocos de barro com dromedários circulando à sua volta. Encravado no Saara. O guia para contemplar o crepúsculo chamava-se Mohamed, um jovem berbere de apenas dezessete anos. Durante as horas passadas em cima das dunas douradas, onde, não importa para que lado se olhe, a paisagem é composta de infindável areia, iniciei assunto com Mohamed. Relembrou que a fronteira com a Argélia fica a apenas 50 quilômetros de distância. Perguntei-lhe se já estivera lá e ele respondeu-me que, durante toda sua vida, nunca saiu do pequeno trecho ligando Rissani e Merzouga. Estudou até o Ensino Fundamental, pois começara a ajudar a família e não poderia mais ir, diariamente, à escola em Rissani. Impossível não ponderar, “o quê temos em comum senão o fato de, hoje, assistirmos este pôr-do-sol em pleno Saara?”. Conforme dito acima, as dunas, de acordo com a luz solar, mudam de douradas para uma cor púrpura. Jamais me esquecerei disto. É a coisa mais linda que meus olhos jamais

presenciaram. Chorei, como se em um instante fosse possível perceber a vastidão do mundo, com os óculos escuros disfarçando para Mohamed.

Na volta ao acampamento, Mohamed tentou vender alguns artesanatos fabricados por seu pai, ofício que ele começa a aprender. Não tinha dinheiro comigo, no entanto indaguei sobre um curioso objeto. Afirmou ser o fóssil de um animal pré-histórico, frisando “de alguns milhões de anos”. Sorri pela ingenuidade e sinceridade de sua resposta. De noite, a fim de comemorar o aniversário de Said, o motorista, fomos até Merzouga comprar comes e bebes. Para conseguir cerveja e outras bebidas alcoólicas, meu guia e Said precisavam negociar em becos, como se se tratasse de drogas ilegais. Um verdadeiro comércio contrabandista. Entraram no carro outros convidados para regressarmos ao albergue, entre estes, mulheres cobertas em *ni qab*, deixando apenas os olhos à mostra. Estranhei a situação, vide em meus preconceitos ser inconcebível imaginar tais mulheres numa festa.

Enquanto um rapaz preparava o *tagine* de carne e outro acendia o carvão para a *chicha* (naguilhê), as mulheres trocaram de vestimentas num quarto. Completamente ocidentalizadas, de cabelos soltos, calças jeans e blusas modernas. A transformação não se limitou às roupas. Suas atitudes também. Fátima, a namorada de Said, de vinte e poucos anos, foi quem mais me chamou atenção. Ela não falava francês, os demais traduziam nossas palavras para possibilitar nossa comunicação. Fátima ria, fumava cigarros, bebia o álcool proibido pelo Alcorão, como se fosse uma ocidental. Uma mulher totalmente diferente daquela que adentrou o carro minutos antes. Na hora de dançar, me chamou para ser seu par: o estrangeiro. Com o consentimento de Said, claro. Mostrou-me, então, suas raízes orientais, seus gestos suaves e delicados. Aquela notável dança não era um show pago para turistas em Marrakech ou Rabat, não era uma transmissão televisiva. Fátima não estava fantasiada de odalisca para agradar os estrangeiros, tampouco sua forma física condizia com nosso estereotipo ocidental. A beleza era, justamente, a naturalidade e a espontaneidade de seus movimentos.

Antes de dormir, em altas horas da madrugada, conferindo o imenso céu estrelado do deserto, susceptível a mais de uma estrela cadente por minuto, tomei uma decisão: “é isso! Quero ser antropólogo!”. E me achei quando me perdi no mundo, talvez bem no estilo de mal-estar da Emma Bovary, mas foi naquela noite que enfim decidi, afinal, qual rumo tomar na vida. Em todas as entrevistas para esta dissertação perguntei quais são os momentos mais memoráveis, sejam pelo “perrengue” ou pelo toque sentimental. Budapeste e o deserto do Saara são meus dois momentos de aflição e êxtase, respectivamente. Nesta dissertação, apresento os relatos daqueles que, um dia, escutaram o Chamado da Estrada.

Xi'an, China

19 de março de 2012

(Revisado em Arequipa, Peru, 20 de março de 2013).

Eduardo Henrique Assis Cidade

A China aos olhos dos viajantes: uma etnografia sem nacionalidade fixa

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada com mochileiros na China. A especificidade de uma pesquisa dessa natureza é a efemeridade. Não é possível desenvolver laços mais profundos com os informantes, com uma escrita progressiva conforme se rompem barreiras psicológicas. Mochileiros partem e chegam diariamente, o máximo de contato possível dificilmente ultrapassa quatro ou cinco dias. O trabalho de campo se dá exclusivamente nos albergues. O gosto pelo que entendem como independência e liberdade é forte demais para que seja possível segui-los em seus afazeres pela cidade; portanto, tampouco é possível realizar uma observação participante no sentido estrito do termo. É um quadro bem diferente do ocorrido no sudeste asiático, parte da viagem, onde é normal grupos se associarem para exploração conjunta dos pontos de interesse de determinada cidade, vilarejo ou paisagem.

Mochileiros e a antropologia das emoções: o que sentem aqueles que não querem criar raízes? Um traço comum em variados trabalhos de antropologia é perceber os vínculos entre o sujeito da pesquisa com sua noção de identidade e pertencimento dentro de uma comunidade. Os rituais de iniciação transferem o indivíduo de uma posição a outra dentro de uma ordem social; no caso dos mochileiros, se a viagem é um ritual, ela os desloca da inserção social do país natal. As emoções dos mochileiros confluem mais para a ruptura do que para a coesão, para o descobrimento do que para a aceitação. O tema também se entrelaça com a antropologia do turismo, por mais relutantes que os mochileiros se sintam quando classificados enquanto turistas. É um tipo de turismo que compartilha diversas características gerais do fenômeno turístico, mas dotado de certa unicidade, salientando a viagem como processo de instrução e aprendizado de mundo em si em detrimento de “apenas” lazer.

Um dos entrevistados divaga sobre uma característica pós-moderna da felicidade enquanto acúmulo neófito de experiências. Conforme seu entender, a felicidade era tradicionalmente vista como a ratificação de um local no mundo, moldado pela família e a carreira. A pós-modernidade não garante mais o casamento e o sucesso profissional enquanto sinônimo de felicidade. Ou melhor, conforme teóricos da Escola de Frankfurt, a pós-modernidade promete mais do que cumpre. A temática dos mochileiros pode ser relevante para perceber como esta alternativa para estilo de vida tenta (se consegue ou não, é outra questão) realizar o ideal da felicidade, se analisarmos sob o viés do que constitui o

memorável. Esse memorável não se refere a uma narrativa linear, como as fases da vida do casamento, filhos e netos e a ascensão profissional, mas é feito de fragmentos, de experiências isoladas, ocorridas em países distintos, com pessoas que, provavelmente, jamais encontrarão novamente. São emoções sem laços, sem permanência. Talvez por isso mesmo sejam memoráveis.

A jornada rumo ao “exótico”: estrutura da dissertação.

Esta dissertação consiste em uma Introdução, quatro capítulos e a Conclusão. Na Introdução, descrevo os principais traços característicos de uma “viagem de mochilão”, como o orçamento e a duração. Também relato as hipóteses originais antes de iniciar a pesquisa, indagando por que algumas pessoas viajam de mochilão e se existia especificidade deste tipo de viagem na China, a dizer, se a estrada em si é o verdadeiramente importante ou se a predominância do estilo de viagem é moldada pelo país viajado.

O primeiro capítulo contém os pressupostos teóricos a partir de quatro autores: Jonh Urry, Suzanne Lallemande, Camille O’ Reilley e Anders Sørensen. O livro de Urry é mais abrangente, investigando o fenômeno turístico enquanto um todo, desde suas raízes históricas e os principais princípios do turismo até a relação com o autêntico e o exótico. Lallemande escreveu um livro consagrado especificamente ao tema de mochileiros na Ásia. Sua contribuição é ampla, detalhando desde o conteúdo da mochila, a faixa etária e o orçamento diário até sua conclusão sobre a ideologia e o fato de que, embora o discurso preze o conhecimento do nativo, na prática os mochileiros conhecem seus vizinhos e pares ocidentais. O’Reilley elabora uma tipologia mochileira, enfatizando as diferenças entre si, desde o jovem festeiro com férias prolongadas aos mochileiros que buscam a viagem enquanto aprendizagem e ruptura. Por fim, Sørensen estabelece o “status da estrada”, visando interligar o processo de formação de grupos em um meio marcado pelo efêmero e o estabelecimento de regras e padrões adotados pelos mochileiros.

O segundo capítulo descreve a trajetória da viagem que fiz e que serviu de “campo” para esta pesquisa. Foram cento e três dias, percorrendo boa parte da China e a Tailândia, Laos, Camboja e Vietnã. Relato as particularidades do campo e a metodologia empregada. No total entrevistei mais de sessenta viajantes, mas selecionei dez tanto pela dessemelhança entre eles quanto pelos métodos de entrevista. Entrevistei individualmente uma norte-americana de oitenta anos, uma irlandesa de sessenta e quatro e um francês de trinta e sete. Por serem os mais experientes que conheci, essas entrevistas foram bastante abertas, com maior grau de

flexibilidade quanto à condução das perguntas. Também entrevistei individualmente um inglês de origem indiana de trinta e quatro anos, um mexicano de trinta e um finlandês de vinte e seis. Em dupla, entrevistei duas amigas em intercâmbio na China, uma romena e outra tcheca, ambas com cerca de vinte e três anos, um casal de brasileiros em lua de mel e uma mãe e filha britânicas. Tanto o casal de brasileiros quanto a mãe e filha realizavam a volta ao mundo. Por fim, selecionei a mais longa das entrevistas, com cinco pessoas. Não foi a única deste estilo, fiz outras com quatro ou três entrevistados simultâneos. O mais interessante deste estilo de entrevista, embora seja difícil aprofundar as razões de um único indivíduo, é a interrupção contínua. Os mochileiros perguntam entre si, me auxiliando a ficar atento para temas que pudessem me escapar à memória.

O guia do *Lonely Planet* é o tema do terceiro capítulo. Devido a sua popularidade, julguei pertinente analisá-lo. O guia é uma referência para mochileiros e, para além de preços de passagem de ônibus e hospedagem, oferece possibilidades de trajetos e opiniões sobre a cultura do país visitado. Verificar quais são os destinos dignos de nota e quais as impressões do guia sobre o povo chinês é interessante para comparar com as entrevistas, traçando a relação entre o teórico e a prática. Pode-se indagar qual o grau de influência do guia e até que ponto ele é seguido. De certo modo, o que procuro examinar aqui é a existência de uma relação entre este guia e as viagens concretas de sujeitos específicos semelhante àqueles três níveis de observação definidos por Malinowski como presentes em qualquer etnografia: “Pois em todos os atos da vida tribal existe, primeiramente, a rotina prescrita pelo costume e pela tradição, depois temos o modo como ela é desenvolvida, e, finalmente, temos o comentário sobre ela, contido na mente do nativo” (1976: 45)

O último capítulo aborda a análise de campo em si. Inicio esboçando uma classificação dos viajantes. Sigo apontando como cada estilo de viajante corresponde a determinados tipos de hospedagem e a razão destas escolhas. Outro tema é o risco, a dizer, como mochileiros lidam com o desconhecido e a percepção de segurança ou não do mundo. Prossigo analisando a relação dos mochileiros entre si e com os nativos chineses. Adiante abordo a questão do memorável. Se viajar implica uma busca incessante de experiências, indaguei-me no que estas consistem, como se realizam e por que são memoráveis. A seção seguinte, de certo modo próxima ao memorável, remete à ideia de aprendizado. Se a resposta de que viajar ensina mais do que qualquer livro é uma constante entre os entrevistados, pergunto então do que trata tal aprendizado. Por fim, esbocei algumas características dos mochileiros, como o gosto pela aventura e a valorização de uma mentalidade “aberta”.

A conclusão está estruturada em três partes. A primeira busca identificar possíveis elementos de coesão, se é possível ou não classificar os mochileiros enquanto grupo. Se são um grupo, é em oposição a quem? Logo após teço comentários finais sobre a relação entre o mochileiro e o guia *Lonely Planet*. A parte final é uma consideração quanto àquilo que viajar tanto ensina, seguida de algumas perspectivas para futuros estudos.

1. TEORIZANDO SOBRE OS MOCHILEIROS: OLHARES DE DIVERSOS AUTORES SOBRE O TEMA

Dentre configurações de reconhecimento da alteridade, o turismo se apresenta como um dos mecanismos contemporâneos da afirmação de si, a ver pela sua popularização, diferentemente das viagens de aprendizado da aristocracia europeia dos séculos anteriores. A literatura antropológica aborda o turismo associado aos mais diversos aspectos e questões, como, por exemplo, nas duas últimas décadas, os temas da sustentabilidade, do ecoturismo e da prostituição (ver, por exemplo, STRONZA, 2001); mas segundo levantamento que realizei, há relativamente, poucos trabalhos sobre o fenômeno dos mochileiros. No Brasil, a bibliografia sobre este último tema é escassa, sendo necessário recorrer aos autores estrangeiros, principalmente de origem europeia, de onde, afinal, surgiram os mochileiros em meados dos anos 60. Os textos escolhidos visam, por um lado, mostrar especificidades do continente asiático e seus atrativos para este tipo de viagem como também ambicionam pincelar uma visão geral do fenômeno, ou seja, as características culturais dos mochileiros independentemente do local visitado, que seriam hipoteticamente recorrentes, seja numa viagem pelo Brasil ou pela China, como no caso do trabalho de campo desta dissertação. A escolha bibliográfica foi orientada pela ambição de reunir as duas polaridades: a especificidade da Ásia (e, conforme as entrevistas afirmarão, viajar pela China seria diferente de viajar pelo sudeste asiático) e os principais temas referenciais da chamada “cultura mochileira”.

Estes temas são constantemente construídos pelos mochileiros durante suas estadias em albergues e trânsitos por rodoviárias e estações de trem, uns com os outros. Por que viajam e o que de fato buscam na alteridade? Qual a relação entre os mochileiros, os estrangeiros e os nativos? De fato, a contraposição primordial evidente apontada pelos autores é a refutação, ao menos parcial, dos mochileiros em se identificarem enquanto turistas. E se a interação idealizada é com o nativo, as pesquisas acadêmicas revelam a importância fundamental do contato do mochileiro com seus pares: talvez o conhecimento do Outro “próximo”, ao invés do “distante”, seja o ganho da diversidade frequentemente apontado nas entrevistas. Os mochileiros formam um grupo? Em caso positivo, quais os critérios de adesão e as hierarquias vigentes, como estas formulações são negociadas por seus agentes, sempre transitórios num sistema de relações marcado pela efemeridade?

1.1. A viagem na sociedade de massas: os principais atributos do fenômeno turístico.

O livro de John Urry, “O Olhar do Turista: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas”, de 1990, traça um panorama histórico do hábito de viajar. O turismo se refere ao consumo de bens e de serviços que, em certo sentido, são desnecessários. São consumidos porque prazerosos. Há alguns pressupostos dos quais assinalarei três (p. 17-18): a) o turismo é uma atividade de lazer, que supõe o seu oposto, o trabalho regulamentado e organizado. Portanto, supõe-se uma separação das práticas sociais de trabalho e lazer; b) a viagem é uma permanência temporária, na qual existe uma clara intenção em “voltar para casa”; c) o olhar do turista é direcionado para aspectos da paisagem, seja campo ou cidade, que separam da experiência cotidiana.

O direcionamento do olhar do turista implica diferentes formas de padrões sociais, com formas de sensibilidades divergentes daquela cotidiana. Importantes ritos de passagem estão presentes em três estágios. O primeiro deles é a separação social e espacial do lugar normal de residência e dos laços sociais convencionais; o segundo é a liminaridade, onde o indivíduo encontra-se em uma “anti-estrutura”, quase como se estivesse fora do lugar e do tempo, uma vez que os laços convencionais são suspensos; e o terceiro é a reintegração ao grupo social anterior, habitualmente com um status mais elevado (p. 26). Alega-se que o turista busca a inversão da vida de todos os dias. O turista de classe média procurará ser “camponês por um dia”, enquanto o turista de classe média baixa procurará ser “rei ou rainha por um dia”. Ressalta-se, portanto, o contraste entre o familiar e o longínquo. O turismo resultaria, assim, de uma divisão binária básica entre o ordinário e o extraordinário.

O crescimento de um padrão mais organizado e rotineiro do trabalho levou, segundo Urry, referindo-se ao ocidente europeu, a tentativas de desenvolver uma correspondente racionalização do lazer. A regularização dos dias do lazer surgiu devido a uma modificação das horas diárias do trabalho e sua natureza. As formas típicas de recreação, de então, meados de 1860, consistiam em instrução educacional, exercícios físicos, artesanato, formação musical e excursões. Alguns padrões encaravam as férias como necessárias para um rendimento mais eficiente. Por outro lado, observa-se a melhora dos transportes públicos (a saber, o trem). À medida que o mercado turístico se desenvolveu, os veranistas mais ricos foram para outros lugares, buscando acomodações, paisagens superiores. Tirar férias é uma forma de consumo evidente, no qual as atribuições de status são feitas na base de onde uma pessoa ficou e depende, em parte, de como são as outras pessoas que também vão para o lugar que escolheu (p. 43). Ademais, Urry se refere ao “egoísmo estreito de um certo tipo de

queixa” sobre turistas que reclamam da massificação do turismo. Isto quer dizer: a maior parte dos grupos afetados pelo turismo de massa se beneficia dele, como viajantes pioneiros que usufruíram de serviços que outrora seria impossível obter, quando o número de turistas era pequeno (p. 66). Esses turistas reclamam da sujeira e destruição provocada em lugares pelo turismo em massa. As ações individualmente racionais dos outros fazem uma pessoa ficar em um estado pior e ela não pode evitar sua participação no processo de pular de um lugar para o outro. Ao longo do tempo ninguém fica em melhor situação por conta de tal consumo coagido.

Segundo o autor, o impacto social do turismo depende do cruzamento de fatores como: a) o número de turistas que visitam um lugar em relação ao tamanho da população hospedeira e à escolha dos objetos que estão sendo contemplados; b) o objeto do olhar do turista, que pode ser uma paisagem urbana ou campestre, um grupo étnico, locais de recreação, etc.; c) os efeitos do turismo sobre as atividades industriais e agrícolas preexistentes; d) a organização da indústria que se desenvolve para servir o olhar da massa; e) até que ponto os turistas podem ser identificados e culpados por certas implicações econômicas e sociais supostamente indesejáveis; dentre outras (p. 84-87). Assinalo, dentre estes fatores, a questão da adaptação dos turistas aos padrões locais. O autor argumenta que diversos visitantes solicitam determinados padrões de acomodação e serviço, como se permanecessem dentro de uma “bolha protetora” (aspas minhas) das características da sociedade que os acolhe. Essa exigência se faz notar sobretudo nos visitantes de pacotes turísticos, que não só esperam padrões ocidentais de acomodação e alimentação, mas igualmente um atendimento por parte de um pessoal bilíngue e um serviço bem organizado. Tais turistas raramente deixam a segurança da bolha protetora e, até certo ponto, são tratados como “crianças” (aspas do autor) dependentes pelos profissionais do turismo. O autor diz que em alguns lugares a cultura nativa é, de fato, perigosa (os exemplos utilizados são partes de Nova York e Florença). No entanto, essas exigências são menos pronunciadas entre turistas que viajam sozinhos e que são mais pobres, a exemplo dos estudantes, e aqueles visitantes para quem enfrentar determinadas situações faz parte da experiência do turismo.

Também existe relacionamento entre os elementos envolvidos nos serviços para turistas. De um lado, as práticas culturais do turismo, como um conjunto de atividades sociais preferidas, estruturadas por distinções de gosto. De outro, a variedade de serviços (p. 95). Existem variações quanto às expectativas dos diferentes consumidores. Por exemplo, em hotéis mais baratos, espera-se serviço rápido, mas em geral não há muita preocupação com a

qualidade. Em hotéis de luxo, espera-se que os garçons possam mesmo antecipar muito de uma extensa gama de solicitações (p. 99).

No mais, o olhar do turista é, intrinsecamente, parte da experiência contemporânea, da pós-modernidade, embora as práticas turísticas suscitadas passem por rápidas e significativas mudanças. As pessoas são “turistas” (aspas do autor) boa parte do tempo, quer gostem ou não, uma vez que o olhar do turista está cada vez mais ligado a todo tipo de práticas sociais e culturais que, em parte, não se distinguem delas (p. 118). As formas culturais pós-modernas não são consumidas em um estado de contemplação, a exemplo do que ocorre em um concerto clássico, mas de distração. A cultura pós-moderna afeta pelo impacto imediato, por meio de regimes de prazer e não das propriedades formais do material estético. Isto solapa qualquer distinção entre alta e baixa cultura (p. 120). A pós-modernidade é anti-hierárquica e se opõe a essas diferenciações verticais. Uma característica complementar é ser antiaurática, nos termos de Benjamin, para quem dizer que determinado fenômeno cultural tem uma aura implica que este é radicalmente separado do social. O pós-modernismo problematiza a distinção entre as representações e a realidade, resultando em inúmeros processos. Dentre estes, a significação é progressivamente figurativa ou visual, existindo um relacionamento mais próximo e íntimo entre a representação e a realidade do que quando a significação se exerce através das palavras e da música (p. 121).

Os consumidores do estilo pós-moderno são denominados por Urry como “classe prestadora de serviços” e outros trabalhadores de colarinho branco, incluindo novos grupos emergentes: a “nova burguesia” e a “nova pequena burguesia” (aspas do autor). Estes grupos têm um compromisso muito forte com a moda, com as rápidas transformações de estilo. São frequentemente móveis em termos de origem social e cultural. Trata-se de um desafio à cultura estabelecida, à alta cultura, enquanto a emergência de intelectuais célebres deslegitimizou as fontes tradicionais do capital cultural (p. 126).

Entre as páginas 132 e 133, o autor compara (p.132-133) a postura ambivalente desta classe média em relação ao “natural” (aspas do autor). Uma reflexão sobre o natural ou o real se evidencia pela “Campanha pelas Férias de Verdade”. Uma viagem de ônibus, por exemplo, não seria de verdade. As férias verdadeiras precisam de duas características fundamentais: a) visitar um lugar bem distante daqueles que o grosso da população estará visitando. Os exemplos incluem as ilhas Maldivas, a Síria ou a Bolívia. As verdadeiras férias pressupõem o olhar turístico romântico, com o efeito de incorporar quase tudo o que existe no mundo como parte da “periferia do prazer” (aspas do autor); b) o turista autêntico recorrerá a pequenas agências e operadores para ir até os lugares escolhidos.

Oriundo da pós-modernidade, surge o pós-turista. Tal pós-turista tem consciência da multiplicidade de escolhas e deleita-se com ela. Ele está liberto dos constrangimentos impostos pela alta cultura. Não há necessidade de criar um fetiche a partir de uma interpretação correta, pois o pós-turista gosta de brincar com a ideia de que todas as possibilidades são uma só. Ainda mais importante, o pós-turista sabe que é um turista, que o turismo é uma série de jogos com múltiplos textos e que não há experiência turística singular. Ele sabe que o folheto distribuído pelas agências tem tudo a ver com a cultura pop; que os divertimentos locais, aparentemente autênticos, são tão socialmente idealizados quanto a barreira étnica; que dada aldeia de pescadores, tão supostamente pitoresca e tradicional, não conseguiria sobreviver sem a renda obtida através do turismo, etc. (p. 139). É realista e sabe que não pode escapar de sua condição de intruso. A distinção entre o que agora é turismo e o que é cultura tornou-se relativamente pouco clara (p. 142).

O penúltimo capítulo inicia com dicotomias classificatórias dos lugares turísticos: entre elas, se são autênticos ou inautênticos. Com exemplo na Inglaterra, Urry diz que a tradição está exercendo um papel particularmente significativo no turismo britânico (p. 149). A Grã-Bretanha, ao invés de fabricar mercadorias, fabricaria tradição. O desenvolvimento da tradição envolve não apenas a reafirmação de valores antidemocráticos, mas também uma exaltação do declínio através de uma repressão à cultura do presente. Um modelo simples seria pensar que certos significados, tais como a nostalgia do passado, são transferidos de maneira nada ambígua para o visitante (p. 152). A história da tradição é distorcida devido ao predomínio da ênfase na visualização, no fato de se apresentar ao visitante um conjunto de artefatos, incluindo edificações e, em seguida, a tentativa de visualizar o padrão de vida que se teria estruturado em torno destes (p. 153). Neste tipo de narrativa, diversas experiências sociais são ignoradas ou banalizadas, como a guerra, a doença, a exploração etc.

Diante da ênfase dada ao consumo do turista como algo visual e ao significado das edificações como objeto para os quais é direcionado o olhar, é condizente pensar os padrões e formas que tais edificações podem assumir. Existem inúmeras arquiteturas pós-modernas e o impacto destas depende se são públicas ou particulares; os arquitetos e as práticas arquitetônicas são de extrema importância na constituição do olhar do turista contemporâneo e as práticas turísticas são levadas a sério pelos projetistas de construção. Finalmente, os turistas são socialmente diferenciados, logo, contemplam seletivamente os diferentes estilos arquitetônicos (p. 164).

Não obstante, devido à universalização do olhar do turista, todos os tipos de lugares (ou quase todos) passaram a estruturar-se como objetos do olhar do turista—ou seja, não

como centros de produção ou símbolos do poder, mas como lugares de prazer (p. 170). Fora das grandes cidades a universalização do olhar do turista fez com que a maior parte dos lugares exaltasse a diferença, por meio da redescoberta dos estilos vernaculares locais—e cada local será encarado sob várias perspectivas, com diferenças entre aquilo que os visitantes e os habitantes locais “enxergam” (aspas do autor) de um lugar e entre os pontos de vista dos antigos e novos moradores.

A análise de Urry prossegue para os museus (p. 173). O crescimento dos museus ocorre em detrimento de uma valorização do passado em comparação com o presente e o futuro. A atração exercida pelos museus aumenta à medida que as pessoas envelhecem. Portanto, o fato do Ocidente envelhecer contribui para o aumento e a diversidade dos museus. Houve uma ampliação notável dos objetos considerados dignos de serem preservados, graças à mudança do conceito da história. Houve um declínio do vigor de uma determinada história nacional que os museus nacionais passam a exemplificar. Em seu lugar, proliferaram histórias alternativas ou vernaculares (p. 175). Existem outras maneiras pelas quais as mostras de um museu atualmente são bem menos revestidas de certa aura. É comum revelar como determinada exposição foi preparada para exibição, até mesmo como foi concebida para parecer “autêntica” (aspas do autor). Existem inúmeros museus nos quais atores interpretam vários papéis históricos e interagem com os visitantes, fazendo com que mesmo estes participem de tais quadros históricos (p. 176). A soberania do consumidor e as novas tendências do gosto popular estão conspirando para transformar o papel social do museu. Não é uma questão de incorporar a alta cultura não-ambígua da qual está excluída a imensa maioria da população. Pelo contrário, os museus tornaram-se mais acessíveis, sobretudo para as classes prestadoras de serviço e a classe média. Parques temáticos, shopping centers, centros onde se comemora a tradição forçaram os museus a competir, a se tornarem muito mais direcionados para o mercado, obrigados a abrir lojas e cafés e a montar exposições espetaculares (p. 178). Certas exposições mesclam o museu e o teatro. Tudo é feito para parecer autêntico, até mesmo os odores, porém, na realidade, nada é autêntico.

Na segunda seção do último capítulo, o autor discute alguns modos pelos quais as gerações, o gênero e a etnicidade se interconectam com a classe. Desenvolvem-se preferências complexas em relação à gama de pessoas apropriadas que os diferentes grupos sociais esperam olhar em diferentes lugares e, por sua vez, diferentes expectativas são mantidas por diferentes grupos sociais em relação a quem são as pessoas apropriadas para olhá-los (p. 188). A ideia de “férias” supõe certas categorias, como, por exemplo, as primeiras formas de turismo de massa baseavam-se no casal heterossexual (p. 189), enquanto o material

de divulgação produzido pelas companhias britânicas mostra que os turistas são brancos. Simplesmente não existem fisionomias negras entre os que partem de férias. Se não existem rostos não-brancos nas fotografias, presume-se que eles são os “nativos exóticos” (aspas do autor) a serem contemplados (p. 190). E se um grupo étnico que vive em determinada região é algumas vezes idealizado e apresentado enquanto atração para o visitante, pode-se expressar esse fato afirmando que a diferença étnica, o exótico, pode algumas vezes funcionar como um tema (p. 193). E a criação de temas variados é uma capacidade da indústria do turismo. E, de certo modo, a tecnologia pode proporcionar mais realidade que a natureza (p. 196).

Essa capacidade tecnológica de criar novos temas que parecem mais reais do que o original espalhou-se a partir das atrações turísticas, começando pela Disneylândia e abrangendo os shoppings centers. As reais relações espaciais do globo são, assim, substituídas por relações espaciais imaginárias (p. 197). E isso só tem sido possível devido à difusão dos signos turísticos, especialmente a rápida circulação das imagens fotográficas. É este intercâmbio de signos que torna possível a construção de um tema, cada um dos quais parece mais real que o original, sobretudo devido ao modo como os centros de compra, em geral, enfatizam a novidade e a limpeza.

O trecho final do livro pensa a educação e o divertimento. O autor faz um levantamento do que escreveu anteriormente, de como o turismo foi sistematizado e organizado, enquanto antítese do trabalho, da instrução e do aprendizado. A exceção do padrão seria o *Grand Tour*, no qual participavam os filhos da elite. Não era uma atividade de lazer distante do trabalho porque tais viajantes não trabalhavam, tampouco implicava a ausência de conhecimento e instrução—elementos importantes desta viagem (p. 204). As férias atuais não contrastam tão profundamente com a educação e a instrução como no passado: boa parte do turismo está interconectado com a instrução, a ver pela popularidade progressiva dos museus, o fascínio pelas vidas dos trabalhadores industriais e as recriações históricas (p. 205). Finalmente, a trajetória de alguns países é determinada significativamente pelo turismo, como a Grécia e a Espanha. À medida que o turismo se transforma em uma grande indústria planetária, muitos ou a maioria dos países serão invadidos por uma onda turística. Tal onda não se confina a determinados lugares, mas nela quase todos os espaços, histórias e atividades sociais podem ser material e simbolicamente refeitas para o olhar que não cessa de devorar. Considerando Foucault, Urry alega que as sociedades contemporâneas se desenvolvem menos na base da vigilância e da normatização dos indivíduos e mais na base da democratização do olhar do turista e da espetacularização dos lugares (p. 208).

1.2 A busca de si e do outro: existe especificidade na Ásia?

A antropóloga do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), Suzanne Lallemant, percorreu, durante quinze anos em períodos esporádicos, regiões do sudeste asiático como Malásia, Sumatra, Java e Borneo. A pesquisa, formulada integralmente com base no caderno de campo, sem o auxílio de entrevistas, resultou em trabalho que se estrutura em quinze capítulos (LALLEMAND: 2010).

Os primeiros três capítulos descrevem as características do universo pesquisado, a dizer, quantos mochileiros há na região pesquisada, a faixa etária e nacionalidade médias, modos de financiamento da viagem e orçamento, origens sociais e nível educacional dos mochileiros, tempo de viagem, conteúdo da mochila, alimentação, circuitos percorridos e outras considerações de caráter mais objetivo.

Subjetividades, saudades dos amigos e da família e agonias existenciais entram nos capítulos seguintes. O mochilão pode ser visto como um rito de passagem da adolescência para a fase adulta, uma vez que, pela primeira vez, o jovem precisa lidar com gerenciamento de tempo e finança sem o auxílio dos pais? Viajar seria, portanto, uma espécie de rito de passagem à fase adulta para os ocidentais. O albergue é visto como a transfiguração de um “não-lugar” para um “hiper-lugar”.

Os mochileiros são individualistas ou gregários? Como se operam as relações entre si, uma vez que, com certa frequência, a viagem pode começar solitária, mas adquirir a companhia – temporária – de outros viajantes? Os mochileiros formam um grupo?

O livro segue discutindo a relação entre o mochileiro e o Outro, este último simbolizado na figura do turista, seu contraste mais evidente, do qual o primeiro anseia em se diferenciar, assim como do nativo. Do ponto de vista do nativo, tal diferença não existe: quando muito, são “turistas sem dinheiro”, o que incomoda os mochileiros. A autora trabalha com a ideia de “intermediários culturais”. Estes são os nativos empregados na indústria do turismo, como os recepcionistas dos albergues e agentes de viagens. Eles circulam na esfera de atividades do mochileiro e são o mais próximo que estes conseguem se aproximar da cultura nativa. Entre os intermediários culturais, existe uma dúbia relação de confiança, já que as informações podem contrastar com as dos outros mochileiros e dos guias de viagens estilo *Lonely Planet*. A busca por “autenticidade” no contato cultural é uma motivação motor da viagem que os intermediários, de certa forma, anulam, mas são os únicos recursos à disposição. Aliás, a própria autora indaga se os mochileiros, segundo seus próprios critérios, são “autênticos”.

“Mochileiro” tem outros sinônimos conforme o idioma, como “andarilho” ou “pouco gastador” (*itinérants* e *peu dépensiers*, em francês). Tal modo de viagem se originou na Europa há 40 anos, mas entre os mochileiros dos anos 60 e dos anos 90 (momento quando a pesquisa se inicia, até 2005), existe um salto qualitativo. Não se trata mais do próprio país ou um pedaço do próprio continente o objeto de investigação, mas o mundo inteiro e, particularmente, o “fim do mundo”. É uma mutação interna do visitante ou do visitado, já que a questão implica o deslocamento distante como fonte de transformação de si? Em diversos casos, os habitantes nativos pouco se comovem com os viajantes, mas os últimos passam por um importante processo de mudança, mesmo se eles tampouco se sentiram tocados profundamente pelo contato de uma ou outra cultura dos visitados. O mochileiro, segundo a autora, é uma espécie de irmão caçula do antropólogo, em sua primeira viagem juvenil, com seu projeto, antes, por vezes, de decidir um futuro profissional nas ciências sociais.

A autora se interessou em seguir os mochileiros e participar de suas atividades fugindo do estereotipo que, muitas vezes, os mochileiros têm de si mesmos ou os outros têm deles: que são sozinhos, livres de qualquer influência, fora do mercado, do consumo, e desejam conhecer a realidade, o cotidiano dos nativos nos países percorridos. A dicotomia com o turista lhe parece simplista. A oposição seria entre turista e viajante (não quer dizer mochileiro): o primeiro preso dentro de um cárcere voluntário de tempo e de lugar determinados anteriormente, o outro livre em seus atos de deslocamento.

A autora não realizou nenhuma entrevista. Os dados são frutos das propostas trocadas entre a autora e seus pesquisados, assim como da observação da conversa entre eles. As conversas em geral se deram nas salas comunais dos albergues sobre o emprego do tempo de viagem, os prazeres e decepções diários e a exposição de desejos próprios e lugares recentemente viajados. Para ela, o fato de ser mais velha, na casa dos cinquenta, potencialmente a afastava das conversas, mas isto pode ser amenizado por sua carreira de antropóloga. Supostamente uma autoridade em cultura e no homem, seu saber interessava aos entrevistados que viajam, teoricamente, em busca deste conhecimento.

O mochilão contemporâneo reitera o esquema aristocrático e burguês inglês dos séculos anteriores, no qual os filhos das famílias abastadas buscam uma maturidade, um complemento de instrução e saber viver nos países no sul da Europa, de preferência os latinos. Há duas diferenças essenciais: as mulheres são quase tão numerosas quanto os homens e, sobretudo, não há um preceptor. Os entrevistados estimam uma aberta contradição entre o projeto de viagem autônoma e o recurso financeiro dos pais, embora muitos admitam a necessidade. Entre o discurso e a realidade, existe uma diferença.

A autora frisa bastante a problemática entre o tempo ocioso (palavras dela, embora em francês tenha sentido menos pejorativo que em português) da viagem e a ausência no mercado de trabalho. Os mochileiros não se sentem preocupados em arrumar um emprego na volta, sobretudo os que já trabalhavam antes da viagem. Estes julgam ser fácil a readaptação, em frases no estilo “eu era bom no que fazia; com certeza consigo voltar ao emprego”. Ou então “um patrão inteligente pode julgar a viagem não como algo fútil, mas formador”. A despreocupação com o reingresso no mercado de trabalho também se justifica por critérios de prioridade. As falas “só se vive uma vez”, “sinto necessidade de viver” denotam uma prioridade em viver a vida presente em detrimento de planejar o futuro. Se mochileiros são corajosos e aventureiros, a autora destaca que o primeiro ato de coragem é renunciar à competição do mercado de trabalho. Para pessoas mais velhas, sobretudo a família, uma demissão voluntária do emprego em prol de uma viagem parece um ato perigoso, na qual a despreocupação juvenil não sabe medir as consequências. Ademais, embora costumeiramente o dinheiro arrecadado seja anterior à viagem, existem os mochileiros que conseguem dinheiro durante a viagem, em trabalhos menores ou comercializando objetos “exóticos” vindo de volta da Ásia para a Europa. Estes últimos são principalmente os de origem mais pobre, que não enxergam tanta diferença de oportunidade na Europa e na Ásia. Finalmente, um emprego “tradicional” não é o que buscam os mochileiros, ávidos em poder demonstrar autonomia e criatividade.

Segundo a autora, os mochileiros, classificados entre os que viajam por mais de três meses, ou seja, mais do que quaisquer férias escolares, correspondem a 10% do total de turistas. São cerca de 135 000 pessoas, por exemplo, na Indonésia em 1999. A estimativa leva em consideração os europeus, norte-americanos e australianos, desconsiderando os outros povos asiáticos, embora o turismo interno e dos países vizinhos corresponda ao maior número de viajantes. 80% dos mochileiros possuem entre 20 e 35 anos, sendo o ápice oscilando pelo final da casa dos 20 e início dos 30. Poucos são os que têm menos de 20 anos ou acima de 35. Para estes viajantes, ainda na relação com o trabalho, o que se ganha em um mês pode financiar mais de um mês nos países asiáticos, aumentando a atração pela viagem. São, em geral, oriundos dos quadros médios e superiores nas sociedades ocidentais, tanto intelectual quanto economicamente.

A duração da viagem é um dos fatores de maior contraste com o turista. As viagens mais longas implicam mais ambição, maior vontade de ruptura com o país de origem. As mais curtas denotam desejo maior de diversão pura e simples e menor preocupação com transformações internas de si. As viagens individuais costumeiramente foram precedidas por

outras viagens, em família, escolares ou em grupo, cuja duração se pode contar em dias ou semanas ao invés de meses e anos. Entretanto, elas iniciaram o jovem no contato com lugares e pessoas estrangeiras. Quanto mais longa a viagem, mais forte é a impressão de ruptura escolar e profissional com a vida anterior e menor é a percepção como simples deslocamento.

Os mochileiros manifestam um desejo “de urgência íntima” para a viagem. Não obstante, quando interrogados, os mochileiros insistem não apenas na vontade imensa de romper com o meio de vida habitual, mas também na oportunidade de fazer a viagem no momento e local oportunos. A viagem para um país distante é uma espécie de manifestação máxima e derradeira da juventude do sujeito, preparatória para a entrada no estado lúgubre de fundador de família e trabalhador organizado. Embora a juventude não seja obrigatória, existem certas expectativas sobre os viajantes mais velhos. A dizer, eles deveriam dispor de mais dinheiro, mesmo quando realizam um mochilão. Afinal, a pobreza particular do jovem mochileiro não se confunde jamais com uma pobreza intrínseca, não voluntária, como a do trabalhador que não logrou acumular nada na sociedade ocidental. Logo, aquele que, velho, viaja nas condições semelhantes às dos mochileiros assinala o fracasso econômico de toda sua existência. Outra razão na “urgência” de viajar jaz numa explicação externa, ao menos aos olhos do mochileiro. O mundo muda depressa, se globaliza rapidamente. “O que verei agora será abalado pela modernidade dentro de pouco tempo; é urgente estar aqui”, em uma tentativa nostálgica de ver a cultura “legítima”, sem “corrupção” externa. Estes são comentários que os entrevistados relatam à autora.

A relação entre necessidade e vontade enfatiza o uso bem parcial das agências de turismo locais. Primeiro, pelo gosto de independência; logo, por necessidade econômica. Os mochileiros não teriam como pagar às agências com frequência se desejam manter a viagem longa. Porém, há mais para isso. Longe de ser frustrante e humilhante, essa pobreza constitui, para alguns, a característica principal, reivindicada e modelando fortemente o conjunto dos contatos internos e externo. Perguntar quanto pagou é sempre aceitável e esperado no contexto deste estilo de viagem. É uma maneira de estabelecer critérios que facilitam a comparação das próprias experiências com a dos outros mochileiros. E quem paga menos, “ganha”, desde que não exagerado, cuja definição é porosa. O custo médio diário, durante a pesquisa, é de nove dólares. A necessidade de economizar possibilita a descoberta de lugares e hospedagens ainda preservados do afluxo de estrangeiros, portanto bem baratos. Não é apenas uma prova de desembaraço, de saber se virar, é também um modo de encontrar e se aproximar do nativo, reforçando a identidade tanto econômica quanto simbólica. A discussão sobre preços é para o jovem europeu um aprendizado quase obrigatório, que o prepara para o manuseio de finanças

quando retornar da viagem. Além do mais, o turista, no imaginário negativo do mochileiro, ao não barganhar com os nativos, ao aceitar qualquer preço por restaurantes e hospedagens, aceita uma posição depreciada, de objeto fácil de passar a perna. O mochileiro quer ser reconhecido como indivíduo respeitável e a luta contra os preços excessivos remete a um retorno à pureza dos tempos originais. Pagar mais do que julga devido é um símbolo de fracasso. Alguns fazem uma confusão obsessiva do bom e do belo com o barato. Mais do que isso: se os gastos escaparem ao controle e a viagem terminar antes do previsto, este é o símbolo máximo de fracasso. Implica o ridículo do falso viajante, incapaz de cumprir o longo salto ao desconhecido anunciado anteriormente. O próprio conteúdo da mochila demonstra certo ascetismo. Entretanto, tal conteúdo não se confunde com o estereotipo hippie. A geração atual dos jovens viajantes se caracteriza por ser discreta no vestuário. E entre pequenos “luxos” necessários ao orçamento, a autora destaca os bombons e chocolates das moças e a cerveja dos rapazes.

Embora exista um medo constante de estar em lugares desconhecidos sem falar o idioma local, assumi-los não é uma atitude típica. Os empecilhos materiais, desconfortos e dificuldades com interlocutores locais constituem o fundo das anedotas trocadas, mas carregadas de eufemismo, mediante um detalhe eventual, ao menos no tom do discurso, da conversa informal dentro do albergue. A imagem de independência, audácia e resistência que se oferece entre si uma classe de jovens em processo de amadurecimento não suportaria um enunciado por demais fraquejado dos problemas da viagem. O que se passa deve ser dominado, seja com uma dignidade reivindicadora ou pelo viés do deboche, em estilo jocoso. A narrativa do empecilho, ainda que de forma dramática, deve ser sóbria, sem exaltações. Faz parte do processo de maturidade lidar com possíveis doenças e desventuras (assim como os trabalhos antes de partir, a negociação de aprovação parental e a aceitação da solidão). Porém, tais empecilhos proporcionam o terreno fértil para uma sociabilidade intimista entre os mochileiros, na qual a intensidade não se limita à sua duração.

Pode-se indagar em que medida a demanda do jovem viajante ao embarcar para regiões distantes não integra certo misticismo. Viajar é importante, mas poucos sabem dizer exatamente por quais razões o é. A autora expõe as ideias de J. B. Allcock. Segundo este, em *Tourism as a Sacred Journey* (1988), sob um véu profano, algumas atividades escondem obscuramente valores religiosos, cujas marcas assinalam um comportamento unânime e ausência de questionamento. Nesta perspectiva, não há um “sagrado” coletivamente reverenciado de essência social totalmente em oposição à emoção reputada particular que leva o amador à conquista de uma paisagem. Afinal, frequentemente, os museus propõem não um

conjunto de processos sociais, mas uma coleção de objetos isolados, sagrados por si próprios. Tais sutis transposições de sentido culminam em certo conservadorismo social. Elas colocam o espectador a honrar o que o sistema dominante mostra como digno de reverência e impõem ao estrangeiro uma dócil celebração pública dos valores coletivos. No que tange aos monumentos, ruínas e museus, alguns mochileiros os evitam explicitamente, argumentando o conformismo social que representam. Muitos deles recusam compartilhar o espaço com aqueles que rotulam sob o epíteto de “turistas”, ou seja, grupos de adultos em viagens organizadas. Circula, por vezes, entre os mochileiros, a ideia de que a cultura histórica dos museus de um país funciona como uma contrapartida dos nativos: os vivos não estão no museu e, de qualquer modo, não mais possuem as aparências e hábitos que lhes são atribuídos. “Aprendi mais sobre os locais bebendo minha cerveja sentado na rua do que visitando os museus”, diz um mochileiro. “*Waste of time*”, revela uma norte-americana sobre um passeio feito a pé ou de ônibus através de antigas casas coletivas datando de mais de um século na região do povo *batak*. Deve-se admitir, no entanto, que salvo exceções, os mochileiros honram como os turistas as grandes atrações da cultura e da fé designadas pelos guias escritos ou os mochileiros que já os visitaram. O importante a frisar é que muitas destas atrações remetem à ideia de passividade das reminiscências escolares que lembram aos mochileiros os aspectos de rebanho daqueles que eles designam como turistas. Além do mercantilismo dos lugares com os gastos obrigatórios e as massas de pessoas que os fazem correr o risco de serem confundidos com os outros ocidentais. Mas entre dizer que tais atrações não fazem parte da preferência e que eles, de fato, não as frequentam, existe um abismo que o nível sociocultural do mochileiro médio não permite cruzar. Digamos que o caráter oficial do “sagrado público” de Allcock, salienta a autora, não atrai tanto o mochileiro em busca de um prestígio particular; ele tende a funcionar neste meio juvenil mais como “sagrado privado”.

Pode-se dizer que o elemento de transcendência incluído na demanda dos mochileiros não procede somente do contato com a riqueza histórica ou religiosa de um edifício ou do êxtase provocado por um crepúsculo ou pico de morro duramente alcançado, mas reside na trama mesmo dos contrastes do trajeto. O processo deve ser vencido por si mesmo, pensado como elemento de auto-valorização deste percurso até seu retorno. Tais peripécias são formuladas de maneira ingenuamente vaidosa, sugerindo uma modelação da experiência vivenciada. Esta tende a revelar aos outros ao redor o sentimento de uma mudança de si positiva, suscetível de cativar o outro. As experiências “que mudam a vida” devem ser difíceis de prever, para alguém considerado aberto, disponível, pouco prudente, mas aventureiro.

Pode-se pensar em um rito de passagem de “auto-iniciação”, processo esse que a autora sugere contribuir para que o contato com os outros mochileiros seja ainda mais importante do que o contato com os nativos. Ou, nas palavras da autora:

Bref, on n'est jamais initié mieux que par soi-même, et la grande originalité des populations occidentales en matière de rite de passage consiste à l'avoir pensé comme une auto-initiation. Partir dans l'inconnu en se fixant une date de retour assez éloignée est d'abord un pari courageux. Y ajouter le handicap de ressources modiques augment la difficulté initiatique, rendant possibles des situations de combativité propres à l'affirmation de la personnalité. Une progression autonome, un développement dû à des étapes volontairement choisies est affectivement attendu par nombre d'itinérants (LALLEMAND, 2010, p. 101)¹.

Enquanto os hotéis são vistos como “não-espço”, o albergue é um “hiper-espço”. Tais estabelecimentos recrutam “intermediários culturais”, indivíduos que transitam entre a tradição e a modernidade, conhecendo as normas culturais de seus clientes e de seus pares nativos. Com frequência são da mesma idade dos mochileiros e falam abertamente de suas vidas aos clientes. Logo, os mochileiros curiosos são satisfeitos por esta interface cultural e se sentem aceitos pelos nativos. Os albergues revelam a união entre a intimidade da esfera privada com uma excelente dinâmica comercial. Alguns donos de estabelecimentos demonstram solidariedade com o cliente: quando o último não dispõe de dinheiro, os primeiros pedem que deem aulas de inglês para sua equipe. No mais, quando bastante desconfortáveis, os albergues servem para que os mochileiros se sintam bravos, resistentes, adaptados a qualquer ambiente e ao desconforto.

As conversas no albergue, tanto dos mochileiros entre si quanto com os nativos que nele trabalham, são fáceis, superficiais e transitórias. As pessoas se encontram de modo efêmero, se tornam íntimas rapidamente e se separam sem grande cerimônia. Os mochileiros estabelecem rapidamente laços de amizade que facilitam o debate sobre os melhores locais para visitar, comer e dormir. Tal intensidade é um problema para alguns que se sentem continuamente separados daqueles a quem se afeiçoam. Parece contraditória a associação destes contatos utilitaristas à sua força afetiva. Em parte, isto se explica porque os mochileiros pensam ser conveniente desconfiar dos desconhecidos, exceto seus pares mochileiros.

¹ Logo, nunca se é melhor iniciado do que por si mesmo, e a grande originalidade das populações ocidentais em matéria de rito de passagem consiste em pensar o rito como uma auto-iniciação. Partir ao desconhecido com uma data de retorno bastante distante é, em primeira instância, um ato corajoso. Acrescenta-se nisto as dificuldades dos recursos modestos que aumentam a dificuldade iniciática, produzindo possibilidades de situações de combatividade condizente à afirmação da personalidade. Uma progressão autônoma, um desenvolvimento dado em etapas escolhidas voluntariamente é efetivamente esperado por diversos itinerantes (tradução minha).

A autora prossegue afirmando como é fácil a viagem solitária inicial agrupar mais pessoas: outros mochileiros que também viajam sozinhos. São encontros temporários durante trajetos em comum. As separações ocorrem “sem dramas”. A associação cessa e os mochileiros continuam a viajar separadamente, seja com novos associados, seja individualmente. Embora os laços de amizade construídos existam, não se pode esperar demais em rever estas pessoas: isto implica danificar demais a liberdade da viagem. Por outro lado, não se pode imaginar uma separação definitiva. É sempre possível reencontrar pelo caminho quando menos se espera. O número de mochileiros existentes gera certa segurança para iniciar a viagem, como o sentimento de segurança inerente à formação de um agrupamento.

No mais, quanto ao conhecimento do nativo, deve-se lembrar que o condenável nas viagens organizadas e aos turistas em grupo é precisamente a ausência de contato direto com os habitantes. Ainda que existam, tais contatos são mediados pelo pessoal de uma agência que opera uma espécie de barragem entre visitantes e visitados. Ademais, se para o mochileiro os nativos são novidades, estes nem sempre o são para os nativos acostumados aos turistas que os visitam. É possível que a indiferença não seja somente pela barreira do idioma. Ainda assim, uma característica forte entre mochileiros merece ser assinalada: o desejo provavelmente mais forte do que os outros grupos de estrangeiros em situação de lazer de se comunicar com as pessoas do país visitado. Eles sentem mais necessidade em aprender a língua local do que os viajantes em tours organizados e se esforçam mais para isso. Os relatos da gentileza dos nativos que se prestam a ajudar a melhoria na língua são comuns, apesar de fatores de diferentes naturezas interferindo para limitar as possibilidades de contato e troca entre visitantes e visitados. Resumindo, uma série de relatos indica curiosidade, frustração, deleite e vontade de comunicação que, por vezes, configuram os meios de aprendizagem verbal esgotando as possibilidades.

Da parte dos nativos, alguns buscam se legitimar para serem os requeridos “intermediários da cultura”, os interlocutores eleitos em contraposição ao resto da população. Não surpreende, portanto, a ambivalência da qual são objeto da parte dos mochileiros: ora amados, ora odiados. A ênfase em tal designação sugere que estes intermediários têm a função de “passar” de um universo ao outro. Mas esta prática, evidentemente, tem sua falha ao ser orientada, parcial. É difícil para o mochileiro evitá-los, mas são cautelosos em não conferir credibilidade exclusiva. Uma etapa superior consiste em entrar na morada do habitante. O ato é raro e difícil, e talvez por isso mesmo relatado aos demais mochileiros encontrados no caminho.

Existem também experiências negativas que impedem a relação entre os grupos. Pequenos furtos podem ocorrer e a suspeita de uma manipulação permanente é capaz de arruinar as ocasiões de contato com a manipulação dos estrangeiros pelos nativos. Entretanto, mesmo as experiências negativas culminam em contatos positivos que seriam impossíveis sem elas. O que começa mal termina bem. Outro meio de contato com o nativo é participando das festas locais. O sentimento de centralidade que os agrupamentos festivos dão aos seus hóspedes constitui, para estes, grandes momentos da viagem. Eles estão no coração de festividades seculares, não somente são aceitos, mas também são valorizados pela própria diferença. Para os nativos, a presença de mochileiro em suas festas é um símbolo de sua importância e por isso os aceitam de boa vontade na maioria dos casos. Entretanto, nem sempre o contato com os nativos é desejável. Estes podem ser impertinentes, flertando com as mulheres. Nestes casos, o silêncio e certa distância são apreciados. Seria, portanto, que o contato desejado por alguns mochileiros limite o nativo a se tornar um invisível prestador de serviços, apreciado quando útil e exótico e desprezado quando não interessante e inconveniente? Não deveria o nativo saber “manter-se no seu lugar”?

No mais, a autora aprofunda alegando que, ainda assim, os mochileiros se interessam muito mais pelos nativos e se esforçam para aprender o idioma e padrões culturais mais do que os turistas. E que relações amorosas estáveis entre mochileiros e nativos não são raras. Sobretudo, mochileiros se sentem indignados quando percebidos pelos nativos enquanto turistas. É uma incompreensão para aqueles que garantem desejar conhecer o país e não se divertir, que se sentem aventureiros e não “consumidores” passivos dos circuitos turísticos pré-pagos. Não sem razão, por vezes o mochileiro se sente reduzido ao estado detestável de “consumidor”. Ele quer ser amado (*aimer*, em francês, pode ser entendido como “gostar”, sem a intensidade toda de “amar” em português), e querem apenas seu dinheiro. O encontro desinteressado de relações econômicas é uma experiência máxima. E, em geral, quanto mais jovem, mais sensível e hostil é o mochileiro quanto a essa relação. Quando muito, alguns nativos distinguem os turistas “arrogantes”, que desprezam os lugares visitados, daqueles que se mostram amigáveis (*proud* contra *friendly*—escrito em inglês no livro). Mas, para a maior parte dos nativos, todos os estrangeiros do Ocidente são um conjunto de pessoas endinheiradas (*aisés*, em francês, que não quer dizer necessariamente “rico”, mas “de situação confortável”, “com dinheiro”).

Adiante, a autora segue na relação dos mochileiros entre si, marcada por forte informalidade e o uso do inglês como língua franca. “*At home, I would not talk to anyone, I did know, but here I talk to anyone who would listen*”, diz uma norte-americana (Lallemant,

2010, p. 170) Essa possibilidade, essa permissividade imediata da fala confere aos utilizadores um sentimento de liberdade e um prazer que os contatos sociais em seus países de origem não necessariamente garantem. E se o inglês é a língua franca, outros idiomas servem de pretexto para início de conversação. Por exemplo, pode-se alegar o desejo de aprimorar o conhecimento de francês para iniciar o diálogo: *comment allez-vous? I learned French at school but I forgot it*. Os temas de discussão variam, desde trajetos percorridos, os meios de transportes de uma cidade a outra, a quantia gasta, os problemas durante o percurso assim como descobertas estéticas e culturais. Mas não apenas isso. Falar de si, contar as próprias histórias, é o prazer supremo. É a construção de si aos olhos do outro, via a produção de um passado, a apresentação de uma situação complexa, insólita, na qual o interlocutor triunfa sobre dificuldades, brilhando por suas capacidades de rebelião permanente.

Entre os códigos morais e políticos dos mochileiros, são classificados como “liberais de esquerda” e “rousseaurianos”—o homem nasce livre, a sociedade o carrega de correntes. Os mochileiros detestam quando suspeitam que sejam racistas e rejeitam uma ideologia que desqualifique os nativos do país visitado. Se é um “progresso geracional” ou uma qualidade “intrínseca” dos mochileiros, o fato é que não se veem como racistas nem como crentes na superioridade tecnológica de suas culturas. Os mochileiros experimentam “de tudo”.

Há também a relação dos guias escritos de viagens, como o *Lonely Planet*, e o uso que deles é feito pelos mochileiros. Por vezes, os guias são recriminados por suprimirem o acaso, de quantificar o qualitativo (ao indicar os lugares dignos de visitar, de banalizar os trajetos e normatizar o tempo de visita). O uso, no entanto, é recorrente e é interessante pensar como essa clientela, jovem e móvel, se sente guiada. Se o guia banaliza, como um tio aconselha em tom humorístico sua sobrinha antes de viajar: “não siga o *Lonely Planet*”, suas informações são preciosas. O momento mais vulnerável do mochileiro é entre os deslocamentos de cidades: a viagem é longa, a mochila é pesada. O guia, por mais automatizado que seja, é melhor do que sucumbir às propostas de preços exagerados e mercantis oferecidas nas estações de trem e ônibus. No entanto, o guia, por mais que seja escolhido pelo seu aspecto utilitário (preços de acomodação e passagens), termina por guiar trajetos dos quais os mochileiros se aproveitam. Ou seja, a função também é estético-cultural. A ambição destes guias pode ser vista como totalitária: eles regem o que fazer e experimentar, decidem o sublime e o domesticam. Este imperialismo está longe de ser ressentido como tal pela categoria de utilizadores vista aqui. Diante de uma improvável liberdade criativa permanente de viajante (é de fato difícil dormir todos os dias na casa dos nativos ou em algum camping selvagem e não visitar as atrações turísticas principais)—tal liberdade é improvável em

continuum, mas não por intermitência. Os mochileiros optam humildemente pela liberdade de escolha do consumidor. Ademais, ainda que com injunções de aparência excessivamente normativas, o capricho do leitor as reorganiza; é impossível seguir todas as injunções propostas. A seleção, a escolha, garante a autonomia em um processo que seria considerado excessivo em chamado de “liberador”, mas que não deve ser subestimado. Não há um culto do livro entre os mochileiros. A curiosidade existe: o jovem mochileiro anseia por conhecer os detalhes das tradições passadas das regiões que atravessa—e ele atravessa várias. Ele busca experimentar as emoções diante da beleza das coisas e lugares, mas, justamente, sem intermediários.

L'observateur peut donc être légitimement étonné de ce que le jeune rebelle fuyant les routines se laisse piéger par les formes de tourisme les plus critiquées. Mais c'est oublier deux aspects importants de la démarche "routardière", à commencer par son aspect formateur, puisque doivent se multiplier les contacts avec ce qui n'as pas été encore vu. Qu'il y ait confusion sur la notion de connaissance et que la quantité de regards sur les lieux et les gens prévale sur la qualité ne fait pas doute; mais le voyage comme initiation est d'abord une opération de détachement. D'autre part, l'itinérance n'eset pas censée être pur plaisir, mais aussi effort et conquête. L'espace-temps doit y être maîtrisé, comme le par des personnages de Jules Vernes: quatre-ving jours pour um tour du monde, aujourd'hui temps convenable pour la vision de plusieurs pays asiatiques. Aussi, lorsque quelque individu d'une classe d'âge plus élevée et d'un autre statut de voyageur—l'horripilant touriste tel que le conçoit le routard, par exemple—demande maladroitement à l'un des sacs au dos s'il s'amuse, s'il a du bon temps ou si son périple est plaisant, risque-t-il le silence méprisant qu'aurait alors l'homme d'affaires ou l'envoyé special d'un quotidien. Le routard n'est pas là pour se distraire! (LALLEMAND, 2010, p. 205)².

Quanto à questão de se os mochileiros formam um grupo, leva-se em consideração que a decisão de viajar é individualista, mas a viagem costuma contar com seus pares. Os mochileiros são susceptíveis a constituir aquilo que os sociólogos denominam “pertencimento de referência”. É um pertencimento reivindicado por conta dos valores em comum, não necessariamente impedido por conta da multiplicidade dos lugares de origem e níveis educacionais. Esse grupo, sem membros permanentes e hierarquia instituída, dispõe no

² O observador pode então ficar legitimamente surpreso de que este jovem rebelde que escapa das rotinas se permite cair nas formas de turismo mais criticadas. Mas isto é esquecer dois aspectos importantes da jornada “mochileira”, a começar por seu aspecto formador, uma vez que deve multiplicar os contatos com aquilo que ainda não foi visto. Que existe confusão entre a noção de conhecimento e que a quantidade de olhares sobre os lugares e pessoas prevalece sobre a qualidade não deixa dúvida; mas a viagem como iniciação é em princípio uma operação de desprendimento. Por outro lado, o percurso não é julgado como puro prazer, mas também esforço e conquista. O espaço-tempo deve ser conquistado, como o par de personagens de Júlio Verne: oitenta dias para um tour do mundo, hoje, tempo razoável para a visão de diversos países asiáticos. Também, quando algum indivíduo de uma classe de idade mais elevada e de outro status de viajante—o temível turista como concebem os mochileiros, por exemplo—indaga descuidado a um dos mochileiros se ele se diverte, se passa um bom tempo ou se sua jornada é prazerosa, ele arrisca um desprezo silencioso como teria um homem de negócios ou um enviado especial de um jornal. O mochileiro não está lá para se distrair (tradução minha).

entanto de critérios de elegibilidade. Viajar bastante, com a mochila, gastando pouco: ainda que sejam critérios internos, uma vez que os nativos não distinguem a diferença. Dentro dos albergues, regras de comportamento e, sobretudo, confiança e honestidade para um grupo de indivíduos a milhares de quilômetros de distância do país natal, são imperativos. A liberdade de itinerário e a descontinuidade das presenças impedem uma formação real de hierarquia, mas os mochileiros mais “experientes” tendem a dominar assuntos em relação aos “novatos”. A rejeição no grupo não é grave vide a mudança ser constante. Os encontros estimados mais interessantes são entre mochileiros de caminhos opostos: uns voltando dos lugares para onde os outros se dirigem. Rever pessoas com circuitos paralelos também é apreciado quando existem reencontros. O livro distingue a relação dos mochileiros “de verdade” com outros jovens que viajam de mochila por pouco tempo - estes o fazem por “necessidade”, não por uma “vocação” de mochileiro. Há também os jovens com dinheiro que por vezes se misturam com os mochileiros em restaurantes e bares. A fronteira de grupo com estes é mais dúbia.

O estudo termina afirmando que o conhecimento de si e do mundo leva ao conhecimento do vizinho. Mais do que o encontro com o nativo, são os encontros dos mochileiros entre si, de seus vizinhos do Ocidente, que geram mais diálogos.

1.3. Turista ou viajante: narrando a identidade mochileira

O artigo *Tourist or Traveller? Narrating backpacker identity*, da antropóloga inglesa C. O’ Reilley, refere-se a uma etnografia com um grupo de mochileiros ao redor de quase todos os continentes do mundo. Com anos de pesquisa, a autora busca identificar elementos constantes em um grupo marcado pela efemeridade.

O ato de viajar por longa duração deixou de ser marginal e diferente para se tornar um rito de passagem implicado dos ideais de liberdade juvenil e desenvolvimento pessoal. O viajante médio, longe de corresponder ao estereótipo de hedonista e anarquista, é um europeu de classe média educado com obsessiva preocupação com o orçamento e seu controle. O mochileiro *drifter* é o viajante com o menor contato com o sistema de turismo convencional uma vez que não segue itinerário ou horários fixos, com orçamento limitado e mais inclinado a correr riscos.

Uma característica deste tipo de turismo é a busca tanto pelo Outro (*Other*) quanto pelo *Self* autênticos através da experiência e do espetáculo. O trabalho de campo realizado pela autora consistiu em onze meses de viagem por circuitos “clássicos” de mochileiros, como sudeste asiático, América Central, sul e leste da África, Índia, Austrália e Nova Zelândia, com

trinta entrevistas gravadas. Outras 23 entrevistas, não gravadas, foram realizadas em seu país natal, Inglaterra, com mochileiros retornados de viagem.

A autora focaliza nos mochileiros britânicos e do norte da Europa, predominantes nos circuitos viajantes. Norte-americanos, europeus do sul, israelenses e australianos seriam menos frequentes e com trajetos diferentes. As facilidades contemporâneas de viagem alcançam aqueles que, no passado, não seriam tão aventureiros para embarcar em viagens de longa duração, quando viajar era mais complicado e potencialmente mais perigoso. Logo, destinações mais “fáceis” são frequentes neste segmento de mochileiros. Apesar destes fatores, como a proximidade imediata com a casa via *lan houses*, a busca pela autenticidade é força motora das viagens dos mochileiros. Para os modernos, a realidade e a autenticidade se encontram em outros lugares, em contextos históricos diferentes, em outras culturas com estilo de vida mais simples e “puro”. Vilarejos que não são afetados pela modernidade motivam mochileiros, que acreditam no mito popular de que seus camponeses nunca viram o homem branco. É um paradoxo do mochileiro, que se sente em casa no mundo pós-moderno, mas busca um estilo de vida mais “real” que o próprio em países distantes. Nesta busca pela cultura “intocada”, se é verdade que o jovem mochileiro provavelmente apoia o discurso anti-globalização, o próprio ato de viajar contribui para esta. O viajante independente é o precursor do turismo de massa.

Mochileiros (definidos pela viagem de longa duração, o pouco conforto derivado do baixo orçamento e pelo pouco planejamento) utilizam-se dos privilégios dos turistas para o deslocamento internacional, mas flertam com a vagabundagem, mais ou menos voluntariamente. Os ideais de liberdade, mobilidade e independência são atribuídos aos que se denominam “viajantes” (*travellers*), em oposição ao turista, visto como seguidor de rebanho (*herd*). Denominar um mochileiro de turista pode ser ofensivo, embora alguns poucos se reconheçam como apenas um certo tipo de turista. Por vezes, a própria nomenclatura “mochileiro” (*backpacker*) pode ser pejorativa, implicando alguém que se hospeda em albergues imundos por falta de dinheiro e gasta boa parte do tempo bebendo, em festas e usando drogas ilícitas, sobretudo em rotas como o sudeste asiático, repleta de mochileiros que tiram um ano para viajar (em um fenômeno denominado *mass backpacker*) com seus guias do *Lonely Planet Southeast Asia in a shoestring* (famoso guia de mochileiros para o sudeste asiático). Para o viajante, a própria jornada é um objetivo em si, apesar do ganho de capital cultural e simbólico ser importante, algo que os turistas não conseguiriam. No entanto, é comum a reclamação de que, após a viagem, muito tenha mudado para si e nada em casa. E é preciso lidar com a pressão de voltar a ser “o que era antes”. Aventurar-se pelo tempo e

espaço é um elemento chave no processo de transformação do *self*, da experiência, assim como a superação do desconforto e da doença. Embora não buscados ativamente, não são evitados deliberadamente—para muitos, ambos compõem parte integral da experiência. Relatos de doença, situações perigosas e de risco são amuletos orgulhosamente vestidos por viajantes veteranos, tão importantes quanto a lista de países visitados e o tempo passado na estrada. A habilidade de transformar os capitais cultural e simbólico adquiridos na viagem em conteúdos usados em casa depende da habilidade de narrar experiências de modo apropriado. Neste sentido, os relatos de viajantes são mais que meras histórias—são o processo a partir do qual os viajantes se reinventam, comunicando suas novas identidades e aprimorando suas posições sociais.

1.4. Tipos de viagem e maneiras de ser viajante:

Camille C. O' Reilly (2006) prossegue, em outro artigo, *From Drifter to Gap Year: Mainstreaming the backpacker experience*, sugerindo maneiras, tipologias, de ser viajante. Para a autora, existem códigos refletindo graus de aderência ao “grupo”. Apesar de não se tratar de um conjunto institucionalizado de pessoas, existem comportamentos mais ou menos apreciados que distinguem os mochileiros daqueles que também viajam de modo semelhante.

Viajar por longo prazo deixou de ser uma atividade marginal, realizada por hippies ou por pessoas extremamente aventureiras. Muitos jovens percebem a viagem de longa duração como um rito de passagem, um ato de iniciação ou apelo de liberdade e aprimoramento de si antes de seguir uma posição estável na vida adulta. Como começou o aumento deste interesse?

A autora segue na definição de mochileiro seguindo os parâmetros do artigo precedente: viagem de longa duração (muitas vezes mais de seis meses), baixo orçamento, pouco planejamento e a repulsa em ser rotulado de “turista”. No entanto, com a popularidade das viagens estilo mochilão, algumas características remetem mais ao ideal do que a prática. Existem vários graus de planejamento, variando mesmo com o próprio indivíduo. E o ideal de percorrer o *off the beaten track* tampouco é efetivo, a ver pelo próprio aumento do fluxo de viajantes. A Tailândia fora outrora considerada um país de difícil acesso e, atualmente, está cheia de mochileiros. A viagem de longa duração é frequentemente apresentada como um meio de encontrar a si mesmo, de desenvolvimento pessoal e da própria identidade. Faz parte do projeto da modernidade de um ser reflexivo. Ainda que não conscientemente, também propaga o Grande Tour dos séculos XVIII e XIX, no qual o sujeito parte em viagem para se

cultivar. O mochilão é uma forma de Grande Tour acessível para camadas médias. Alguns indivíduos, com visões mais essencialistas do que seria um mochilão, acreditam que a viagem independente hoje se tornou “fácil” demais, logo o status adquirido diminuiu, sendo mais associável ao turismo de massa do que uma viagem genuína idealizada em um passado não muito distante. Se a viagem de mochila não é mais vista como uma vida alternativa, aventureira, também perdeu o estigma de ser vista como uma fuga adolescente das responsabilidades e do trabalho.

Segundo a autora, boa parte desta mudança de percepção sobre o ato de viajar se dá nas condições socioeconômicas da modernidade tardia. Estas condições pós-fordistas favorecem flexibilidade. Não há mais o trabalho da vida inteira, e com isso muitas das preocupações sobre a estrutura da carreira e a progressão nesta desaparecem. As novas condições de emprego possuem muitas desvantagens, como a sensação de insegurança e incerteza sobre o futuro. No entanto, uma vantagem é a facilidade relativa na qual as pessoas podem postergar a entrada no mercado de trabalho ou mesmo suspender a carreira temporariamente para viajar durante períodos longos. Nos últimos 15 anos, de relativa afluência no Ocidente, mais jovens conseguiram juntar dinheiro para embarcar em tais viagens (e, para alguns, os pais podem parcialmente subsidiar a viagem).

Mesmo os viajantes menos aventureiros se sentem à vontade em passar um final de semana na Espanha ou na Grécia—ou inclusive em lugares distantes como a Tailândia e a Austrália. O envio de e-mails e o uso de telefones celulares que permitem contato imediato em certas partes do mundo tornam a viagem mais acessível. Neste aspecto, com mais pessoas viajando, todo mundo tem um conhecido que já fez um mochilão longo. Pelo menos, um conhecido de um conhecido. Tudo isto faz da viagem não um sonho distante, mas algo que uma pessoa comum pode fazer.

Dentre todos os variados tipos de mochileiros que surgiram com essa popularização, torna-se perigoso cair nos estereótipos do hippie “desapegado” dos estilos de vida mais convencionais ou do jovem hedonista. A autora propõe uma categorização em cinco tipos ideais: o *professional backpacker*, o *gap year backpacker*, o *life crisis backpacker*, o *partier* e o *short-term backpacker*.

Para o “mochileiro profissional” (*professional backpacker*), viajar não é tanto uma atividade de lazer quanto uma experiência com propósitos hedonistas ou espirituais, tendo precedência sobre todos os outros projetos na vida. Carreiras e relacionamentos são frequentemente postos de lados ou jamais perseguidos para começar. A jornada é geralmente deixada sem fim previsto com longos períodos de tempo passados longe de casa, medidos em

anos ao invés de meses. O mochileiro profissional é quem mais se assemelha ao hippie viajante dos anos 60 e 70. O retorno para casa ou uma parada em um país ocidental para trabalhar é visto mais como um meio temporário para um fim —conseguir recursos para voltar a viajar—ao invés de um retorno para “a vida normal”. Esse tipo de mochileiro está no fim distante do *continuum* de independência, precisando bem pouco das instituições de orientação turística.

Os mochileiros de “um ano fora” (*gap year backpacker*) usam o fim de uma significativa parte da vida como uma oportunidade para viajar, normalmente depois de terminar a escola secundária ou a universidade. Ao invés de ser uma escolha de estilo de vida, viajar é visto como a extensão de sua educação e/ ou uma tirada final (*final fling*) antes de adentrar o mercado de trabalho. Mochileiros de “um ano fora” costumam permanecer menos tempo na estrada do que os profissionais—geralmente, por seis meses ou menos, mas às vezes alcançando um ano—com uma data de retorno mais definida. Parcialmente por conta do período relativamente mais curto de viagem, há uma tendência a ter um planejamento maior ao menos em termos de rota geral e datas de deslocamento. Alguns *gap years* passam parte do tempo envolvidos em formas institucionalizadas de viagem, como voluntários em projetos ou em viagens por terra organizadas por companhias especializadas, enquanto outros tendem para a experiência desorganizada e caótica do mochilão. Na maior parte, estes mochileiros tendem a estar na outra ponta do *continuum* em relação ao mochileiro profissional, felizes em usar serviços para eles, como transportes de mochileiros, cafés, miniviagens, atividades de aventura e albergues.

O mochileiro de vida em crise (*life crisis backpacker*) responde a uma significativa ruptura ao tomar a decisão de viajar, por exemplo, depois de receber uma herança ou ao terminar um relacionamento. Alguns respondem a uma vaga sensação de desconforto ou insatisfação com a vida, mas todos partilham o desejo comum de crescimento pessoal, cura ou escapada. O tempo de permanência na estrada tende a ser de seis meses para cima, às vezes com uma data de retorno indefinida. O mochileiro com vida em crise normalmente espera que a viagem resulte em uma transformação de si, possivelmente uma mudança significativa no rumo da vida após o retorno para casa. Eles estão mais equidistantes espalhados no *continuum* de independência e usufruto dos serviços da indústria de turismo.

O festeiro (*partier*) tem como objetivo principal um local que tenha sol, uma praia, cerveja barata e (frequentemente) drogas. O modo de viajar se assemelha a um feriado para um local de dança popular, como Ibiza, e é distinto do modo de viajar dos outros tipos de mochileiros. Embora muitos mochileiros usem drogas e frequentem festas quando na estrada,

particularmente em destinos conhecidos como Goa e as ilhas da Tailândia, para muitos não é o propósito principal da viagem. Em contraste, o festeiro viaja precisamente para isto. Festeiros viajam por meses ao invés de anos, geralmente voltando para casa quando o dinheiro acaba. Eles não são típicos na participação de formas mais institucionalizadas de turismo mochileiro, mas tendem a ficar em áreas de ocupação massiva de mochileiros e, portanto, têm uma variedade de instalações (ou seja, facilidades proporcionadas pelos circuitos mochileiros) como albergues, clubes e bares e atividades de aventuras.

O mochileiro de curto prazo (*short-term backpacker*) prefere viajar independentemente e com orçamento baixo, mas por qualquer que seja o motivo, o faz por um tempo relativamente curto. Diferentemente do profissional, outros projetos de vida têm preferência, mas não diminuem o desejo de viajar. Apesar do tempo de viagem se assemelhar mais com um passeio ou feriado longo, a ênfase na experiência e na transformação de si é parecida com aquelas do profissional, do *gap year* e da “vida em crise”. Ao viajar por semanas ou um mês a cada vez, mais planejamento antecipado é necessário. No entanto, mochileiros de curto prazo não necessariamente dependem mais das infraestruturas turísticas. Os viajantes de curto prazo podem testar suas habilidades de viagem antes de se aventurar em uma jornada mais longa, ou então já fizeram viagens mais longas no passado. Outros não querem uma viagem longa, mas ainda desejam a liberdade e a potencial excitação que uma viagem de mochilão promete.

O'Reilly indica que evidentemente, existem variações. O mesmo indivíduo pode mudar seu estilo de viajar ao longo da vida ou dependendo da região geográfica visitada. Um mochileiro que em princípio viaja por apenas um ano pode se tornar profissional, como um profissional pode se acalmar e passar a viajar menos. Alguém pode viajar de modo mais *mainstream* no continente nativo e ser mais aventureiro em um continente distante.

E coloca ainda que o desenvolvimento contínuo de uma identidade de si reflexiva e a habilidade de projetar atributos desejáveis de uma estética cosmopolita são benefícios chave na experiência do mochilão, e são estes que podem ter um impacto na trajetória de vida das pessoas. E, conforme viajar de mochilão se transformou de alternativo para *mainstream*, o status adquirido também sofreu transferências. Há bastante tempo é visto como “legal” viajar independente, por exemplo, na estrada para a Índia nos anos 1970 vividamente descrita por Tomory (1998). Mas apenas mais recentemente essa *coolness* tem sido mais percebida e aceita. A experiência gradualmente migrou das margens para o *mainstream* como uma atividade “alternativa” aceitável, auxiliada, conscientemente ou não, pela analogia com o Grande Tour e seu ideal de viajar como educacional, fazendo do viajante um indivíduo mais

cultivado. Ironicamente, agora que adentrou o *mainstream*, viajar de mochilão se torna progressivamente ordinário e, portanto, menos aventureiro, colocando em xeque as mesmas características que fizeram do mochilão um atribuidor de status.

1.5. Por uma etnografia mochileira: quando o “nativo” é passageiro

O antropólogo dinamarquês Anders Sørensen, pesquisador do *Centre for Regional and Tourism Research*, na Dinamarca, também realizou diversas viagens em diferentes países do mundo. Para ele, no artigo *Backpacker Ethnography* (2003), a questão fundamental é compreender a configuração de grupos cujos membros são passageiros e o estabelecimento de regras e padrões comportamentais sempre renováveis conforme se processam as interações entre mochileiros. Isto ocorre devido ao “status da estrada”.

O artigo começa com um depoimento de um viajante alemão: “para mim, *Khao San Road* não tem nada a ver com a verdadeira Tailândia. São lojas, hotéis, restaurantes e um monte de pessoas que se denominam viajantes, mas sendo extorquidas de qualquer modo. Mas tem o que você precisar e ótima comida, e é um ótimo local para conhecer outros viajantes. Sempre ando pela *Khao San* quando estou em Bangkok” (SØRENSEN, 2004, p.78, tradução minha).

Segundo esse autor, o sudeste asiático é a área mais popular para mochileiros internacionais, sendo Bangkok a principal via de acesso. De duas pequenas *guesthouses* no início dos anos 80, hoje existem centenas na *Khao San Road*, junto de restaurantes, agências de viagem, *lan houses* e mais. A área de *Khao San* ilustra o crescimento mundial do turismo mochileiro nas últimas duas décadas. Ainda assim, poucos estudos documentam tal crescimento, apesar de estimativas de que os mochileiros representem 8% dos viajantes internacionais em alguns países como a Austrália, por exemplo: o fenômeno escapa às categorias estatísticas do turismo convencional. No entanto, para além de confirmação quantitativa, fatores qualitativos expõem o desenvolvimento, como o crescimento dos guias de viagens para mochileiros e serviços de infraestrutura, em casa e no exterior. O difícil é pensar uma homogeneização do mochileiro. Em lugares populares como a *Khao San Road*, podem-se observar interações e agrupamentos de personagens díspares, como o bem-educado jovem ocidental numa viagem longa e distante de sua sociedade afluenta, graduados do Ensino Médio tirando um ano de viagem, israelenses quites com o serviço militar, estudantes universitários de férias ou em retiradas sabáticas, jovens japoneses em trajes de rito de passagem, viajantes comuns (*ordinary holidaymakers*), ex-voluntários de diversas

organizações etc. A heterogeneidade é manifesta, seja percebida em termos de nacionalidade, idade, propósito, motivação, organização da viagem ou posição na vida. Ainda assim, a maioria destes indivíduos reconhece a própria condição de mochileiro ou viajante de baixo orçamento (*backpackers* e *budget travelers*), mesmo que alguns destes não aceitem tais rótulos ou reajam a estes.

Segundo Sørensen, esse complexo — os sistemas humanos de significado e diferença e a organização da diversidade (ao invés da replicação da uniformidade) que produzem estruturas de significado—estaria no centro de recentes avanços na conceituação de cultura. Portanto, seria proveitoso utilizar o conceito de cultura para compreender o turismo mochileiro, sendo a cultura mochileira não apenas vista como a cultura de pessoas categorizadas como mochileiras, mas reconhecida como essencial na contínua recriação da categoria do que significa ser mochileiro. Trata-se de uma “cultura” que classifica previamente alguns de seus componentes, mas é moldada por estes sem cessar, a ver pela heterogeneidade dos grupos e a adesão passageira.

O estudo do autor se baseia em 23 meses de participação observante entre mochileiros, com viagens durando desde dois até sete meses (princiando em 1990). Os lugares incluem o Leste da África, Índia, Oriente Médio, África do Norte e sudeste asiático, com percursos rápidos em regiões populares entre mochileiros na Europa.

Tipicamente, o sujeito etnográfico é delimitado seja por uma localização ou por um *continuum* coesivo de interação social dentro de um grupo definido claramente com uma mudança limitada de indivíduos. Mochileiros não se enquadram nas duas demarcações. Ao invés de prolongada interação social de um grupo estável, seja móvel ou permanente, eles são caracterizados pela interação dentro de um grupo de composição errática com uma extensa mudança de indivíduos. Metodologicamente, isto torna impossível uma aderência ao campo etnográfico convencional, com prolongada interação e observação de um dado conjunto de informantes. Isto torna o trabalho de campo mais dependente de entrevistas e de outros tipos de extração de informação. Ser mochileiro é uma construção social, sendo portanto um objeto óbvio para indagação etnográfica.

Os mochileiros de Sørensen são, em maior parte, oriundos do norte da Europa e Canadá (os Estados Unidos estão proporcionalmente menos representados), assim como Austrália e Nova Zelândia, embora existam muitos mochileiros do Japão e de Israel. Sobre o gênero, a porcentagem pode variar desde metades iguais até uma preponderância de 60% de homens sobre 40% das mulheres em algumas regiões. A vasta maioria dos mochileiros possui entre 18 e 33 anos. A impressão é que a maioria oscila entre 22 e 27 anos. Isto é condizente

com a impressão de que muitos, senão a maioria, completaram uma educação e trabalharam por alguns anos antes de embarcar numa primeira viagem de mochilão. Mochileiros apresentam um nível educacional igual ou superior ao geral de seus países de origem.

Segundo a pesquisa desse autor, mochileiros contemporâneos não são desviantes no sentido empregado nos anos 70. Pode-se dizer que são os pilares da sociedade (ou ao menos serão no futuro), em escapadas temporárias, mas com claras intenções de retorno para vida normal. Mesmo os que se declaram mais relutantes admitem uma data máxima de retorno. A viagem costuma durar de dois meses e meio até dezoito meses; poucas duram mais do que este limite. Por outro lado, dois meses e meio é o período demarcatório socialmente que distingue o verdadeiro mochileiro daquele que viaja no estilo mochilão, mas não consegue romper com as estruturas padronizadas de trabalho e férias.

Embora sejam comuns interpretações de que o mochilão é um período transicional na vida entre carreira e relacionamentos, o autor acredita que a causalidade reversa é mais aplicável. As entrevistas demonstram que a situação transicional é verdadeira, mas seguindo pelo outro lado: o desejo de viajar fez com que os mochileiros abandonassem seus trabalhos e rompessem relacionamentos. O desejo é de se fazer algo urgente, o período transicional é provocado intencionalmente, para depois se fixar. Aliado a isto, também existe a sensação de certo desaparecimento das diferenças culturais, no sentido de que se a viagem for postergada por muito tempo, o mundo terá se ocidentalizado por completo (*vanishing worlds*). É um desejo urgente de ir além da normalidade antes que seja tarde demais. Isto é mais lógico, já que a viagem é uma aventura planejada. Poucos têm os meios econômicos necessários para rapidamente decidir sobre uma viagem prolongada. Em suma, é um rito de passagem auto-imposto, mas seria redutor utilizar tal conceito como explicação única. Afinal, tais ritos poderiam se modelar de outro modo além da viagem.

O autor segue indicando que, se muitos mochileiros viajam sozinhos ou com apenas um acompanhante (amigo ou cônjuge), na realidade a maioria passa o tempo com outros mochileiros encontrados durante a viagem. É comum criar laços de amizade, viajar juntos por alguns dias ou semanas, separar para depois se unir com outros novamente. Amizades são criadas rapidamente e grupos de viagem são formados e dissolvidos quase instantaneamente. No entanto, o comportamento não é sem regulação, mas circunscrito pelas normas e valores da cultura mochileira. A ênfase recai em auto-organização, nomadismo e planos flexíveis susceptíveis a mudanças rápidas.

O modo de viajar é a única “coisa” que eles compartilham, logo, as conversas se centram sobre viagens. Métodos e práticas de viajar são importantes já que constituem o único

assunto certo e compartilhado de conversação. Disto emergem normas, hierarquias e condutas desta cultura, transmitidas dos mais experientes aos mais novatos, ainda que sem instituições sociais fixas e permanentes. É um exemplo de como a cultura, ao invés de fixada em estruturas de unificação, é concebida como negociável, manipulável em sistemas de mudança. O indivíduo tem um papel ativo, de alguém que produz cultura e não apenas a representa. Em outras palavras, a cultura precisa ter a permissão de viajar.

A cultura viajante (*travel culture*) e o “status da estrada” (*road status*) são obtidos de diversos modos: pagando preços locais, adquirindo as melhores ofertas, viajando para fora dos lugares “batidos”, viajando por bastante tempo, encarando doenças e experiências perigosas etc. Resumindo, compreende dificuldades, experiência, competência, viajar barato, assim como a habilidade de comunicação apropriada. Um exemplo de como o “status da estrada” é comunicado se dá através dos trajes e equipamentos vestidos por muitos mochileiros. Pode ser que para os de fora eles pareçam esfarrapados, mas dentro do grupo o visual confere experiência e resistência. É importante contrastar o uso de roupas velhas com a frequência dos banhos. Por vezes o visual “largado” é artificialmente criado no início da viagem para não parecer novato. Isto serve para demonstrar o fator mais importante do “status da estrada”: a habilidade de viajar barato, uma vez que muitos mochileiros possuem situações financeiras melhores do que as aparências sugerem. Por mais que a intenção explicitada seja não pagar mais do que os nativos, o que de fato realmente importa é não pagar mais do que os demais mochileiros. Uma consequência particular é a mentira a respeito dos preços. Mochileiros admitem abaixar os preços quando passam informações.

Sørensen coloca que evidentemente, o status da estrada não é permanente e precisa ser comunicado continuamente, à medida em que os encontros entre mochileiros se renovam. A hierarquia é mais um processo que produz identidade cultural compartilhada do que estrutura.

Dentre os recursos de informação utilizados, consta o guia *Lonely Planet* e sua posição simbólica nos debates gerais. Afinal, o guia simboliza certo estilo de usuário, com suas atividades, normas e valores. Por vezes os guias são criticados por simbolizarem um viajante menos experiente, que frequenta lugares “batidos” para os mais experientes. É também uma forma de rearranjar o status da estrada. A Internet é outro recurso, permitindo que mochileiros que se encontraram em determinada cidade se encontrem novamente, mais adiante no trajeto. Além do mais, é possível o mochileiro que voltou para casa manter contato com aqueles que ainda estão viajando, permeando a transição da identidade de viajante e não viajante. Por outro lado, a recorrente comunicação com o ambiente caseiro permitido pela Internet presenteia o viajante com a situação de mochileiro e a normalidade de não mochileiro ainda

durante a viagem. Neste sentido, o impacto da Internet ultrapassa questões técnicas de comunicação. Provavelmente, o impacto tem ressonância nas concepções de distância, mudando a compreensão e o tipo de quadro liminar que a experiência do mochilão tipifica.

Coloca o autor que um fenômeno crescente (mas não necessariamente recente) advindo da popularização do turismo é o mochilão de curta duração. São indivíduos que viajam nos moldes do mochilão, mas através dos padrões cíclicos dos feriados e férias. No mais, é importante notar que muitos sabem como o sistema funciona e se adaptam rapidamente ao estilo mochileiro porque têm experiências passadas. Estes indivíduos escolhem viajar deste modo porque aprenderam a apreciar os valores de independência e flexibilidade adquiridos em viagens passadas. O fenômeno ilustra como uma experiência de mochilão influencia os padrões de demanda e consumo de um indivíduo. Há duas coisas em que o turista tradicional não consegue se igualar ao mochileiro: mais tempo e menos dinheiro.

O status da estrada foi identificado como um fenômeno chave na compreensão da cultura mochileira, apesar de em constante mudança por seus agentes efêmeros. A observação participante do autor ao longo da década confirmou que a cultura mochileira é reconhecível independentemente das mudanças. O seu estudo dos mochileiros demonstra o mérito de um conceito de cultura no qual o indivíduo tanto representa quanto produz a cultura, e que não precisa necessariamente ser encadeado em um local ou grupo fixo, mas primeiramente pode ser visto como ocorrendo quando ativado por circunstâncias sociais.

2. DESTINO CHINA: PERCORRENDO A TERRA NO CENTRO DO MUNDO

A vontade de conhecer a China se dava pelo fato de ainda não ter viajado pela Ásia. Passei os primeiros meses de 2011 me decidindo entre a Índia e a China, os dois maiores países do continente. Justamente por conhecer um amigo que já viajou por três meses pela Índia, optei pela China. Foram 103 dias de viagem, entre 12 de dezembro de 2011 e 24 de março de 2012. Para além da China, imprevistos com o visto me impulsionaram a atravessar rapidamente Laos, Tailândia, Camboja e Vietnã. Se, primeiramente, pensei que essa travessia pudesse atrapalhar a pesquisa—afinal, me predispus a entrevistar mochileiros na China –, julgo agora que a comparação pode ser enriquecedora. Não é necessariamente o mesmo público. Conforme pensara antes mesmo de embarcar no avião, os viajantes na China costumam ser mais experientes, realizaram outras viagens longas antes de visitar a Terra do Centro do Mundo. Possivelmente, minhas próprias experiências de viajante anteriores contribuíram para a escolha da China.

Na China, iniciei a viagem por Xangai e visitei seus arredores, como Suzhou e Tongli. Adiante, segui para a capital Pequim. De lá, passei por Pingyao, Luoyang e Wuhan. Observo que estive na China durante o inverno. Até este ponto da viagem, boa parte dos mochileiros entrevistados estava na China conciliando estudos e trabalhos com a viagem. Quero dizer com isto que poucos se enquadravam no “tipo ideal” de mochileiro na minha mente, ou seja, viajantes percorrendo o país somente pelo bel prazer de viajar. Isto inclui Pequim, cujo albergue se encontrava bastante vazio, apesar de ser o ponto de partida para visitar a Grande Muralha da China, a maior atração nacional e talvez do planeta, após ser classificada em primeiro lugar nas Novas Sete Maravilhas do Mundo, em 2007. Não digo que não havia turistas em Pequim, apenas que não havia muitos do tipo mochileiro. Percorrendo a cidade, encontrei diversos estrangeiros, mas tanto o albergue no qual me hospedei quanto outros dois visitados estavam bastante vazios. Em Pingyao, cidade histórica cuja principal fonte de renda é o turismo, cheguei a ser o único estrangeiro no albergue em plena sexta-feira à noite. O mês de janeiro coincide com o Ano Novo Chinês (23 de janeiro em 2012). Trata-se da maior migração humana do mundo, com rodoviárias e ferroviárias lotadas de tantos chineses viajando não apenas para visitar familiares, mas para simplesmente aproveitar as férias. Onde estavam os estrangeiros? Ou melhor, os estrangeiros correspondentes ao meu imaginário de “mochileiro”? E este imaginário não era uma visão estereotipada aleatória, pois conheci diversos mochileiros em viagens anteriores, pelas Américas, Europa e África do Norte. Será

que a China realmente era só para “os mais experientes” e eu simplesmente não conseguia localizá-los?

Não foi uma intenção a priori estabelecer o albergue como o local privilegiado para as entrevistas. Em mochilões passados, conheci muita gente nas estações de trem, se deslocando de um lugar para outro e mesmo nos bares e restaurantes. Na China, sentia-me sempre o estrangeiro solitário dentro dos vagões de trem. E, dadas as dificuldades dos chineses em conversar em inglês, as horas de trem foram realmente solitárias. Pelo mesmo motivo, pensei em entrevistar os viajantes chineses, para, ao menos não desperdiçar oportunidades de coleta de material de pesquisa, mas o empecilho do idioma constituiu realmente uma barreira intransponível. Com exceção dos recepcionistas dos albergues, conheci cerca de cinco chineses capazes de conversar em inglês. O único verdadeiramente fluente cursou graduação no Canadá (e é meu único entrevistado chinês, já que ele partia para alguns meses na Índia e Nepal, de mochilão). Levei o caderno de campo pensando em justamente relatar as conversas de bares e viagens de trens. Em vão. Até chegar em Laos, somente nos albergues conseguia encontrar outros mochileiros. Ainda em Pingyao, almejava traçar a pesquisa o “mais natural” possível, com isso quero dizer: que a diferença entre viajar enquanto pesquisador e viajar enquanto mochileiro fosse invisível. As entrevistas deveriam ser informais, sem sobrepor o caderno de campo. Pareceu-me que, sem “agressividade”, a pesquisa seria infrutífera. Os dados não viriam até mim. Sei que, teoricamente, é uma afirmação um tanto óbvia, mas a percepção concreta da situação se cristalizou apenas com algumas semanas de viagem. De Pingyao, com seus onze graus negativos, rumei ao sul para Luoyang e Wuhan. Com um pouco mais de um mês de viagem, cheguei em Hong Kong. A China, país maior que o Brasil, apresenta uma imensa variação climática. Enquanto Pequim estava debaixo de neve, Hong Kong brilhava com vinte e poucos graus. O cenário mudou. Os mochileiros apareceram em maior quantidade.

A matemática não é complicada. Se a viagem é longa, eles visitaram o norte da China antes de esfriar ou, ao contrário, começavam pelo sul, subindo somente a partir da segunda metade de fevereiro. Em Hong Kong e Macau conheci mais mochileiros que viajavam somente pelo bel prazer da viagem, sem intuítos de trabalho ou estudo, inclusive o primeiro casal de brasileiros avistado. De Macau, parti para Guangzhou, melhor conhecida no Ocidente como “Cantão”. Lá encontrei os únicos viajantes africanos durante todo o percurso. Embora não estivessem propriamente mochilando, se enquadrando mais no esquema de cursos de férias realizados na China, a peculiaridade de suas origens me interessou: afinal, a maior parte dos mochileiros, supõe-se, é oriunda da Europa, da Oceania e da América do Norte. Não

obstante, foi a partir de Guillin que encontrei vários mochileiros do “tipo ideal”: viajam pelo prazer de viajar, por longos tempos e baixo orçamento. Guillin e seus arredores são famosos pelas plantações de arroz, o rio Li e os picos montanhosos. O trajeto entre Guillin e Kunming, capital da província de Yunnan, foi o único repleto de estrangeiros no vagão do trem. Explica-se: Yunnan é uma das províncias mais turísticas da China, tanto nacional quanto internacionalmente. E também faz calor, sua capital detém o título de “cidade da eterna primavera”. Parece uma aparente contradição. Se mochileiros buscam autenticidade, fugir do “caminho batido”, foi precisamente nas províncias mais turísticas que os encontrei em abundância. São tipos diferentes de mochileiros? Inclusive os albergues, ora vazios ora predominantemente ocupados pelos chineses nativos, em Guillin e Kunming estavam repletos de jovens estrangeiros.

Situação semelhante ocorreu em Chengdu, capital da província de Sichuan. Assim como Yunnan, Sichuan é uma das províncias mais turísticas da China, sendo a terra natal do urso panda. Também é um dos principais pontos de partida ou retorno para o Tibet, província complicada para mochileiros devido às restrições de acesso impostas pelo governo chinês. Não se pode viajar de forma independente ao Tibet e, neste caso, mochileiros e “turistas tradicionais” se mesclam durante alguns dias. Em Lhasa, Shigatse e o acampamento do Monte Everest foram minhas únicas oportunidades de encontrar mais proximamente este tipo de turista, mas o acesso às entrevistas foi difícil. Conforme descreverei, consegui entrevistar somente o membro do tour mais enquadrado no que considero o “tipo ideal” de mochileiro. Do Tibet, regressei para Chongqing, capital de província do mesmo nome, vizinha de Sichuan. Lá tive a oportunidade de entrevistar uma brasileira experiente em viagens. Retornei para Yunnan, passando por Kunming e Jinghong, na fronteira com o Laos. Com isto, completei 60 dias de viagem.

Na fronteira encontrei talvez a mais impactante das entrevistadas: uma senhora de 80 anos que viaja, praticamente sem intervalos, desde os 48 anos. Não apenas por ter me impressionado, mas também por impressionar todos os meus entrevistados posteriores quando a mencionava, considero-a a mais importante entre os entrevistados, ao concretizar um ideal de vida ao qual muitos mochileiros aspiram, mas do qual pouquíssimos conseguem se aproximar. A entrevista foi feita em Luang Nham Tha, ponto de partida entre a China e o sudeste asiático. De lá, parti para a capital do país, Vientiane. Explicarei algumas diferenças entre o modo de entrevistar na China e nestes países mais adiante. Por agora, permaneço com o roteiro. Em Bangkok, Tailândia, não consegui nenhuma entrevista embora aguardasse oportunidades na recepção da guesthouse. Esta parte da viagem foi diferente do que ocorria na

China: consegui entrevistar, por exemplo, pessoas que conheci no ônibus porque procuramos hospedagem juntos, tanto em Laos quanto em Siam Reap e Pnom Penh, Camboja (a primeira é a localização do complexo de Angkor Wat, a segunda é a capital deste país). Nestes ambientes foi possível escrever no diário de campo observações extra-entrevistas, vide conviver com os mochileiros fora dos muros do albergue. Ao conhecer no ônibus e buscar alojamento juntos, abre-se todo um leque de aproximação. Enquanto a estadia em comum perdurou, realizei os passeios turísticos e refeições junto com os conhecidos. A viagem, majoritariamente solitária na China, se aproximou mais dos meus mochilões anteriores. Do Camboja, segui para o Vietnã, passando por Ho Chi Min (Saigon), Nam Tra, Hoi An e a capital, Hanoi. Completei três meses de viagem. Voltei para a China nas últimas duas semanas.

Em Hanoi, conheci um francês de 37 anos, viajando por seis anos sem interrupção. Prosseguimos juntos para Nanquim, China. Passei por Guiyang, capital da província de Guizhou, a mais pobre da China. Novamente, o ambiente do albergue era predominantemente composto por viajantes chineses. Xi'an foi meu penúltimo destino. Dada a importância histórica da cidade, capital da China por mais de um milênio, o albergue talvez reúna a proporção mais equilibrada entre viajantes chineses (majoritariamente de Xangai e Pequim) e estrangeiros. Por fim, voltei para Xangai. Encontrei e entrevistei uma senhora de 64 anos, também bastante viajada, semelhante à senhora de 80 anos e o francês que conheci no caminho do Vietnã para a China. Pernoitei em Paris antes de regressar ao Brasil.

2.1. Peculiaridades de um campo “na estrada”

Como não consegui encontrar muitos viajantes do tipo ideal de mochileiro que imaginara no início da viagem, comecei a entrevistar todos os viajantes que se dispunham a dar seus depoimentos. Isto é interessante, embora recorrente nas análises antropológicas, por gerar um estranhamento de um grupo do qual o pesquisador se considerava fazer parte. Por conta de duas experiências no início da viagem (um psicólogo espanhol que permaneceu 11 meses pela Ásia e uma inglesa, de 27 anos e também psicóloga, com mais de um ano de viagem pelo mundo), pensei que encontraria diversos outros semelhantes. No entanto, havia muitos, no primeiro terço da viagem, que viajavam por motivos de trabalho e estudos. Talvez sempre houvesse muitos destes casos e eu que não tivesse prestado tanta atenção nas viagens pretéritas. Uma hipótese é que se trate de uma especificidade da China a ver por sua atual posição na economia mundial. É possível também que haja relação com a estação do ano: o

hemisfério norte não estava então de férias e era inverno na China. Os albergues estavam vazios, com exceção de Xangai. E, mesmo neste caso, a maioria dos clientes é chinês ou então estrangeiro voltando para casa depois de algum curso ou especialização universitária, profissionalizante. Conforme dito, em Pingyao, fui o único estrangeiro no albergue mais famoso da cidade e, além de mim, só havia dois hóspedes (chineses) em plena sexta-feira. A situação se modificou levemente no fim de semana e consegui realizar algumas entrevistas.

A maioria dos viajantes até então partia de dois princípios. Ou começaram a viajar através dos pais, que os levavam para outros países em um sentido mais "clássico" de turismo e depois dos 20 anos começaram a viajar independentemente, ou então movidos por trabalhos voluntários. Resta saber se são mochileiros porque voluntários ou voluntários porque mochileiros, lembrando que, como afirma Hutnyk (1996) com base em pesquisa que realizou na Índia, esse tipo de viagem também se sobrepõe a um certo tipo de turismo, e que muitos voluntários não exercem uma reflexividade sobre suas posições e sobre o que fazem, a não ser por vagas noções de envolvimento e caridade:

There is little doubt that most travellers who engage in volunteer work in Calcutta stumble into it with not much more than general notions of commitment and charity. Questions of general hegemony, international and class privilege, and the extent of relative economic advantage are, at best, understood in a vague, not an analytical, way. What possibilities there might be for the promotion of more considered engagements with the complexities of visiting Calcutta are prefigured by a number of factors: (a) the insularity of traveller culture and traveller style; (b) the cultural and class background of Western travelers; (c) the hegemony of Western versions of Calcutta in 'traveller lore'; and (d) the hegemonic effects of the traveller 'gaze' and its representational technologies (HUTNYK; 1996, p. 44)³.

Infelizmente, esta pergunta só me ocorreu após realizar as entrevistas nas quais me deparei com essa informação. Entretanto, aposto mais na hipótese de que começaram voluntários para então se tornarem mochileiros, já que não encontrei um voluntário neste momento, apenas a menção de como começaram a viajar. Os que começaram a viajar através dos pais, em certo sentido, reverteram a situação. Se foram os pais que incentivaram o gosto pelas viagens, hoje eles insistem para que os pais viajem mais. Nisto consistiam minhas

³ Há pouca dúvida de que a maioria dos viajantes que se dedicam a trabalhos voluntários em Calcutá tropeça nele com sem saber muito mais do que noções gerais de compromisso e de caridade. Questões de hegemonia geral, privilégios internacional e de classe, e da extensão da vantagem econômica relativa são, na melhor das hipóteses, entendidas em uma forma vaga, não analítica. Quais as possibilidades que pode haver para a promoção de compromissos mais fortalecidos com as complexidades de visitar Calcutá são prefigurados por uma série de fatores: (a) o desprendimento isolado da cultura viajante e do estilo de viajante, (b) o plano de fundo cultural e classe de viajantes ocidentais; (c) a hegemonia das versões ocidentais de Calcutá, na 'sabedoria viajante', e (d) os efeitos hegemônicos do "olhar" viajante e suas tecnologias de representação (tradução minha).

primeiras impressões, assim como a pergunta que me sondava com maior intensidade: afinal, qual a importância de viajar? O destino importava ou o foco era na viagem em si?

Não foi tão fácil conseguir entrevistas como imaginei. As pessoas se mostram dispostas, mas trata-se de uma disposição ideológica, abstrata. O problema não jaz em revelar informações sobre si (embora, no início, pedissem para que eu apontasse a webcam na minha direção. Respondi que não havia problema, uma vez que precisava de suas vozes e não de suas imagens). A questão é que quando marcava uma entrevista para o dia seguinte, durante o café da manhã, estavam apressados com os passeios planejados. De noite, cansados demais ou descontraídos tomando uma cerveja no bar do albergue. Havia uma tendência em pré-julgar a entrevista como algo mais “denso” do que é, tanto que se surpreendem quando digo que está suficiente. Isto ocorreu ao menos nas primeiras doze entrevistas, pois fui aumentando a duração progressivamente. A média foi de uma hora, do modo mais informal possível. Evidentemente, o grau de formalidade se modificou conforme novas questões surgiam e para onde direcionava meu interesse. De princípio, fui mais sutil, abordando, conversando, como sempre fiz nas minhas outras viagens e, depois de tanto tempo de conversa, perguntava sobre a possibilidade de entrevista. Como este método não foi muito eficaz, optei por ser mais direto. Eu me apresentava e verificava, de imediato, a possibilidade de entrevistar. Isto se reflete também nas pessoas que busquei. Meu leque de possibilidades aumentou, porque no início pensava mais no “tipo ideal” de mochileiro; mas com o tempo, a própria noção de “mochileiro” se tornou questionável. Somente no último mês da viagem, já com um número grande de entrevistas feitas, tornei novamente a selecionar entrevistados a partir de critérios mais rigorosos: o quanto já viajou e para onde foi? Além, obviamente, de indagar a respeito das motivações da viagem. Uma viagem de trabalho ou de lazer mas de algumas semanas não me interessava tanto quanto um mochilão de um ano. Ser flexível nos critérios para entrevistar foi interessante para poder traçar perfis diferentes. Se acaso desde o início da viagem encontrasse mochileiros enquadrados no meu estereotipo, correria o risco de ignorar uma pluralidade de viagens que circulam pelos mesmos espaços e compartilham de alguns valores em comum, ainda que não efetivem os ditos valores.

As dificuldades encontradas no início, ainda que sejam constatações previsíveis nas teses antropológicas, não me isentaram de surpresa. Conversar “durante” a viagem, como no ônibus ou enquanto se busca hotel, é diferente de “interromper” a viagem para ceder uma entrevista. Um holandês que aparentava ser bastante viajado e experiente protelou meu pedido de entrevista por quatro vezes, até que desisti de insistir. Talvez se eu fosse mais indireto fosse mais eficiente. Outro, colombiano, comentou “pô, você quer me entrevistar agora,

depois de conversarmos tanto! Estou cansado e vou dormir”. Nestes casos, eu anotava numa agenda as informações que conseguia. Isto é, até Pingyao. A partir de Luoyang, tornei-me direto. Apresentava minha condição de pesquisador para os viajantes que bebiam no bar do albergue. Fui atento para tentar perceber os que poderiam ser mais receptivos, porém, a fim de diversificar perfis de viajantes, também entrevistei grupos maiores de pessoas simultaneamente. Talvez um viajante pudesse perguntar para outro algo que me escapasse. Por isso me interessei em diversificar tanto entrevistas individuais quanto coletivas. Foram cinquenta e um registros gravados no total, somando mais de sessenta mochileiros.

Os que estavam na China trabalhando ou estudando se sentem mais legítimos ao dizer que conhecem mais a cultura local do que um mochileiro “regular” (embora a definição de “regular” seja algo mais do imaginário do que referente a uma explicação concreta, o que também é encontrado em outros tipos de análises). No entanto, eles admitiam que, para conhecer a China, era necessário se deslocar pelo país. Isto é algo que a condição de estudante ou trabalhador não permitia, por isso viajavam em feriados e férias. Para estes entrevistados, foquei na dualidade: como se conhece melhor a China, permanecendo grandes temporadas em poucas cidades, como Pequim e Xangai, ou percorrendo o país inteiro por períodos menores em cada local? Quais as condições para conhecer uma outra cultura e, acima de tudo, por que isso é importante?

Um estudante de doutorado de História norte-americano (sua tese é sobre vegetarianismo no Tibet) enfatizou que não se sente mochileiro porque trabalha. Tal “legitimidade” de reivindicar o conhecimento da cultura local estabelece hierarquias entre “turistas”, “mochileiros” e algo mais, “além”, que remete a uma noção de singularidade para fora dos estereótipos. Conhecer o local e se “adaptar” à cultura nativa surge como requisito para ser um “bom” viajante, em oposição ao “ruim”, que quer as coisas funcionando como no próprio país. Isto implica uma maior aceitação de acasos e não reclamar com certos padrões de conforto, normas, horários. . A capacidade de adaptação faz parte do imaginário do “tipo ideal de mochileiro”, seja através da comida ou pela relação com os nativos do país visitado, conforme relata Van den Berghe (1994) sobre o advento do “turismo étnico” no México:

After a few years, guidebooks (such as the French Guide du Routard, the Australian Lonely Planet, and the German Anders Reisen) began to cater to this type of tourism, but the backpack tourist tends to be individualistic, only moderately sociable, contemptuous of “typical” tourists, anticonsumerist, budget conscious, and highly adaptable to local diet and conditions of transport and housing. He buys little because he has to carry what he buys (although he may periodically ship a package of purchases home from the local post office). He tries to make sure that he does not pay more for food, handicrafts, or services than the going rate for locals, and resents it as evidence of his incompetence if he is cheated. Above all, he

*wants to be called a traveler, not a tourist. He often recognizes the irony of his presence spoiling his quest for the exotic, and thus he tries to be an unobtrusive and undemanding tourist. Basically, he asks his hosts simply to be themselves (...) They detested the "touristy" and hated being treated as tourists (VAN DEN BERGHE: 1994, p. 48-49)*⁴.

No mais, não há nos diálogos uma diferença nítida entre conhecer ou não a cultura local, mas graus de conhecimento e profundidade. Isto se dá inclusive por algo particular a este grupo pesquisado: as identidades de viajantes são temporárias. Fazer um tipo de viagem num determinado instante não impede de fazer outros. Ser mochileiro ou turista não é um traço de identidade permanente como ser branco ou negro. Assim como toda a atmosfera da pesquisa, a transitoriedade também marca a identidade. Não obstante, é possível averiguar constâncias de pensamento no grupo. Talvez por isso eu tivesse em mente um “tipo ideal”. Tentei prestar atenção nisto nas entrevistas: manter algumas perguntas constantes, mas ser sutil para apreciar as especificidades e investir nelas. É óbvio que algumas questões me interessavam mais do que outras, mas fiz o melhor que consegui para não deixar escapar pistas interessantes por desatenção. Por isso mesmo, as entrevistas aumentaram de tamanho progressivamente, até manter um padrão de uma hora. Os “limites”, ou seja, quando as renúncias de conforto ou segurança fazem viajar deixar de valer a pena, foram o tópico central em minhas investigações.

2.2. Mochileiros: entre a aventura, o perigo e os limites.

O limite para a viagem se apresenta, quase invariavelmente, na segurança. Entretanto, essa noção de insegurança é variável. Pode ser desde não ir até certos países por inteiro quanto apenas precauções básicas a tomar, independentemente do local. Embora a segurança se apresente como requisito limite da viagem, o norte americano historiador relatou experiências de dormir no frio (Tibet no inverno) em céu aberto por estar perdido. Logo, segurança pode se apresentar desde o medo da África do Sul e Israel (como dois holandeses

⁴ Depois de alguns anos, guias (como o francês *Guide du Routard*, o australiano *Lonely Planet* e o alemão *Anders Reisen*) começaram a atender a este tipo de turismo, mas o turista mochileiro tende a ser individualista, apenas moderadamente sociável, desprezando os turistas "típicos", anti-consumista, atento ao orçamento e altamente adaptável à dieta local e às condições de transporte e habitação. Ele compra pouco porque precisa carregar o que compra (embora ele possa periodicamente trazer um pacote de compras vindas de casa via correio). Ele tenta se certificar de que não paga mais por alimentos, artesanato, ou serviços do que o preço válido aos nativos, e ressentido como prova de sua incompetência, caso seja enganado. Acima de tudo, ele quer ser chamado de um viajante, não de um turista. Muitas vezes ele reconhece a ironia de sua presença estragando sua busca pelo exótico e, assim, ele tenta ser um turista discreto e pouco exigente. Basicamente, ele pede aos seus hospedeiros simplesmente para serem eles mesmos (...) Eles detestavam o "turístico" e odiavam serem tratados como turistas (tradução minha).

falaram), pensando nos países como uma totalidade perigosa, como medidas de prevenção cotidiana (uma espanhola disse que não tem limitação de país, que em qualquer lugar toma medidas semelhantes). Um espanhol que trabalhou como voluntário na África, além de frisar a dualidade entre a viagem para “diversão” e a viagem para “trabalho” (embora o fato de ser voluntário denote uma ausência de obrigatoriedade externa), aceita a insegurança quando necessária por conta de suas atividades. Quando opcional, ou seja, quando está em viagem de lazer, a evita “mais por conta dos outros, porque ele sabe cuidar de si mesmo”. O cuidado pelo outro aparenta ser mais importante que o cuidado de si.

A principal crítica em relação ao turismo clássico, com tour e hotéis caros, não é precisamente o pouco tempo, mas o fato de se relacionarem apenas com pessoas do mesmo país. Uma japonesa disse que não quer ficar dentro de um ônibus cheio de japoneses. Isto ela o faz no Japão. Eles têm consciência de que um albergue não é sinônimo de maior integração com a cultura nativa – embora a “vantagem” do mochilão em relação ao turismo “clássico” seja a maior compreensão do país visitado. No albergue, encontram-se outros estrangeiros não tão diferenciados assim, a ver a maior parte ser proveniente do Primeiro Mundo. Ainda assim, é um lugar mais “relaxado”, com pessoas “mais abertas”. Mencionei que também existem bares e restaurantes em hotéis mais caros, mas a resposta é de que, por algum motivo que não souberam explicar, as pessoas interagem menos. A interação é promovida justamente por viajar sozinho ou, quando muito, em dupla. O fato da viagem não ser programada por uma agência implica que as rotas serão condicionadas pelos relatos de outros mochileiros. Comunicar também é necessidade, pois implica economia de dinheiro e dicas de segurança. O ambiente apenas proporciona a condição da interação.

Se por um lado o “tipo ideal” de mochileiro é uma abstração, ressalto que, nas primeiras entrevistas, quase ninguém se reconhecia como “mochileiro”. Abordo um pouco qual seria a imagem então deste personagem. O mochileiro é tanto uma pessoa “corajosa”, “aberta”, quanto um “pretensioso que acha que comer em um restaurante barato no Nepal é conhecer o Nepal, que só quer saber de cerveja e sexo com nativos”. Ainda que sob o viés pejorativo, é notável a preferência sobre este tipo de viagem ao turismo clássico (cuja definição, generalizando, se dá por uma programação completa e contato em hotéis com pares da mesma nacionalidade). Este limiar entre pares da mesma nacionalidade delimita de certa forma o eixo da segurança. O desconhecido não é tão assustador se há pessoas conhecidas presentes. Ao mesmo tempo em que a presença de pares semelhantes é reconfortante, também é um empecilho para “conhecer melhor a cultura local”. Falar o idioma nativo é tido como a principal forma de conhecimento do país, mas se isto não for possível, gestos e mímicas

podem servir, embora de forma mais limitada. Noto que os viajantes mais experientes estão mais aptos a enxergar a versão pejorativa do mochileiro, talvez quase denotando uma superação, aos moldes de “já passei dessa fase”. Os menos experientes tendem a adotar a visão positiva. Talvez isso seja uma inspiração no estilo “ainda não tenho tanta coragem assim”. Aliás, “coragem” e “desafio” são palavras recorrentes.

O planejamento depende do dinheiro e do tempo disponíveis. Essa dualidade representa em certa medida as principais preocupações. Às vezes se economiza mais do que o necessário com receio de algum imprevisto futuro. Conforme ouvi, “passa-se mais tempo reservando albergue e pesquisando descontos do que de fato aproveitando a viagem”. Porém, isto não retira a “graça” desta. O planejamento gera ideia de autonomia, de controle sobre o próprio destino. É mais trabalhoso do que ter um guia programado numa agência – e não é frequente uma manifestação expressa que tal forma de turismo é necessariamente mais pobre que a autônoma. Entretanto, se não há manifestação expressa, o que se ganha pelo controle maior do próprio rumo são experiências e conhecimento de cultura local. É uma espécie de liberdade e, por isso mesmo, o planejamento nem sempre é admitido.

Ao iniciar este trabalho, a principal questão que me instigava era a temática do sofrimento como fator maior da atração exercida por determinadas experiências, entre elas este tipo de turismo. Esta temática original ficou em segundo plano. A referência ao sofrimento é implícita, traduzindo algo subentendido no processo das “experiências memoráveis”, como superação de medo e conhecimento melhor do local. Algo que se fosse “mais fácil”, não teria ocorrido. Para ser memorável, é quase necessário ser ao acaso, o que acarreta uma deliberada opção pelo possível risco. Insisti bastante na relação entre imprevisibilidade e planejamento, percebendo uma relutância em admitir cautelas prévias. Explicitamente, o sofrimento é evitado. Por exemplo, se o tempo de férias é limitado, não há motivos para poupar o orçamento. A lógica da economia e o planejamento que esta implica só são efetivos quando o tempo pode ser estendido. Eis uma praticidade do tour organizado. Se há dinheiro, pode-se viajar com uma semana de antecedência. Ao menos no que tange o financiamento da viagem, se for mais extensa, requer um período de economia maior (embora o planejamento dos afazeres, na viagem em si, seja menor). No caso dos que já foram voluntários, podem eventualmente anexar o trabalho voluntário ao mochilão e optar por viajar mais de um ano. O planejamento é diretamente vinculado com o orçamento. Por sua vez, o orçamento é estimado em função do tempo disponível. Viajantes com empregos fixos e prazos para o término das férias não se preocupam tanto em economizar uma vez que a recompensa por isso — o prolongamento da viagem — não é possível. Tentei ficar atento a

essas nuances sobre o planejamento, o quanto é previsto e a função do acaso no aproveitamento da viagem. O memorável se tornou o resquício principal da temática original, uma das poucas perguntas que se repetem em todos os relatos. Nem sempre é apontado como algo positivo ou negativo em princípio. Quando negativo, perguntava depois o positivo e vice-versa. “O que faz o memorável?” tornou-se a mais recorrente das perguntas.

Conforme mencionado, são mais de cinquenta entrevistas com cerca de uma hora de duração cada. Ao selecionar os dez entrevistados finais para análise de dados, tentei conciliar diferenças e semelhanças de perfis. Quis incluir ao menos dois latino-americanos.

I – Mãe e filha inglesas viajando por um ano “a volta ao mundo”. A filha tem 18 anos, a mãe não me disse a idade embora eu perguntasse duas vezes. Estimo por volta dos 40 anos. A mãe teve a oportunidade de viajar na juventude, mas recusou e, eventualmente, engravidou da filha. Desde então desejou levar a filha para conhecer o mundo, sua oportunidade perdida de juventude. Entrevista realizada em Pingyao, China.

II – Duas amigas, uma da República Tcheca e outra da Romênia, que moram na Alemanha desde a infância. Ambas têm 23 anos. Conheceram-se na China durante os estudos (a romena faz Direito e a tcheca estuda literatura). Afirmam que é mais difícil para mulheres viajarem sozinhas por questões de segurança, por isso estão sempre em dupla. Entrevista realizada em Luoyang, China.

III – Enfermeiro brasileiro, 27 anos, e esposa, advogada, de 29 anos. Viajam há seis meses em lua de mel e são de Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro. Não é algo comum viajar por muito tempo, mas como nunca viajaram, queriam fazer algo que escapasse da rotina. Aproveitaram a lua-de-mel para viajar. Entrevista realizada em Hong Kong, China.

IV- Australiano, 28 anos, que largou o trabalho com informática para viajar durante um tempo, diz que mochileiros não buscam sofrimento, mas “cheapness”. É o primeiro a explicitar como mochileiros se orgulham de gastar pouco e se exibem para os demais. Uma norte americana diz que a maioria dos mochileiros larga o trabalho para viajar durante um ano. Logo, a economia serve para prolongar a viagem partindo do suposto que o tempo não é definido, como no caso de férias fixas de um mês. Sobre a China, mencionam seu crescimento veloz e por isso estão aqui (além de ser barato e ter muita história): antes que “a China clássica desapareça”. Lembrei dos *Tristes Trópicos* do Lévi-Strauss e de Sahlins sobre nostalgia antropológica.

Esta é a mais longa das entrevistas, com cinco pessoas simultaneamente (um australiano, duas norte americanas, um inglês e uma alemã) e quase duas horas de duração. Darei mais detalhes desta entrevista posteriormente. Entrevista realizada em Guillin, China.

V- Finlandês, 26 anos. Não tem nenhuma educação oficial, mas viaja para o descobrimento de si, como se fosse uma tábula rasa, na qual as viagens preenchem as lacunas. Os pais não o encorajaram a viajar, mas depois de servir o exército, decidiu conhecer “todas as polegadas do mundo”, em sentido bem poético e metafórico. Não enxerga economias como um “sacrifício”, mas como uma “jornada”. Conheceu estrangeiros que falam chinês e por isso conseguiu “conhecer melhor os chineses”. Viajar é mais do que “sonhos que se realizam”. Entrevista realizada em Kunming, China.

VI- Mexicano, 30 anos, estudou Direito, viajando pelo mundo. Diz que muitos amigos mexicanos não viajam por não conhecerem as “reais” condições de viagem. Percorreu a via da Transiberiana, e deixa de conhecer os programas mais turísticos por conta do orçamento. Assim como uma japonesa professora de inglês, foi um dos menores orçamentos que encontrei. Seus amigos ficam impressionados sobre o quanto ele viaja, mas não estariam dispostos a seguir seu exemplo. Após seu mochilão pela Europa, afirmou que viajar é “viciante”. Entrevista realizada em Chengdu, China.

VII- Inglês de origem indiana, 34 anos. Fez uma viagem ao redor do mundo, começando pela Índia. Para ele, se não pudesse mais viajar, seria como “cortar suas asas”, “castrá-lo”. Tinha pensamentos depressivos antes de viajar, mas acha que viajar foi um veículo para aprender sobre si mesmo e superar problemas pessoais. Esteve por vários países europeus e asiáticos, além da Oceania e Estados Unidos. Não aparentava estar feliz ao voltar para a Inglaterra. Entrevista realizada em Lhasa, China.

VIII – Norte-americana, 80 anos. Originária de periferia de Boston, apaixonou-se aos 18 anos e foi morar no Alasca. Ao se divorciar com 26 anos, comprou algumas casas para aluguel. Quando seu filho mais jovem saiu de casa, vendeu todos os imóveis e desde os 48 anos viaja continuamente, incluindo uma volta ao redor do mundo de barco com um amante australiano 24 anos mais jovem. Viajar é o que mais lhe dá prazer na vida, não tem a intenção de conviver com pessoas de sua idade (que só falam de doença). Viajar o mundo é um objetivo excelente por ser inesgotável: nunca será possível percorrer o mundo inteiro. Não há lugar que não tenha interesse em conhecer. Ainda assim, admite que a idade atrapalha. Não pode mais comer qualquer alimento proveniente das barracas de rua ou carregar mochilas pesadas nas costas, o que, embora não admitido, põe em xeque sua identidade de mochileira. Entrevista realizada em Luang Nham Tha, Laos.

IX- Francês, 37 anos. Economizou dinheiro durante dez anos e viaja há seis. Percorreu boa parte das Américas, Europa, Oceania e atualmente finaliza a viagem na África. Sente-se cansado de viajar e admitiu ter curiosidade em conhecer a senhora de 81 anos que entrevistei

em Laos, para saber como ela ainda tinha tanta energia para viajar. Entretanto, sente um receio de não conseguir adaptar-se ao cotidiano, ou seja, a uma vida sem deslocamentos constantes. Entrevista realizada em Nanjing, China.

X- Irlandesa, 64 anos. Emigrou para o Canadá após se casar. Desde então, viaja regularmente. Após os filhos se casarem, costuma passar metade do ano no exterior. Os filhos dizem que ela deve seguir seus sonhos, mesmo quando ela almeja visitar lugares considerados “perigosos”, como o Afeganistão. Entrevista realizada em Xangai, China.

2.3. Eixos analíticos: caindo na estrada.

Chamou-me bastante a atenção o enfoque dado pelos entrevistados à importância de “cair no mundo”. Em certas ocasiões, brinquei com eles: com exceção dos astronautas, qualquer pessoa sempre está dentro do mundo. O que os mochileiros querem dizer é o seguinte: se eu, brasileiro, estou na Inglaterra, estou no mundo. Se estivesse no Brasil, meu país nativo, não estaria no mundo. O oposto se passaria com um inglês. É irônico, pois é precisamente no Brasil onde realizo meu “mundo da vida” de Habermas: onde tenho relações familiares, amicais e profissionais. Perguntei algumas vezes onde é preciso estar para imergir “no mundo”. Ou melhor: onde fica o mundo e como faço, o quanto preciso me deslocar, para chegar nele.

Meu tema original — uma das poucas perguntas que persistem em absolutamente todas as entrevistas — é saber quando viajar deixa de valer a pena. Na busca pela autenticidade, percebe-se de modo bastante subliminar como a aventura está entrelaçada, de certo modo, com o desconforto. Talvez até mais do que com o risco. Passar mais de dois dias no trem entre Pequim e Lhasa, a capital da província do Tibet, é visto como mais aventureiro do que simplesmente pegar o avião. Não apenas pela paisagem ou pela interação com os nativos (com o baixo nível de inglês dos chineses, a interação consiste mais em observação), mas o processo em si é o que conta. Diversos mochileiros afirmaram admirar quem prefere o caminho mais árduo, embora admitissem optar pelo fácil em inúmeras circunstâncias. É o que confere autenticidade, o que distingue esse tipo de viagem, aos olhos dos mochileiros, do turismo mais tradicional.

Essa relação é interessante, uma vez que, na China, é bastante difícil se comunicar com os nativos. O autêntico é buscado pelo popular, pelo maior denominador comum, aquilo que os mochileiros julgam pertencer ao cotidiano da maior parte dos chineses. Os restaurantes são quase sempre populares. Novamente, saliento que buscar uma “essência” chinesa é tão

improvável quanto uma brasileira. Comer acarajé pode ser costumeiro na Bahia; não o é no Rio de Janeiro. Perguntei como conciliam a ênfase pelo autêntico e particular com o turístico e costumeiro. Pode-se visitar Pequim sem conhecer a Grande Muralha ou Xi'an sem visitar o mausoléu do primeiro Imperador da China, os soldados de terracota? Quais atividades são definidas como autênticas em relação às turísticas? Ou melhor, a busca por autenticidade é uma preocupação constante e consciente ou uma emoção internalizada?

O primeiro eixo analítico que proponho é então examinar o lugar da concepção e da atração pelo autêntico neste tipo de experiência de viagem.

O risco aparece como condição necessária, mas não verdadeiramente buscada, neste tipo de experiência. O desconforto é uma constância: noto que um dos atrativos do turismo clássico é oferecer ao cliente um tipo de conforto superior ao acostumado no cotidiano, como em cruzeiros ou resorts. O mochileiro faz o procedimento inverso, deixando para trás vários de seus caprichos, no país natal.

O desejo de partir, como se houvesse um “chamado da estrada”, também foi tema recorrente, sobretudo entre os mochileiros que viajam por períodos mais longos. É fácil perceber duas contradições básicas: o ímpeto pelo conhecimento do Outro e sua impossibilidade prática, no caso da China pelo idioma e do sudeste asiático por conta da própria indústria do turismo e a ausência de planejamento no discurso com o forte auto-controle com o orçamento e mesmo desenvolvimento do itinerário na prática. Se, de fato, a imprevisibilidade dos destinos é um atrativo chave neste tipo de viagem, o controle diário dos gastos e afazeres é primordial.

O segundo eixo analítico que proponho é o lugar do risco, do imprevisto e da quebra da rotina/conforto neste tipo de experiência de viagem.

É impossível pensar esta pesquisa sem levar em consideração o local e as condições de praticamente todas as entrevistas: o albergue. As exceções se deram exclusivamente no sudeste asiático, nenhuma na China.

2.4. Na sala comunal: o local do eixo analítico

A sala comunal (*common room*), ou bar, apesar de não se limitar à venda de bebidas e comidas, é o *locus* privilegiado das entrevistas. O espaço é apontado como a segunda razão mais importante, após os quesitos econômicos, pela preferência do albergue em detrimento de um hotel no sentido mais tradicional. É importante observar que hotéis de diversas categorias de estrelas igualmente possuem salas comunais, bares, áreas de lazer e restaurantes. Portanto,

qual seria a característica essencial, percebida pelos viajantes que se hospedam em um albergue como intrínseca ao local, de que os hotéis seriam simplesmente desprovidos apesar de, materialmente, deterem facilidades e instalações superiores? A sofisticação pode ser substituída por um suposto relaxamento, mas se são as pessoas que conferem significado ao objeto, o ambiente em si só pode conjurar uma explicação parcial. A diferença entre *hostel* (albergue) e hotel ultrapassa o *extra*. O enfoque não está na funcionalidade do espaço, mas na sua interpretação realizada pelos hóspedes.

Durante minha estadia na China, privilegiei albergues em detrimento de hotéis. O fato de ser mais barato não esgota as razões da escolha. É possível encontrar hotéis tão baratos quanto e, afora a Europa e um punhado de países como Estados Unidos, Canadá, Japão e o próprio Brasil, o preço da estadia em um hotel de pequeno porte não é necessariamente um fardo no orçamento. Talvez inconscientemente, devido a minha experiência pretérita com viagens nas Américas, África e Europa, soubesse que a acessibilidade às entrevistas seria maior nos albergues. Por alguma razão, que depende muito mais das motivações ao viajar do que do espaço em si, a polaridade entre albergues e hotéis é nítida. Hospedei-me em duas ocasiões em hotéis, em Macau e no Tibet. Em Macau, pela ausência dos primeiros; no Tibet, pelo fato do preço do tour obrigatório (estrangeiros não podem viajar independentemente, sem agência, pelo Tibet) incluir a hospedagem. É utópico pensar o albergue enquanto um paraíso harmonioso perdido onde as nacionalidades perdem relevância. Raramente os estrangeiros ocidentais conversam com os nativos chineses, embora se possa apontar a dificuldade dos últimos com o idioma inglês como barreira. O importante a salientar é que não consegui nenhuma entrevista em Macau e apenas uma em Lhasa, com um membro do mesmo tour. Os demais sete integrantes concordaram com as entrevistas, mas as circunstâncias as impossibilitaram. Carreguei o laptop para os restaurantes e no jipe cedido pela agência, mas foi infrutífero; várias vezes propus (certamente, mais de cinco vezes em sete dias no Tibet) a hipótese de realizar as entrevistas em vão. Não há como negar: a sala comunal é o local da entrevista. Os hóspedes em hotel se encontram através de breves relances, mas isto não é suficiente para explicar a diferença, pois basta um relance para sentar ao lado de um mochileiro ou mochileira (seja solteiro, um casal ou indivíduos que acabaram de se conhecer) na sala comunal, iniciar uma conversa e perguntar se posso entrevistá-lo (s). A efemeridade é característica da viagem estilo mochilão independentemente da hospedagem – viajar opera como uma suspensão do cotidiano. A ressalva jaz, entre mochileiros e turistas mais “tradicionais”, se há a intenção em abrir brechas para encontros casuais com os outros viajantes.

A entrevista precisa ser em momento de repouso e não de deslocamento. Ainda que sentado dentro de um restaurante, o viajante se sente imerso em uma experiência nativa, a dizer, o deguste da culinária – central na percepção das estratégias de observação das diferenças culturais. Dentro do jipe igualmente se permanece imerso na experiência da viagem através da contemplação das paisagens ou a conversa que, ainda que pautada em temáticas relevantes à pesquisa, necessitam de espontaneidade contrariando a ideia da entrevista. Se em dado instante o assunto permeia relatos pretéritos de viagens, trata-se de uma efemeridade difícil de captar; logo a conversa pode se deslocar para a relação política da China com o Tibet (oficialmente, é uma província autônoma da China, mas não a ponto de possuir sistemas monetários diferentes como Hong Kong e Macau) até culminar na Beyoncé. Insistir em determinado assunto particular denota falta de tato. Outra vez, a sala comunal é a condição da entrevista.

Não obstante, não se permanece na sala integralmente. Contraditoriamente, os mochileiros alegam pouca preocupação com as facilidades da hospedagem. Não se viaja visando os confortos da hospedagem. Não se planeja itinerários tendo em mente uma permanência longa na hospedagem. O espaço público do albergue compensa o desconforto privado do quarto. Este é um diferencial primordial entre eles e os turistas “clássicos”, o contraponto dos dois tipos ideais. Quem se preocupa com os confortos oferecidos pelos grandes hotéis planeja usufruir destes e não experimentar a cultura local. Logo, apesar de integrar, a hospedagem é quase uma negação da viagem. Em graus variados, os mochileiros reconhecem que no albergue encontram-se outros viajantes, não os nativos. Conversa-se sobre a viagem atual, as anteriores e as próximas, sobretudo quando o viajante se depara com um nativo do país almejado (conheci alguns mochileiros interessados em conhecer o Brasil ou que já haviam conhecido. O oposto aconteceu comigo), mas tais conversas não confluem essencialmente para o quesito “conhecimento da cultura local”. Quando muito, é uma fonte de informação indireta. O acesso direto se efetua na rua. O relato da viagem é, precisamente, um ato de relatar; faz parte da viagem, mas não durante o que se entende por ato de viajar. É uma ação que se dá mais ou menos de forma atemporal, durante o relaxamento. O tempo da sala comunal é noturno, o descanso das atividades diurnas, em oposição ao matutino, quando se prepara para estas. A tarde é inócua, quando a sala comunal está mais vazia. A noite é também o tempo das entrevistas. Há atividades que se pode interromper para entrevistas, como enviar um e-mail aos familiares; outras, como apreciar restaurantes ou paisagens, não.

Embora existam condições, locais e tempos específicos, estes não retiram o caráter espontâneo da entrevista. É necessário ser “no momento”. A natureza do assunto,

supostamente leviano, faz pensar que a porcentagem de recusa em ser entrevistado seria ínfima. Afinal, a abordagem é sobre viagens e não de traumas de sobreviventes em conflitos armados. De fato, a priori, excetuando-se pouquíssimos casos, ninguém refuta, mas existe uma margem considerável que solicita para uma próxima ocasião. Prorrogar a entrevista não funcionou em nenhuma ocasião—com apenas três exceções, dos viajantes mais experientes que conheci e cujas entrevistas realizei durante o dia. Considero seguro afirmar, então, que se trata mais de uma forma sutil de negação do que uma real solicitação de adiamento. Os encontros de viajantes na sala comunal são efêmeros, se dão entre os que acabaram de chegar em uma cidade e os que estão prestes a sair. Dificilmente a convivência se estende para mais de três ou quatro dias. Ainda assim, houve casos nos quais a solicitação de adiamento se prolongou por três dias consecutivos até esbarrar nas condições básicas da viagem: eu ou o entrevistado em potencial seguirá adiante para a próxima cidade e não nos encontraremos mais.

Dada a ausência de temas polêmicos na temática, indaguei-me os motivos da recusa simbólica, não expressa. Acredito não ser pela temática, mas pela seriedade implícita numa dissertação de mestrado. Viajar é a antítese de trabalhar, não pela ausência de preocupações, mas porque estas são de dimensões diferentes. Ser entrevistado em um trabalho acadêmico pressupõe, no imaginário, um deslocamento da esfera do relaxamento, condição, local e tempo da sala comunal. E se a viagem não é isenta de cansaço e preocupações, que são de outra ordem daquelas da vida cotidiana no país de origem, a entrevista anula o caráter de repouso (da própria viagem) e diversão da sala comunal. Foi comum, após as entrevistas, os entrevistados confessarem tanto que a entrevista os fizera pensar em assuntos que não tinham levado em consideração até então quanto que não havia sido tão complicada quanto imaginada (apesar da maioria durar mais de uma hora). Logo, postulo que as ideias de complicação, trabalho formal e seriedade, mais do que espontaneidade e planejamento, afastem determinados viajantes das entrevistas. Formalidade e seriedade supõem regras inibidoras do acaso essencial à experiência da viagem; esta não é contrária ao esforço e ao planejamento, mas o modo como o é, enquanto antítese da vida cotidiana no país natal, aproxima a relação da entrevista com esta última. Independentemente do tema, uma entrevista de mestrado supõe certa profundidade de discurso mais próxima da vida cotidiana do que durante a viagem. Se por um lado a viagem abre a possibilidade, nos encontros efêmeros que se repetem incessantemente, de uma reconstrução do *self*, a entrevista visa uma estruturação que remete, também, à vida ordinária. Ou melhor, a vida que faz determinado *self* buscar a viagem.

3. A PERFEITA VIAGEM PARA A CHINA: “*THE LONELY PLANET WAY OF TRAVEL*”.

Em qualquer guia do *Lonely Planet*, pode-se avistar na contracapa a promessa: o guia é confiável porque os autores visitam os lugares dos quais escrevem, a cada edição. O guia não aceita ofertas de graça de hotéis e restaurantes em troca de julgamentos positivos. O *Lonely Planet* promete relatar tal como vê. Logo, o guia promete um diálogo direto com seu leitor ao não se afiliar as secretarias de turismo locais. Esse estilo de discurso remete a questões como a busca de autenticidade, da experiência turística singularizada; o que não seria possível através de panfletos distribuídos pelas secretarias de turismo locais. No entanto, seja a secretaria de turismo ou um guia, Castro (1999) afirma que qualquer seleção prévia de lugares a visitar direciona o olhar do turista:

Os guias e folhetos turísticos procuram orientar o olhar do turista, oferecendo seleções de locais e eventos dignos de atenção, roteiros de visita e adjetivos para descrevê-los. Eles antecipam a experiência daquele que viaja, que muitas vezes sente prazer no simples reconhecimento in loco daquilo que já viu ou leu. A repetição de narrativas e imagens associadas a um lugar vai cristalizando e disseminando sua qualidade turística. O olhar do turista é, portanto, mediado por tudo aquilo que viu, leu ou ouviu sobre determinada "atração". No entanto, esse processo não deve ser visto como mecânico. A partir de diferentes narrativas, cada viajante faz a sua própria, selecionando, manipulando e brincando com as imagens que lhe são oferecidas (CASTRO; 1999, p. 84).

Por mais alternativo que qualquer guia se apresente, ele pode, no máximo, selecionar buscando identificação com seu público alvo. Para apresentar a China, o guia postula:

Antique yet up-to-the minute, familiar yet unrecognizable, outwardly urban but quintessentially rural, conservative yet path-breaking, space-age but old-fashioned, China is a land of mesmerizing and eye opening contradictions (guia do Lonely Planet sobre a China; 2011, p. 17).

Assim começa o guia propriamente dito, na versão utilizada de 2011, sobre a China, seguindo com três definições canônicas do país, cada uma com um parágrafo explicativo: “*awe-inspiring antiquity*”, “*out-of-this-world flavours*” e “*stupendous scenery*”.

Contudo, como todos os guias do *Lonely Planet*, com os mapas da região a visitar (não é necessariamente um país, pode ser um continente ou uma cidade) apontando as posições geográficas dos lugares mais interessantes, segue-se uma lista das “*top experiences*”. Essas “experiências máximas” são mais ou menos numerosas dependendo do tamanho da área coberta pelo guia e seu potencial atrativo. A edição da China estabelece, na primeira posição, a Grande Muralha da China, terminando a justificativa com:

Offering an epic journey across north China, the fortification is a fitting symbol of those perennial Chinese traits: diligence, mass manpower, ambitious vision, engineering skill (and distrust of the neighbours) (opt. cit, p. 3).

Percebe-se, assim, logo no início, uma definição do tipo ideal chinês e as características imutáveis da nação.

A segunda “experiência máxima” é o bairro *French Concession*, de Xangai (não se trata de um bairro propriamente nomeado dessa forma, mas a designação é amplamente conhecida). A *French Concession* é definida enquanto o epicentro da comida, da moda e da diversão. Xangai, por sua vez, traz os adjetivos “de todos os superlativos que a China ousa sonhar”, “do mundo como será em um futuro próximo”, “o centro da mudança, da oportunidade e da sofisticação da China”. É evidente que os parágrafos precisam ser sucintos para convencer aqueles que recorrem ao guia, aí com certeza incluídos os mochileiros, de que tal lugar é digno de prioridade na viagem, por isso mesmo tais atrações buscam definir, buscar, uma totalidade do que seria “conhecer a China”.

Em terceiro lugar jaz a Cidade Proibida, o palácio real dos imperadores durante as duas últimas dinastias, a Ming (1368—1644) e a Qing (1644—1911). Dentre suas características, o guia ressalta: “*no other place in China teems with so much history, legend and good-old-fashioned imperial intrigue. From imposing palace halls to dazzling imperial collections, it doesn’t come much better. You may get totally lost here but you’ll always find something you’ll want to write about on the first postcard you can lay your hands on*”.

É possível averiguar certa concepção hiperbólica do exotismo oferecido pela China. Em sexto lugar, estão Os Soldados de Terracota - “*one of the most extraordinary archaeological discoveries ever made*”. Em oitavo, a culinária chinesa é aludida com “*you will see things you’ve never seen before, eat things you’ve never heard of and drink things that could lift a rocket into space. And that’s just for starters*”. A culinária chinesa é um novo mundo inteiro (*whole new world*) de comida e sabor, drasticamente diferente daquilo que se conhece em restaurantes chineses no país natal do mochileiro. A décima segunda posição é ocupada pelas vilas Huangshan e Hui. O motivo é simples: se a Unesco, Ang Lee e Zhang Yimou foram seduzidos, logo “*you’ll be too*”.

Finalizando, as trinta “experiências máximas” podem ser manifestações culturais, como a culinária em oitava posição, a arte marcial *taichi* em vigésima e as acrobacias chinesas em vigésima oitava. Podem ser cidades inteiras, como Fenghuang, em nona colocação; Lhasa, na décima-quinta posição; Dunhuang, na vigésima segunda ou Pingyao, na vigésima sexta. Atividades esportivas são incluídas: a quarta posição sugere *rafting* ou

trekking pela *Tiger Leaping Gorge*, uma represa na província de Yunnan. Escalar é sugerido para o *Dragon's Backbone Rice Terraces* (sétima posição), a província de Jiangxi (décima sexta posição) e o parque nacional de Jiuzhaigou (vigésima sétima posição). Pedalar é a sugestão para a ilha tropical de Hainán (décima quarta posição) e o vilarejo de Yangshuo (vigésima terceira posição). No mais, áreas inteiras, abrangendo mais de uma província, são sugeridas em sua totalidade, como a Rota da Seda, na vigésima quinta colocação; tanto quanto um passeio de barco pela baía de Victoria, em Hong Kong, na vigésima nona; como simplesmente caminhar pelos *hutongs* (ruelas com construções antigas) de Pequim, a trigésima “experiência máxima”. É importante lembrar que as trintas “experiências máximas” são construções do guia, e não “dadas no mundo” pela China, conforme sugere Castro:

Seria ingenuidade, no entanto, pensar que um local possa ser "naturalmente" turístico. Seu reconhecimento como "turístico" é uma construção cultural - isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada. Esse processo tem como resultado o estabelecimento de narrativas a respeito do interesse da "atração" a ser visitada. Essas narrativas associam determinados adjetivos a "pontos" ou eventos turísticos, antecipando o tipo de experiência que o turista deve ter. A construção do caráter turístico de um local também envolve, necessariamente, seleções: alguns elementos são iluminados, enquanto outros permanecem na sombra (CASTRO; 1999, p. 81).

Finda a seção, abre-se, na página 18, um panorama geral de programação de viagem. O mapa da China é dividido com seções de temperatura, indicando o clima em cada época do ano. O custo de vida diário é definido da seguinte maneira: a) com menos de Y200 diários, o viajante dispõe de dormitórios, museus gratuitos, alugueis de bicicleta e acesso pela Internet e alimentação em pequenos restaurantes (descritos como “excelentes) ou comida de rua; b) entre Y200 a Y1000, tem-se um quarto duplo em um hotel médio e refeições em decentes restaurantes locais; c) acima de Y1000 diários, o quarto duplo é em hotéis *top-end*, refeições em excelentes restaurantes ou nos do próprio hotel e compras nas melhores lojas. Para efeitos de comparação, quando efetuei minha viagem, a taxa de cambio seguia 1 real = 3,6 yuans. Ou seja, uma viagem barata se enquadra em torno de cinquenta reais diários (algo como cinquenta e três reais). Acima disto, é uma viagem de orçamento “médio”. A maior parte dos mochileiros entrevistados se encontrava na fronteira entre o baixo e o médio orçamento. Pouquíssimos viviam no baixo orçamento distante da fronteira do médio enquanto alguns, como eu, circulavam no início do médio orçamento. Voltarei nesses valores especificados mais adiante, pois aparentemente o custo tende a ser tanto maior quando se está em grupo ao invés de sozinho (ao contrário da lógica da divisão de gastos).

Esta seção do guia também indica os preços e ônibus que conectam os principais aeroportos ao centro das respectivas cidades, a citar, Pequim, Xangai e Hong Kong. Algumas

cotações do yuan chinês são apresentadas em moedas estrangeiras, sugerindo quais seriam as nacionalidades do público alvo do guia: dólares dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, o iene do Japão, o euro e a libra esterlina. O real brasileiro não aparece. Alguns telefones importantes (polícia, ambulância etc) e sites de Internet considerados relevantes são apresentados. A seção termina com um curioso quadro: *English in China*. Na minha própria experiência, subestimei o quadro que avisava que poucas pessoas falam inglês na China. Durante a viagem, passei a pensar que o quadro superestimou o nível de inglês dos chineses. Ao menos, deixa a entender que algumas pessoas conseguem se comunicar. O quadro deixa um alerta que, durante as entrevistas, tornou-se claro que não fui o único a ignorar o aviso: *even at five-stars hotel, you may encounter incomprehension*. Hong Kong é apontada como a única exceção.

O início do livro também propõe itinerários de acordo com a disponibilidade do tempo de viagem. Conforme cita o guia: se você tem seis ou sessenta dias disponíveis, as propostas servem como ponto de partida para uma viagem “*of a lifetime*”. O circuito “China Crucial” abrange a Grande Muralha e os soldados de Terracota, passando por Pingyao até o início da Rota da Seda, mas ignorando Xangai e Hong Kong. Dentre as demais sugestões, estão trajetos pelo Rio Yangzi e pela Rota da Seda. Com menor disponibilidade de tempo, as viagens se tornam mais especificamente temáticas, como a sugestão de passeios pelos vilarejos das províncias de Yunnan e Sichuan, e as cidades costeiras (entre elas, Macau, Hong Kong e Xangai). Existe sugestão de tour pelas áreas fronteiriças com o Tibet, para quem não quiser pagar o caro tour pela província e experimentar um pequeno sabor da região.

A partir da página 34, cada província é apresentada com seus principais pontos de interesse. Por exemplo, na marcação que varia entre um até três pontos, Pequim possui três pontos para “História”, “Templos” e “Comida”. Xangai também tem marcação máxima em “Arquitetura”, “Comida” e “Estilo Urbano”. A Mongólia Interior tem apenas um ponto em “Comida” e “Atividades” e dois pontos em “Jornadas Remotas”. O Tibet possui três pontos para “Monastérios”, “Cenários” e “Cultura”. Yunnan, três pontos para “Cidades antigas”, “Montanhas” e “Vilarejos de minorias”. Gansu conta com três pontos para “Rota da Seda”, “Áreas tibetanas” e “Budismo”. Resumindo, para cada região são destacadas três categorias, mas nem todas possuem a marcação máxima de três pontos naquilo em que são julgadas mais interessantes..

A lista das partes específicas de cada região começa na página 42, com Pequim. Neste ponto, destaco que todas as províncias são apresentadas com uma parte inicial convencendo

“por que ir?”, com uma explicação dos principais atrativos. Não descreverei as demais províncias, falarei um pouco o que é dito sobre Pequim apenas para efeitos demonstrativos.

O guia nos informa que Pequim tornou-se capital da China somente após a invasão mongol durante o século XII (Xi'an foi a primeira capital da China). A cidade é descrita como “destinada a reinar sobre a China por toda eternidade”, “com uma grandiosidade imperial e épica”, muito além de outras cidades imperiais (além de Xi'an, algumas outras cidades também ocuparam a posição de capital do Império, mas em condições adversas, como nos casos de imperadores refugiados por guerras). A cidade é “*confiante*” e também “moderna”. Os habitantes de Pequim conversam no mandarim padrão, “de ouro” (*gold standard of Mandarin*, no texto) e se maravilham pela boa fortuna de residirem no centro do mundo conhecido (o nome chinês da China significa “a Terra no Centro do Mundo”, a própria palavra “China” é uma designação estrangeira e é possível encontrar chineses que não compreendem a palavra com pronúncia inglesa). A cidade também é vista como vivida em um ritmo mais lento em comparação a Hong Kong e Xangai; os nativos encontram tempo para sentar e jogar xadrez enquanto olham o mundo passar.

Ainda na primeira página, o guia indica as melhores épocas para visitar a cidade conforme a temperatura (observe um gosto particularmente europeu; para os padrões brasileiros, são temporadas relativamente frias). Após uma introdução histórica e um mapa da cidade, as atrações são listadas em ordem de interesse ou de fama internacional. A praça Tian'anmen é a primeira opção, seguida da Cidade Proibida. São sete páginas descrevendo o maior palácio imperial do país e o coração de Pequim (as linhas de metrô são organizadas ao redor do complexo do palácio). Outras quase 40 atrações, entre parques, palácios, templos confucionistas, santuários, palácios secundários (como o Palácio de Verão), pagodas (estrutura em forma de torre, tipicamente em estilo oriental), museus e monumentos históricos são descritos em mais de vinte páginas.

Após as atrações turísticas, atividades como trilhas e cursos (artes marciais, culinária, história da China em inglês) são mencionadas junto com os festivais e eventos considerados os mais importantes da cidade. É a partir de então que os detalhes mais pragmáticos do planejamento de viagem entram em questão: onde dormir, onde comer, como se deslocar para outras cidades. Talvez sejam esses detalhes os que mais marcam a visão do Ocidente sobre o Oriente exótico. A culinária chinesa é aplaudida por todo o guia; não obstante, na página 79, pode-se ler o seguinte comentário sobre um restaurante de comida europeia: “...esse popular e relaxante *café hutong* (construção popular típica de Pequim) é perfeito para almoço após

visitar o Templo Lama próximo ou como uma escolha **civilizada** para jantar e drinques” (grifo meu).

O guia apresenta também as seções *Drinking* e *Entertainment* separadamente. São seções curtas, com algumas sugestões escolhidas com aparência aleatória. Os teatros que apresentam Óperas de Pequim (um gênero de teatro tipicamente chinês; apesar do nome, pode ser encontrado em outras cidades. Outro gênero é a “Ópera de Sichuan”, restrita àquela província) são marcadas nesta seção, junto de apresentações de artes marciais, acrobacias, discotecas e música ao vivo. Em *Shopping*, o viajante se depara frequentemente com recomendações de produtos locais, como sedas e artesanatos. Aparelhos eletrônicos e grifes internacionais não são mencionados: este não é o objetivo do mochileiro.

O guia prossegue com mais informações sobre Pequim e seus arredores, além de utilidades sobre vistos para Mongólia, Japão e Coreia do Sul. Na página 98, abre-se uma seção específica sobre a Grande Muralha. A maior atração nacional é descrita como o mais grandioso triunfo da engenharia chinesa. É um absoluto “*must see sight*”. Aliás, a seção começa com uma célebre frase do Mao Zedong: *He who has not climbed the Great Wall is not a true man*. Uma breve história da muralha é apresentada, desmistificando alguns exageros a seu respeito, como ser visível desde a lua ou que se trata de um todo contínuo. A construção da muralha começou há mais de 2 mil anos, quando o Primeiro Imperador, Qin Shi Huang (221-207 a.C) unificou a China. As muralhas individuais dos sete estados combatentes foram unidas. A parte mais famosa da muralha, nas proximidades de Pequim, data da dinastia Ming (1368-1644 d.C). O objetivo final da muralha, de ser uma barreira impenetrável, fracassou já desde os tempos da invasão mongol, quando Genghis Khan observou que a força da muralha reside na coragem daqueles que a defendem. Já na dinastia Qing (1644-1911 d.C) a muralha foi mais ou menos esquecida: os “bárbaros” europeus (as aspas são do guia) surgiam pelo mar.

Em seguida, o guia apresenta os trechos acessíveis à visita, começando pelo cartão postal mundialmente conhecido e a capa do próprio guia: Badaling. Os demais trechos são apresentados separadamente. O guia informa como chegar lá independentemente, por ônibus e o preço da passagem. No mais, previne certos tours disponíveis em Pequim pois tais tours fazem paradas em fábricas de porcelana, jade e seda. É interessante observar que o tour de compras é avaliado negativamente pelo guia. Para outros tipos de turismo, comprar faz parte da experiência. O guia também presume uma disponibilidade de tempo maior do viajante, a ponto de poder deliberadamente selecionar os dias para evitar “as hordas de turistas”. Ou, citando, na página 100, sobre Badaling: “*If you’re curious to discover how many people can*

fit on the wall at any one time, choose the big holiday periods. Don't anticipate a one-to-one with the wall unless you visit during the glacial depths of winter". Mais ou menos conscientemente, o guia acredita em certa ideologia de pureza cultural, na qual as atrações turísticas não fazem parte por serem "vendidas", para "turista ver". Em seções mais distantes, em ruínas, da muralha, o guia lamenta: *"unfortunately you cannot realistically explore these more authentic fragments"*. Tais dicotomias, entre o turismo falso e o verdadeiro inexplorado, são constantes por todo o guia. Quis apresentar com alguns detalhes o modo de apresentação do guia, por isso escolhi Pequim e a Grande Muralha. Agora, focarei em partes que considero relevantes (porque se trata de outras atrações principais, como a controvérsia Xangai e as bastante turísticas províncias de Yunnan e Sichuan, podendo explorar melhor a relação do guia com pretensão de autenticidade por oposição ao que seja meramente "turístico". Também privilegiei o remoto e burocrático Tibete, província que se apresenta tanto como um dilema de orçamento do mochileiro quanto como uma temporária renúncia ao ideal de viagem independente, já que é proibido ingressar sem comprovante de pacote turístico. Com essa seleção, almejo dissecar questões que perpassam a viagem e a busca de autenticidade, mas antes, finalizando esta seção, seria interessante salientar a postura do guia em evitar lugares extremamente "turísticos":

A massificação não vulgariza ou degrada o turismo "autêntico": o que ela faz é trazer à tona outras formas de lazer. Não há um modo "autêntico" de se fazer turismo. Aliás, não seria possível congelar qualquer experiência, fruto que ela sempre é do momento presente, mutável e em constante devir (...) A ideia é que o turista viaja por um plano da realidade que não é falso, inautêntico ou mentiroso; apenas diferente, com um estilo cognitivo especial que o distingue da realidade da vida cotidiana. Esse plano é constituído, como vimos, por narrativas e imagens muitas vezes dissonantes e conflitivas entre si. Cada turista, por sua vez, delas se apropria como quer. Não há, portanto, uma experiência turística melhor que outra, não há um modo privilegiado de se ver as atrações turísticas. Qualquer maneira de viajar vale a pena (CASTRO; 1999, p. 86).

3.1. A China: autêntica no passado e falsa no presente?

Xangai (a partir da página 161) é a cidade que melhor polariza a questão do velho e verdadeiro com o novo e falso. Assim prosseguem os dois primeiros parágrafos introduzindo a cidade:

You can't see the Great Wall from space, but you'd have a job missing Shanghai. One of the country's most massive and vibrant cities, Shanghai is heading places that the rest of the Middle Kingdom can only fantasise about. Somehow typifying modern China while being

unlike anywhere else in the land, Shanghai is real China, but perhaps just not the real China you had in mind.

This is a city of action, not ideas. You won't spot many Buddhist monks contemplating the dharma, or wild-haired poet handing out flyers, but skyscrapers will form before your eyes. Shanghai is best seen as an epilogue to your China experience: submit to its debutante charms after you've had your fill of dusty imperial palaces and bumpy 10-hour bus rides. From nonstop shopping to skyscraper-hopping to bullet-fast Maglev trains and glamorous cocktails—this is the future that China has long been waiting for.

Xangai, de certo modo, consegue manter-se a China “real” em seu próprio modo. A sua “ultra-modernidade” ambiciosa legitimou seu papel na China contemporânea. Ser futurística é sua característica, como demonstra o *Hall* de Planejamento Urbano de Xangai: “algumas cidades romantizam o passado, outras prometem bons tempos no presente, mas somente na China você espera visitar lugares que ainda sequer foram construídos” (p.167, tradução minha).

Xangai, Hong Kong, Pequim, Macau em menor escala, e algumas outras cidades conseguem legitimar a China enquanto país moderno. No entanto, o guia tende a oferecer uma visão de que a “verdadeira” China é a antiga, velha. E, por consequência, “inferior”, já que o Oriente, por mais que seja belo e sensual, também é déspota e reprimido, se seguirmos critérios baseados na obra *Orientalismo*, de Edward Said (2007). A maioria das capitais de províncias é descrita como desinteressante. Por exemplo, nenhuma das três cidades acima é a mais rica da China. Shenzhen (p. 554), esta sim, a cidade mais rica do país de acordo com o próprio guia, tem pouquíssimas páginas dedicadas a ela: *Shenzhen is known more for business than culture, but finally there are some quality places to visit* (p. 555). Tratamento semelhante é atribuído para Guangzhou, conhecida no Ocidente como Cantão. É um ponto de passagem durante as viagens. Citei essas duas cidades, imensas e ricas, para tipificar o desinteresse do guia pela maioria das capitais de província. Curiosamente, o enfoque histórico é dado mais para eventos posteriores à segunda metade do século XIX, a partir do final da era imperial, sem levar muito em consideração as últimas décadas do século XX e o início do XXI. De certo modo, tanto a grandiosidade da China imperial quanto a atual potência econômica são deixadas de lado por uma China submissa, intermediária entre essas duas fases de sua história.

Suzhou (p. 219) é um exemplo do que descrevi acima. Aclamada por Marco Polo como a “Veneza do Oeste” e a mais bela cidade da China no passado, o guia alerta, “*sadly, this isn't nearly the case anymore. Communist rule has spawned some mightily unattractive cities and disfigured many more, and like all modern Chinese towns, Suzhou has had to*

contend with destruction of its heritage and its replacement with largely arbitrary chunks of modern architecture". Concomitantemente, as únicas datas precisas no relato de sua história estão no século XIX: 1860 e 1896. Ou seja, quando a moribunda dinastia Qing estava submissa ao poder britânico.

Pingyao (p. 349), a cidade melhor preservada, é uma das destinações apontadas enquanto experiências máximas pelo guia: *"this is the China we all think of in flights of fancy; red-lantern-hung lanes set against night-time silhouettes of imposing town walls, elegant courtyard architecture, ancient towers poking into the north China sky and an entire brood of creaking temples and old buildings. Pingyao is also a living-and-breathing community: locals hang laundry in courtyards, career down alleyways on bicycles, simply sun themselves in doorways or chew the fat with neighbours. The only traffic jams you'll see are tour buggies bumping head-on at a corner..."*

Diversas outras cidades e vilarejos, mais ou menos próximas das capitais de província, refletem a China "autêntica". É rural, atrasada, pobre e exótica. E talvez as três províncias que mais tipificam tal experiência do exotismo sejam Yunnan, Sichuan e o Tibete. Dedicar-me-ei a apresentá-las abaixo. Trata-se mais de exotismo e ruralidade do que de nostalgia de um passado histórico. Com exceção de Sichuan, o Tibete e Yunnan tiveram relativamente pouca influência da China Imperial quando comparando com as demais províncias. Estas províncias apresentam menor poderio da etnia Han, que corresponde a 92% da população chinesa (no Tibete, compõe apenas 6%).

Sichuan, apresentada a partir da página 701, é a província do urso panda, o "rosto mais famoso de toda China". A capital Chengdu tenta mostrar o lado brilhante e cosmopolita da China moderna, mas o mochileiro não precisa se aventurar muito distante para ver uma pose mais tradicional de Sichuan. Em outras palavras, Chengdu é filtrada negativamente. O polo positivo da província reside em seus vilarejos antigos, com casas de chá perdidas no tempo e cobertas por neblina das montanhas. Os pequenos becos nas cidades antigas e os monastérios de madeira são o "legítimo" charme de Sichuan. O norte da província é idílico com vales alpinos e morros repletos de florestas com lagos azul-turquesa, além de maravilhosas trilhas para praticar escaladas. O oeste da província—fronteira com o Tibet—é repleto de picos nevados onde a cultura tibetana "ainda" prospera.

A capital Chengdu também é um dos pontos mais próximos, seja de avião ou trem, para Lhasa (Xining, na província de Qinghai, é a capital mais próxima de Lhasa). Portanto, é uma cidade que capta muitos mochileiros. Ademais, tanto a gigantesca estátua do Buda em Leshan quanto o Monte Émei Shan estão somente a duas horas de ônibus de Chengdu.

Portanto, essa cidade ganha certo destaque no guia, inclusive por ter um dos albergues mais badalados do país.

A montanha de Émei Schan é um dos quatro picos sagrados do Budismo na China. O guia alerta sobre a quantidade de peregrinos e, sobretudo, as “hordas de turistas”. Novamente, supõe-se que o mochileiro tem qualquer disponibilidade de tempo para escolher a melhor data: a mais vazia, visando uma experiência de singularidade com o local. No monte Émei, também é possível passar uma noite dentro de um monastério budista. O guia não explicita se isso é uma “maravilhosa oportunidade” por motivos espirituais ou pela busca do exotismo. A gigantesca estátua do Buda em Leshan, a 2 horas de Chengdu e somente a uma hora de Émei Schan, é também uma das maiores atrações turísticas do país. A estátua com mais de 1.200 anos possui unhas maiores do que o homem médio. Estas e o urso panda seriam as maiores atrações da província, em seguida aos vilarejos e monastérios. Um dos albergues mais famosos e badalados do país fica nesta província e isto diz algo sobre o que os estrangeiros buscam ver na China.

A extremamente turística Yunnan, a partir da página 637, é uma destinação de sonhos para viajantes, de acordo com o guia. Noto que Yunnan não possui nem a sofisticação da China contemporânea nem as ruínas de seu passado dinástico. Nenhuma das duas coisas faz o atrativo da província. A predominância da etnia Han é reduzida: mais da metade das minorias étnicas da China reside nesta província. Ainda assim, o guia enfatiza: “se você tem tempo de visitar somente uma província na China, então precisa ser Yunnan”. A província é uma extraordinária salada de humanidade, com um variado esplendor da terra. O último parágrafo da introdução da província resume: “*in one week you can sweat in the tropics and freeze in the Himalayas, and in between check out ancient towns. So however long you’ve given yourself in Yunnan, double it. Trust us on this one*”.

Talvez Yunnan simbolize aquilo que o mochileiro tanto busque: o ápice do autêntico e do exótico, a morada do Outro. A capital, Kunming, evidentemente não é o atrativo da província. No entanto, ela opera como ponto de partida para os mochileiros explorarem o interior da província e partirem para Laos. Yunnan é a fronteira da China com o sudeste asiático. E a “morada do Outro” entra em seu paradoxo com o fenômeno mochileiro. Dali, por exemplo, recebe a seguinte descrição:

Dali, the original funky banana-pancake backpacker hang-out in Yunnan, was once the place to chill, with its stunning location sandwiched between mountains and Erhai Lake. Loafing here for a couple of weeks was an essential Yunnan experience.

Today, though, Dali routinely gets bashed for being—you guessed it—too touristy. Yes, much of the old has been garishly redone and, oh my goodness, have Chinese tour groups found the place. Then again, this sniffy attitude has resulted in fewer Westerners heading there, so you won't be as taken for granted as in years past. Forget the whingers, for there are fascinating possibilities for exploring, especially by bicycle and in the mountains above the lake, and getting to know the region's Bai culture. (p. 656)

Já para Lijiang, no noroeste da província, ao considerar que um vilarejo de 40 mil habitantes recebe cinco milhões de turistas por ano, o guia recomenda: *but remember the 80 to 20 rule; 80% of the tourists will be in 20% of the places. Get up early enough and more often than not you'll avoid the crowds. And if they do appear, that's the cue to beat a retreat into the delightful labyrinth of old streets, where soon enough it'll be just you again. (p. 661)*

Não vou me estender sobre as dezenas de vilarejos citados no livro, sem contar os parques ecológicos. Basta lembrar que, frequentemente, quanto mais difícil o acesso, quanto mais “*getting there is a pain*” (p. 681), maior a recompensa. Shangri La, cidade mistificada por seu exotismo mediante o livro *The Lost Horizon* do inglês James Hilton, é uma cidade real, localizada em Yunnan. Outrora o fim do mundo e a morada do Outro, o guia lamenta “*how times change*”.

Assim, na página 878, o Tibet é apresentado: “*though never exactly Shangri La, Tibet has nonetheless held the imagination of Western spiritual seekers, adventurers and intrepid travelers for centuries. Double the size of France, and home to a mere three million people, the 'roof of the world' promises incredible high-altitude scenery, awe-inspiring monastic cities, epic road trips and a beautiful, unique Himalayan culture that has endured a half-century of assault and hardship. Extremely popular with Chinese travelers and with one of the fastest growth rates in China, much of Tibet is changing fast, with new paved roads, airports and a rail-way spur planned for the coming years. The magic of old Tibet is still there, you just have to work a bit harder to find it these days*”.

Noto que, assim como os vilarejos de Yunnan, o turismo é descrito pelo guia como parcialmente responsável por deteriorar a suposta cultura nativa. Porém, não se trata de qualquer turismo. É o próprio turismo interno, dos chineses, o agravante maior. No mais, o Tibete representa um conflito de narrativas. Para a visão ocidental, logo, a do guia, o Tibete sempre foi uma região relativamente autônoma que, com a queda da dinastia Qing, tornou-se livre da China até a sua ocupação em 1959. Para as versões chinesas, o Tibete sempre foi uma província da China, com raros períodos de independência. Era, no máximo, um protetorado com relativa independência.

O Tibete tem sua particularidade ao deixar clara a visão do guia sobre o governo chinês. Sobre um embate entre os monges e o poder chinês em 2008, o guia comenta que a reação do governo com o protesto foi “previsível”: *arrest, imprisonment and an increased police presence in many monasteries* (p. 881). Segundo o guia, a China espera obter a adesão do Tibete progressivamente, mediante as melhorias econômicas e tecnológicas oferecidas. O guia assinala: *“it’s a policy that is working in the rest of China. It remains to be seen whether Tibetans will be so easily bought”*. (p. 881).

Logo em seguida, o guia assume, ao explicar sobre as restrições de visita na província: *“travellers to Tibet face much tighter restriction than in other parts of China. Authorities would say this is for tourists’ protection, though it has more to do with foreigner’s tendency to sympathise with the Tibetan cause and bear witness to political tensions. Recent restrictions forbid foreigners from visiting a Tibetan home or staying overnight in a monastery”*. (p. 882)

Ao longo do guia, o governo da China contemporânea, em uma ruptura com a esfera estatal da sociedade civil, é retratado como tirânico, déspota, que de certa forma deslegitima o atual poderio econômico do país. De certo modo, a China (Estado) e os chineses (sociedade) são dissociados: os segundos são vítimas da primeira. E as minorias étnicas são reprimidas pela etnia Han dominante. A beleza do país tampouco jaz em seu passado poderoso, embora impressionante. Ao que parece, segundo o guia, a China é bela quando exótica e rural. É verdadeira quando “fraca”. O Tibete é a última província apresentada e, a partir da página 903, inicia-se uma das últimas seções do livro, *Understanding China*. O que tento argumentar fica mais evidente nesta parte.

A começar, pelas duas seções iniciais, um panorama da “China superpotência” (com um ponto de interrogação, questionando a legitimidade) e da sua História, da qual nas 20 páginas dedicadas ao assunto, apenas sete cobrem o período dinástico (descrito como muito mais conturbado e turbulento do que imaginado). A superpotência chinesa é posta em xeque em sua infraestrutura. Apesar dos números em termos absolutos como o PIB do país, o guia anuncia, sob uma perspectiva ocidental, as falhas do sistema. A renda per capita seria equivalente à da Namíbia, a desigualdade está entre as maiores do mundo (o que seria “imperdoável” para um governo comunista). A classe média urbana cresce rapidamente, porém a maioria da China permanece rural e pobre. O guia relembra episódios recentes, de como a China fora mais ou menos incapaz de lidar com acidentes ecológicos (derramamento de petróleo em julho de 2010) e sua severidade autoritária com protestos humanistas, seja de seus grupos minoritários (tibanos em 2008 e 2009), seja pela repressão de ativistas e

militantes em Pequim. O suposto orgulho chinês pela atual posição do país no cenário mundial é frágil. E parte dessa fragilidade, resume o guia, transmuta em um nacionalismo preocupante, particularmente entre os jovens que não possuem outras ideologias para acreditar.

De certa forma, os chineses “inteligentes” e “conscientes” necessariamente se rebelam contra a China. Somente os chineses alienados compartilham com a ideologia governamental. O bom chinês é ocidentalizado.

Estas seções, de Economia (“China superpotência”) e História, são as que mais colocam em dúvida a capacidade chinesa de se auto-representar. Mais da metade dos livros recomendados sobre economia e história da China são de autores ocidentais. Os autores chineses adquirem voz somente para maldizer as operações do governo, confirmar situações de pobreza e repressão. O governo chinês é essencialmente despótico e manipulador, como afirma o guia na página 929 sobre a relação de Pequim com as minorias étnicas: “*as with most fractious (e complicadas) features of Chinese society, Beijing goes to superhuman lengths to present China’s ethnic relations as ‘harmonious’. Newspapers, TV reports, museum exhibitions and ethnic performances tirelessly depict tribes of joyful minorities. It is part of the desintellectualisation of sensitive issues which bashes the square peg of China’s ethnic relations into a seemingly round hole*”. De certo modo, o guia se apresenta como um representante dos chineses, já que estes são incapazes de representar a si mesmos com fidedignidade.

A crítica se encerra por aqui. Tentarei demonstrar adiante como é uma espécie de tabu falar mal do nativo e o guia prossegue com uma visão mais otimista e benevolente dos chineses. A crítica se dá à alienação, e não a uma falta de caráter. Os chineses são orgulhosos de sua história, mas isso não se confunde com arrogância (na mesma página 929). São reservados, educados e generosos, apenas levianos quando o assunto é política. O chinês é um sujeito bom, apenas vítima da própria China.

Enquanto raça, segue o guia, o chinês Han é bastante reservado. Lapidados por princípios do confucionismo, os chineses são pensativos, discretos e pragmáticos. São conservadores e de certo modo introvertidos, preferindo roupas escuras ao invés de cores berrantes (o que contrasta um pouco com as ideias dos robes de seda chinesa). Os chineses, com exceção dos oriundos de Xangai (de acordo com o guia que alega parafrasear outros chineses), são muito generosos. Seria típico (e isto de fato aconteceu comigo) um chinês recém conhecido no trem ou na rua convidar para almoço ou janta e insistir em pagar a conta. Eles também “simplesmente” adoram crianças e são particularmente calorosos com elas. E se

eles são confidentes e orgulhos do novo status de super potência ou do trem do Himalaia, estão infelizes e céticos com a corrupção manifesta do país e da opaca cultura política.

E se os chineses sempre foram reservados e circunspectos, essa característica é ressaltada na China moderna. Eles podem ser diretos ao perguntar a idade, a renda e demonstrar o desafeto pelo Japão, mas são “dolorosamente” quietos sobre a relevância da liberdade de discurso na China. Tudo isso faz do chinês um sujeito ambíguo e complexo, apesar da reputação de ser direto. Insisto que o guia generaliza qualquer país—é a função do guia fazê-lo, e na China a questão sobre a censura é bastante frisada. A próxima seção, por exemplo, é sobre mulheres na China.

Sobre este tema, o guia apresenta um paradoxo. Se a mulher da China imperial deveria seguir as “três obediências e quatro virtudes” (p. 930), a dizer: obediência ao pai antes do casamento, ao marido depois do casamento e aos filhos em caso de viuvez. As virtudes são “*propriety in behaviour, demeanour, speech and employment*”. Neste aspecto, o guia favorece a posição política do partido comunista com as leis de 1949. No entanto, o guia contrasta a beleza das mulheres imperiais, com suas peles brancas e suaves, com as trabalhadoras de bochechas rígidas e severas. Na busca pela igualdade, o Partido Comunista retirou a sexualidade da mulher chinesa, manufaturando uma forma de prisão que as chinesas contemporâneas encaram com desprezo. A mulher chinesa possui maior tendência ao suicídio do que o homem. E nas áreas rurais, a tendência é cinco vezes maior.

O guia também retrata as diferenças geracionais dos chineses. Os mais jovens possuem dificuldade de simpatizar com os mais velhos, sobretudo com a geração dos avós. Isto, lembra o guia, também ocorre no Ocidente. Entretanto, ao contrário dos jovens ocidentais, que seriam dotados de uma atitude não conformista, o jovem chinês é conformista. Isto seria “evidente” pela justaposição de duas culturas e gerações políticas completamente opostas: uma que foi comunista e a outra que é materialista e sem ideologia.

Não me estenderei, acho que já abordei os pontos que gostaria de assinalar. O guia prossegue analisando sistemas religiosos, culinária e modos de mesa, artes, geografia etc, dando um panorama geral e generalizado sobre o país visitado. E a cultura local, como em quase todos os guias, é imensamente valorizada. O bom viajante vai se maravilhar com o “paraíso gastronômico” (p. 941) que é a China e se impressionar pelo fato do país deter uma das heranças mais ricas nos âmbitos culturais e artísticos (p. 951).

O final do guia apresenta informações sobre vistos, vacinas, travessia de fronteiras com países vizinhos e demais conteúdos de caráter utilitário.

3.2. As origens do Lonely Planet: a bíblia dos mochileiros.

Tony Wheeler, um anglo australiano, e sua esposa Maureen, irlandesa australiana, são os fundadores do *Lonely Planet*. Em 2007, a *BBC Worldwide* comprou 75% da empresa e em 2011 os demais 25%. Durante as entrevistas, ouvi críticas de que o *Lonely Planet* não é mais tão mochileiro, visando um público mais amplo de turistas. Isso se pode verificar se contrastar-se com guias mais antigos, de outros lugares menores, que sugeriam viagens mais longas (ver o *Central America in a Shoestring* de 2007, que recomenda no mínimo três meses para o subcontinente, uma área bem inferior ao território chinês). O patrimônio do casal é estimado em 190 milhões de dólares.

Maureen nasceu em Belfast, no norte da Irlanda, e se mudou para Londres aos vinte anos onde encontrou seu futuro marido, Wheeler. Em 1970, eles viajaram de Londres pela Europa, Ásia até a Austrália. O resultado da viagem foi o guia “*Across Asia on the Cheap*”: foi a fundação do *Lonely Planet*.

Em um hotel de esquina em Cingapura no início de 1973, eles escreveram o segundo livro: *South-East Asia on a Shoestring*. Tony Wheeler diz que o padrão estabelecido para aquele que foi o primeiro livro “sério” permaneceu consistente até o dia atual (ao falar em 2004).

Eles residem predominantemente na Austrália desde os anos 70. Em 1979, o guia sobre a Índia foi o maior livro, de acordo com Maureen, sobre o país jamais escrito. Em 1981, o *Lonely Planet India* foi publicado, se tornando um sucesso de vendas imediato. A equipe então era de dez pessoas. Desde então, o *Lonely Planet* se tornou uma publicação ícone. A empresa tem escritórios em Melbourne, Londres e Oakland, com uma equipe acima de 500 empregados e 300 autores. A empresa vende seis milhões de livros por ano. *Lonely Planet* já imprimiu mais de 54 milhões de cópias de seus 600 guias em dezessete idiomas e tem um retorno de 85 milhões de dólares anuais. Em 2011, o guia foi finalmente traduzido para o português brasileiro, com os livros da Argentina, Portugal, França e alguns destinos populares entre brasileiros.

Boa parte da razão pela qual o *Lonely Planet* foi vendido para a BBC é devido ao fato de que o casal deseja viajar mais. De acordo com Maureen: “*Travel these days is a part of our lifestyles. People are more surprised by those who don’t travel than they are by people that do. Over the last 30 years travel has gone from being an absolute luxury, or something that only mad young backpackers did, to being something that everybody tries at least once. It would have been hard to imagine 30 years ago.* (conforme o link na bibliografia).

Entre artigos sobre o casal, há um questionamento da ideologia mochileira do mesmo. Maureen e Tony são quase que acusados de certa traição por viajarem luxuosamente. Dentre as acusações, estão viajar em classe empresarial e dormir em hotéis de 500 dólares a diária.

Lonely Planet co-founder Maureen Wheeler makes no apologies for flying business class on long flights with husband Tony, or for enjoying the occasional stay at architecturally splendid hotels. "I'm 55 years old, I've been working at Lonely Planet for 32 years, and we started flying business class maybe 10 years ago," she said yesterday. "And I'm certainly not going to go back to economy unless I have to." I'll fly economy on any trip less than nine hours - that's my general guide. Above nine hours, I'll go in business class."

O âmbito do questionamento é, precisamente, a crítica de que o *Lonely Planet* não possui mais um diferencial em relação aos demais guias de viagem e “viajou” para longe demais de suas origens, auxiliando gerações de mochileiros. O artigo relembra que o primeiro guia, *Across Asia on the Cheap*, foi feito pelo casal sem um centavo, de 94 páginas e vendeu 8 mil cópias. As vendas atuais variam entre 80 e 100 milhões de dólares. No entanto, a empresa que sempre afirmou não aceitar publicidade atualmente considera operar um sistema de reserva de hotel no seu *website*. Maureen, que incentivou os projetos humanistas e caridosos da corporação *Lonely Planet*, também foi acusada de retrucar um insulto feito por uma criança em Oman. Ela se defendeu alegando que o país é próspero e não se tratava de uma criança carente.

O *Lonely Planet*, além de ser o maior guia de viagens, tanto em livro quanto em mídia digital, atualmente possui programas de televisão, documentários, revistas etc. O *Lonely Planet* tem sua própria companhia de televisão, produzindo séries como *Lonely Planet: Road Less Travelled*, *Going Bush* etc.

A empresa *Lonely Planet*, em conjunto com a concorrente *Rough Guides*, incentiva a diminuição de emissão de gases de avião pela campanha “voe menos, fique mais”, sugerindo um estilo de viagem mais nos moldes “mochileiros” do que o tour turístico, de poucos dias e deslocamentos constantes.

Uma das críticas contra a empresa é oriunda de sua própria fama. O *Lonely Planet* seria capaz de atrair um grande número de viajantes para determinado local, trazendo invariavelmente mudanças. Por exemplo, *Lonely Planet* é acusado pelo crescimento da chamada “Trilha Panqueca de Banana” (*Banana Pancake Trail*) no sudeste asiático, a destinação mais popular entre mochileiros iniciantes. Os críticos argumentam que a imensa popularização da trilha entre mochileiros acarreta a destruição da cultura local. O guia se defende alegando encorajar viagens responsáveis, e que é sua função informar ao público.

Um acontecimento recente relevante para o Brasil concerne a publicação do livro *Do Travel Writers Go to Hell?*, escrito pelo autor responsável em cobrir o Rio de Janeiro no *Lonely Planet*, o norte-americano Thomas Khonstamm. O autor teria se envolvido com drogas, prostituição, contrariando ideias do turismo responsável.

Independentemente das críticas, *Lonely Planet* tornou-se uma homologia aos guias de turismo, quase como Gillete para barbeadores e Xerox para fotocópias. É de longe o guia de viagem mais famoso do mundo e foi citado inúmeras vezes durante as entrevistas em uma relação dúbia, que ao mesmo tempo pode se confiar em suas informações quanto evitá-las. Afinal, se todos seguem determinada dica pelo guia por ser “autêntica”, o que se encontra enfim são vários mochileiros com seus respectivos guias em mãos.

4. O CHAMADO DA ESTRADA E AS CORRELAÇÕES ENTRE O SI, O PRÓXIMO E O DISTANTE.

É comum entre mochileiros o discurso de que viajar não é meramente uma atividade de lazer, como se viajar fosse algo necessário, quase como um dever ao invés de opcional. Batizei essa “urgência” em viajar de “Chamado da Estrada”, baseado no livro *O Chamado Selvagem*, de Jack London. No romance, o cão Buck vivia tranquilamente até o dia em que é enviado para se tornar um cão esquimó. Ao longo dos acontecimentos da trama, Buck culmina se unindo com uma matilha de lobos, vivendo na floresta. A metáfora pode servir aos mochileiros que abandonam o conforto de suas casas em seus respectivos países natais para uma jornada cujo palco é o mundo inteiro. Podem, em dadas ocasiões, sentir frio e solidão, mas tal como o efeito de uma droga viciante, a relação com o país natal é alterada permanentemente.

A inicial curiosidade pelo mundo e pela aventura desdobra-se no conhecimento de Si. Como se desenrola tal autoconhecimento, quais as transformações de Si? Convivem, também, com seus pares viajantes. São seus Próximos. Enfim, também entram em contato com os nativos do país visitado, os Distantes. Os pontos levantados perpassam o memorável, o aprendido, o risco e gosto pela aventura, assim como as sociabilidades estabelecidas com os Próximos e os Distantes. Viajar é uma atividade individualizada cujo processo de transformação depende dos outros. O foco é perceber os locais, os meios e a razões dessas mudanças, salientando tanto as dimensões pragmáticas quando as subliminares.

4.1. Do turista ao nômade: perfis díspares entre viajantes na China.

Dentre mais de cinquenta entrevistas, 25 foram pré-selecionadas, das quais dez são as efetivamente escolhidas para ilustração de caso. O princípio básico de escolha, ao invés de selecionar pela semelhança, foi pela diferença. Três entrevistas se destacam por serem os mochileiros mais experientes que conheci, talvez até mesmo comparando com viagens pretéritas – e por isso começo aqui esta reflexão a partir deles, para em seguida, referir-me aos vários outros entrevistados. Não é raro encontrar viajantes que seguem uma espécie de trajeto semelhante ao de Júlio Verne e sua volta ao mundo em 80 dias. A versão moderna compreende um ano, com um bilhete custando em torno de 2 a 4 mil dólares permitindo acesso a voos baseados na quantidade de milhas compradas. Seguindo os passos de Mr.

Phileas Fogg e Jean Passepartout ("Faz-Tudo" em certas edições portuguesas), o trajeto inclui os Estados Unidos, norte da África e sudeste asiático. Esses viajantes vão além dos personagens e percorrem a Austrália, a Nova Zelândia e a América do Sul. A versão contemporânea da ambiciosa volta ao mundo compreende numerosos mochileiros em busca de experiências e é fácil encontrá-los em frequências regulares nos países acima mencionados. Nota-se que a China não está inserida no trajeto clássico. E os Estados Unidos são ambivalentes por serem diversas vezes incluídos nesse bilhete por alguns mochileiros enquanto, para outros, é o país menos interessante de se visitar.

Por isso mesmo esses três viajantes foram selecionados. Se fosse possível estabelecer uma hierarquia abstrata, baseada mais nos relatos apresentados do que em categorias canônicas, eu classificaria os viajantes em uma ordem crescente na direção de uma ideologia de "desprendimento" das suas condições de origem. Trata-se de uma classificação feita por mim, a partir de critérios mais ou menos constantes durante as entrevistas.

Turista - Mochileiro - Viajante - Nômade.

Esses três entrevistados estariam na categoria mais alta segundo essa escala de valores/ideologia: a do "Nômade". São marcadamente diferentes dos demais entrevistados tanto quanto entre si. Um deles começa a cansar da vida de viagem enquanto outra optou por estar na estrada eternamente, consciente de que possivelmente morrerá em algum hospital deficiente de recursos bem distante dos padrões de seu Primeiro Mundo nativo. A terceira consegue conciliar trabalho com viagem, mas, seja qual caso for, não está no país natal. O comum entre eles foi o passo dado em abdicar do estreitamento de laços sociais no país natal em prol da viagem e, diferentemente de expatriados que desenvolvem novas relações em outro país, seguem sempre adiante. Incorporam ao patamar mais elevado o lema de que conhecer o mundo é a escola mais importante da vida.

Esses "Nômades" são uma norte-americana de oitenta anos, uma irlandesa de sessenta e quatro anos e um francês de trinta e sete. A norte-americana é uma figura tão emblemática que, ao conversar com outros mochileiros sobre sua história, alguns mencionaram já terem ouvido falar dela—mediante relatos de outros mochileiros que também encontraram alguém parecido, sem realmente saber se é a mesma pessoa. Os "Nômades" são raríssimos de serem encontrados, até porque não é possível identificá-los como tal apenas pelo vislumbre, e o acesso a eles não é tão fácil. Narraram suas histórias de vida e relatos de viagem em incontáveis ocasiões no passado. Diferente do jovem mochileiro inexperiente ávido por trocar experiências, eles por vezes apresentam sinais de cansaço em explicar sempre as mesmas anedotas. Os três foram categóricos comigo: se não fosse por causa de uma dissertação de

mestrado, não concederiam entrevistas. Fontes de inspiração para os mochileiros mais experientes e para os viajantes, os “Nômades” são mais mencionados do que encontrados. Quando mochileiros trocam experiências e relatos de viagem em uma sala comunal de albergue, a menção de um dia ter encontrado algum desses “Nômades” encerra o assunto. São imbatíveis. O desejo pela viagem é inesgotável.

And I was 18... here I am, almost 81, and I still want to travel. Travelling is genetics. Well, as I take it, there are so many interesting things that it never ends! New things, just like last night when I got to talk to Marc (um holandês de 27-28 anos que viajou comigo por dois dias) and Eduardo (eu), and so many interesting discussions! I mean, say somebody is 80 years old in a retirement home, they are in with other old people. They are talking about their health and these problems, you know? Who wants that? Not me, not I! Now, I think I've learned that I really love what I am doing because I think if I were a normal 80 year old I would maybe be in a retirement home, and I would be with other people my age, and we would be talking about our health, and our children and grandchildren and I just wouldn't like that. In this way, I'm having a great, a great life. (norte-americana, 80 anos).

Tal ímpeto, “genético” ou não, também pode ser influenciado na infância do futuro viajante, por sua família. A predisposição para viajar se dá em idade tenra, ainda que a vida nômade se efetive posteriormente.

And, then, when I was a teenager, one of my elder sisters went travelling half around the world. That was unusual. You know, in 1961, she must have been in her early 20's. And she backpacked around the world. She went to Vietnam before the Vietnam War started. She was really... she used to send me back these letters, talking about places. My father loved so much. Because he would have loved to have traveled, you know. But he brought up six kids and blah, blah. So, I used to read her letters about her travels. And when she came home, she showed slides from her travels. So, I knew that one day I would travel a lot. I knew that I would. We were six kids in the family and she was the first. And the second did some traveling. Third, did travel a lot. Fourth, the only boy, my brother, just a year older than me, he traveled around the world with his bicycle... We don't think it is a big deal, to travel around the world. We know that travel broadens the mind and makes you far stronger and acceptable to any kind of situation. That's what I think my father would've liked to set on us. That you haven't really lived until you travel and meet people and see how people are living in other countries (...) Traveling is something I can't quit. Just to keep going. Forget it, keep going. You never know what's going to be around tomorrow, because travel is like a box of chocolates. Keep going, find a bed, finding out next morning the most fascinating people. (irlandesa, 64 anos).

Segundo a classificação que propus acima, o “Viajante”, , pode ser interpretado como um mochileiro mais experiente. Ainda a léguas de distância do “Nômade”, apresenta traços deste e pode-se dizer que em breve precisará tomar uma decisão absoluta sobre qual rumo tomar na vida: ou se tornar um “Nômade” ou deixar de viajar tanto, retomando o patamar de “Mochileiro”. A vida cotidiana no país nativo do “Viajante” resume-se em arrecadar fundos para financiar a próxima viagem, ele já não pensa em construir carreira e família, mas hesita em dar o último e maior passo. Viajar é o epicentro de suas atenções e o regresso ao país nativo é visto como temporário ao invés do contrário. Vários mochileiros mais experientes

preferem se autodenominar “Viajantes”, encarando o termo “mochileiro” como quase tão depreciativo quanto estes últimos acham o rótulo de “turista”. Eles não são tão fáceis de serem encontrados nos albergues. Mesmo quando não conseguem se alojar gratuitamente em uma residência nativa, optam por uma acomodação barata, porém julgada “mais autêntica”, distanciada dos estrangeiros. O albergue é visto mais como uma pausa, para relaxamento, do que continuidade da viagem (e, decerto, não seria um local de aprendizado; quando muito o ambiente serve para transmitir os próprios conhecimentos). Bem mais próximos da realidade da maioria dos mochileiros do que os “Nômades”, pairam enquanto uma figura fraterna, uma espécie de irmão mais velho a dar dicas e incentivar para sempre seguir em frente. Afinal, como ainda possuem laços, embora não tão fortes, com o país nativo, eles demonstram que é possível conciliar uma vida de aventuras e viagens sem um rompimento brutal com os familiares e amigos deixados em casa. Nesta categoria, selecionei um inglês de trinta e quatro anos.

It wasn't all work related at the end, I kind of had a mild depression. My thoughts were quite dark at some point... the only way was to break away completely from my lifestyle, to create something new, to become somewhat a new person. To be born again and to new experiences. It was the best way to do it (...) I think there is freedom in traveling, of spirit, when you leave everything behind and are not completely sure how is going to turn out, what you are going to do. That is the great unknown, you don't know what you are going to do or to experience. But you know it is going to be different from what you left behind you. It is like drug, I mean, it is like a drug because I can't stop now. If someone tells me I can never travel again, I'd kill myself, you know what I mean? That is why I won't get married, I want to go travel. It is like cutting my wings or something, chopping my dick off. There is no point (inglês, 34 anos).

O “Mochileiro” é aquele que atende aos pressupostos básicos já várias vezes aqui referidos: baixo orçamento, mínimo de três meses e a emblemática mochila. Alguns podem fazer apenas um ou poucos mochilões durante a vida, enquanto outros fazem isso com regularidade. Os vínculos com o país nativo são suficientemente fortes para impedir que haja uma ruptura mais abrupta: as saudades da família e dos amigos são mais potentes e a maioria segue ou pensa seguir carreiras que requerem diplomas universitários, das quais dificilmente pode-se ascender sem certa continuidade. Ironicamente, pode ser a categoria mais heterogênea e complicada em relação à qual se possa definir tipos ideais/arquétipos, pois alguns conciliam intercâmbio com o mochilão, outros fazem do mochilão uma ruptura temporária com o país nativo, outros o *hobby* principal. Seria talvez mais seguro dizer que nenhum se julga tão somente “Turista” enquanto admitem não serem tão radicais quanto os “Viajantes”—quando designados dessa forma, soa mais como lisonja. Talvez a diferença do “Viajante” para um mochileiro experiente seja qualitativa e destes para os menos experientes, quantitativa. As entrevistas selecionadas envolvem uma mãe e uma filha britânicas, um grupo de mochileiros

encontrados em um albergue (duas norte americanas, um australiano, um inglês e uma alemã), duas amigas universitárias de intercâmbio na China (romena e tcheca), um advogado mexicano e um finlandês desempregado. Escolhi-as, justamente, pela disparidade, misturando visões de nostalgia e repúdio ao país nativo, de diferenças geracionais e de orçamento, assim como de metodologia: duas são realizadas individualmente, duas em dupla e uma com um grupo de cinco pessoas.

Há ainda um casal de brasileiros em lua de mel, que seriam os mais próximos da categoria “Turista” no sentido clássico, sobretudo por apresentarem os maiores gastos dentre todas as cinquenta e uma entrevistas. Trata-se de uma viagem de um ano ao redor de diversos países, mas era a primeira experiência no exterior e, ao ponto de sua realização, era difícil saber se outras se seguiram ou se foi apenas uma experiência extraordinária. É a única entrevista realizada com mochileiros em sua primeira viagem; abri exceção pela duração de um ano e por serem brasileiros. Todas as viagens curtas também foram evitadas, exceto se a experiência passada do entrevistado compensasse.

4.2. Cada viajante no seu galho: do resort cinco estrelas à casa do nativo.

O albergue é, por excelência, o habitat dos mochileiros, o reduto máximo onde indivíduos se reúnem para formar um grupo. As oposições mais nítidas entre os entrevistados são as de mochileiro *versus* turista e albergue *versus* resort. Enquanto o hotel, no universo dos mochileiros, tem uma unânime representação pejorativa ligada ao turista alienado, preso ao turismo associado a lazer e consumo e à sociedade industrial, o albergue desfruta de um status positivo ainda que ambíguo. Praticamente todos os entrevistados concordaram que o hotel hospeda empresários em reunião de negócios internacionais ou turistas em busca de breves momentos de lazer. E quanto mais luxuoso o hotel, cuja apoteose seria o resort cinco estrelas, mais rígido o estereotipo de turistas regrados pelo mercado de trabalho e a sociedade de consumo, atrelados por um sistema de turismo que retira qualquer autonomia individual do sujeito, como se fosse preguiçoso, incapaz de desbravar o mundo por si próprio, bitolado por seus padrões de conforto oriundos do país natal e medroso diante do desconhecido. Vítima e cúmplice simultaneamente: se o resort e seus atrativos prendem o turista para dentro de si, afastando-o de uma suposta cultura “real” do país visitado, em realidade tampouco o turista se importa em ser guiado. Pelo contrário, é sua preferência. Os entrevistados acusam os turistas de não efetivar um deslocamento legítimo, uma vez que não faria sentido a mudança geográfica para, basicamente, experimentar o mesmo em um local alhures. Atribuem a falta

de interesse por culturas diferentes dos turistas ao conformismo e ao medo: e com isso não se quer dizer que não há contato nenhum com os nativos, mas apenas que são sempre mediados pela espetacularização, distante do "autêntico". Autêntico este, que requer "força", "criatividade", "curiosidade" e certa dose de "coragem". Hotéis mais baratos não são tão enfaticamente acusados como os resorts cinco estrelas, mas ainda se situam aquém dos albergues. Não obstante, o resort apresenta-se como o ambiente da alienação, do puro lazer sem conhecimento, para apenas o desfrute:

Because you don't see anything. You ask if they saw a mosque and people just go, 'no, I just stayed at the beach, look how brown I am. I had Tequila Sunrise, bla, bla, bla'. At least, it is what I think. I also like to lie down on the beach (romena, 23 anos).

O significado do albergue é ambíguo dependendo do mochileiro em questão. Ao jovem inexperiente que se encontra em tal ambiente pela primeira vez, o deslumbre em compartilhar a conversa e algumas cervejas com representantes de continentes diferentes na mesma mesa tende a elevar o albergue como um local de miscigenação cultural e integração ideológica, com pessoas de mentalidade aberta (segundo seus critérios), ávidas por conhecimento do mundo.

I think hostels is something, like, I like to meet people, people from all over, get to know what we have in common in points of life or what we don't have in common in point of life, that is a really interesting subject by itself. Hotels, obviously, they are a lot more expensive, but they are not a place I could engage in that kind of conversation. In hostel it is all natural to talk about that (...) I feel really bad to say it out loud, but I feel the people in hotels, they live in a different world than I do. In the way of point of life and probably the budget –this is all pretty much assumption—but I do believe the people in hotels are there for specific reason, they would need to do something like job related in a country, they would want to spend nice vacation at a beach, a specific place. As for me, I wouldn't want to go to a specific beach for a week, I would want to see the local life (finlandês, 26 anos).

Os hóspedes dos hotéis não se comunicam entre si, ainda que as facilidades das áreas comuns, como restaurantes e bares, também existam neles. Aliás, existem até mais áreas comuns em hotéis do que albergues, como piscinas, salas de ginástica etc. No entanto, a diferença entre a integração ou não entre os hóspedes é o público frequentador. É um "clima" distinto.

I like the feeling of the hostel, you know, there are stuff on the wall. You meet people here you can talk to, you can ask the guys to get something to eat together. It is like a common place, you meet travelers. In hotels everybody is just so separated, you know, I don't like the atmosphere (...) A guy (tipo ideal do mochileiro) who has, or, people who have hippie clothes, they have a lot of stories to tell you because they have travelled a lot, like you. So they tell you 'I came from here and from there'. Like, they can share a lot of opinion (...) Mostly they are young people. In hotels the people are older and they are business people sometimes. And here the people are all like 20 or 30 something and they

are not like comfort people. They just come with their backpacks and they are already 'hi'. This is like a nice feeling, that is kinda of make us global. I personally love it. It is like you have a guitar on your corner and you could just use it. In a bar in a hotel you can't just go and eat your potatoes, here is just chill (romena e tcheca, 23 anos).

Os mais experientes são mais céticos. Sabem que o “mundo inteiro” não se encontra no albergue: quando muito, a Europa Ocidental, a América do Norte, a Austrália e a Nova Zelândia, com parques japoneses, sul-coreanos, israelenses e latino-americanos, com praticamente nenhum africano (quando muito, sul-africanos). Os inexperientes retratam o albergue como um *melting pot* cultural, de compartilhamento internacional. Os mais experientes tendem a representar o albergue como um local de desleixo e esbórnia, “como se todo dia fosse sábado”, de pessoas mais interessadas em cervejas e sexo do que um real aprendizado de si e do mundo. Em relação ao resort e ao hotel, o albergue é *sempre* mais multicultural. Não há nenhuma exceção sobre esse ponto em todas as entrevistas. Apenas, o grau de euforia diminui conforme as experiências adquiridas ao longo de viagens. Etapa necessária para os novatos, é visto como opção secundária para aqueles que, em albergues, já se hospedaram tantas vezes. O emblema entusiasmado *people from all over the world* progressivamente cede lugar para apenas um reduto de outros mochileiros. Daí, a percepção da necessidade de uma busca de contato mais aprofundado da cultura “autêntica”, que não pode ser confundida com as diversas culturas europeias, norte americanas e outras pequenas exceções dentro do albergue. Adiante, o albergue pode simbolizar o simulacro da própria experiência de viagem, pelos encontros que se dão dentro dele, neófitos ou repetitivos.

I think as we always experience the regular way of living, which is everyday going to school, everyday going to work, and so do what we are supposed to do, which is not bad, but as we do all the time this way of living, maybe this other way may look as something appealing because it is original. Maybe if I had traveled all my life before, the challenge would be to have a normal life. When you travel like I am for five years, traveling can be as repetitive as work (...) actually, it is the same thing as when you are living your life in working. The way all your day is going to happen, I think it is all the time planning sights to visit, to go and taking transportation, and then another hostel, another hostel, then another hostel. And packing, and packing, packing and packing. And, most of all, always the same kind of social relations which is meeting people and explaining what you are doing, where you have been and what is the next stop. That's it. Then you meet more people, always the same kind of relations (francês, 37 anos).

O cansaço se dá por conta da repetição de perguntas, como “de onde você é? Para onde vai? Onde já esteve? Há quanto tempo viaja? Até quando ficará aqui?” No mais, é possível salientar que albergues em certas cidades centrais do Primeiro Mundo como Paris, Londres e Nova York não tentam com tanto empenho possuir uma decoração alternativa, informal, elaborada para um público jovem, como os da China e demais lugares considerados

periféricos. A ideia de albergue enquanto hospedagem barata é mais nítida em Paris do que em Xangai, por exemplo. Os albergues de Paris e Londres não possuem bares, restaurantes, sala de vídeo e jogos, mesa de sinuca e demais atrativos para as pessoas se reunirem: consistem em dormitórios simples. Outra característica dos albergues tange a localização. Em Paris é até possível achar hotéis com preços equiparáveis aos dormitórios dos albergues—mais sujos, entretanto relativamente mais confortáveis, uma vez que se consegue um quarto privativo, porém distantes dos maiores atrativos turísticos. Na China e no sudeste asiático, dormitórios em albergues costumam ser inclusive mais caros do que quartos privativos em hotéis baratos, sem que necessariamente estes últimos estejam distantes. A opção pelo albergue confirma mais nitidamente os aspectos subjetivos do albergue do que a razão pragmática de uma estadia econômica. Sobretudo quando se viaja em dupla, a razão econômica não justifica a escolha pelo albergue. Eis que alguns optam pelo hotel barato, que proporcionaria maior contato com os nativos, acusando aqueles que sempre dormem em albergues de estarem mais interessados em encontrar seus pares ocidentais. Exemplificando: se a cama em dormitório custa quinze cada, dois amigos pagariam trinta. É possível encontrar um quarto em hotel barato por vinte e cinco. E quanto mais barato é o país em geral, mais evidente se torna o contraste entre os preços dos albergues e dos hotéis baratos, sobretudo se o albergue for afiliado às grandes cadeias como a *Hostelling International*.

Portanto, o albergue não é o local onde de fato se conhece os nativos e se desfruta da cultura local. Ainda mais "radical" é se hospedar com os nativos, no estilo *Couchsurfing*, no qual o viajante se hospeda na casa de um nativo através de um *site* que disponibiliza perfis, ou – o que é ainda mais “*roots*” (expressão que significa “de raízes”, denotando maior radicalidade de ruptura com o exercício do turismo convencional e com a indústria hoteleira) e aventureiro – conseguir ser convidado por um nativo para dormir na casa. É claro que no segundo caso é raro, depende do acaso e não dá para programar. Por isso mesmo, os mochileiros que conseguem esse tipo de hospedagem com relativa facilidade são respeitados, legítimos “Viajantes”. Porém, no caso do *Couchsurfing*, pelo contrário, uma programação muito grande é necessária. Estes mochileiros são vistos como ainda mais aventureiros que os do albergue do ponto de vista da imersão cultural, mas não do improviso. Afinal, para se hospedar através do programa, é preciso avisar com alguma antecedência, o que subtrai os aspectos de risco e improviso, supostas características do mochilão.

Durante a viagem pela China e o sudeste asiático não foi possível travar contato com pessoas que tenham tido a experiência do *Couchsurfing* por uma questão prática. Só se hospeda uma pessoa (ou um casal ou dupla de amigos) por vez. Mesmo que resolvesse fazer

Couchsurfing, estaria com o nativo e não com o mochileiro anterior. Dependendo do país, a probabilidade do anfitrião de um *Couchsurfing* ser um mochileiro em casa é maior ou menor. Ou seja, é um nativo “ocidentalizado” o bastante para não se equiparar à esporádica e raríssima experiência máxima: ser convidado, espontaneamente, por um nativo. No entanto, tamanho grau de “autenticidade” tem seu preço. Supõem-se algumas regras de etiqueta, como comprar um bom vinho para a família anfitriã ou preparar um jantar com comidas típicas do país de origem do viajante, o que implica gastos maiores do que os da hospedagem nos albergues (novamente, dependendo do país. A mais-valia tende a ser positiva na Europa, mas não na Ásia). É um evidente sinal de prestígio, durante as conversas nos albergues, a habilidade de conseguir se hospedar com os nativos, mas extremamente raro, tanto por depender demasiadamente do acaso quanto por seus custos extras e a necessidade de se adaptar aos horários dos anfitriões.

Entrevistar os usuários frequentes de *Couchsurfing* não foi possível durante a viagem; pude, no máximo, perguntar se já fizeram ou não *Couchsurfing*. Não queria mudar o foco, já que o pressuposto é do albergue como o epicentro dos encontros entre mochileiros. Aqui, o intuito é apenas assinalar a conclusão de que dormir na casa de um nativo é bem superior a dormir no albergue no quesito de compreensão da cultura local. Mas então, perde-se a questão do “refúgio” e “abrigo” do albergue: é o local onde estão os outros estrangeiros e pode-se compartilhar experiências de viagem. Os que já fizeram *Couchsurfing* relatam que não possuem paciência mais para as conversas triviais e superficiais do albergue, o que é bem diferente da versão daqueles que relatam a “maravilhosa” troca de experiências. No entanto, a desvantagem primordial do *Couchsurfing* – e por isso estão em albergue –, é que ele retira a espontaneidade. Se o sujeito marca estadia em Pequim dentro de quinze dias, ele adquire uma espécie de contrato com essa obrigação. Hipoteticamente, não se poderia ir para outro lugar ou ficar mais tempo em determinada cidade. O *site* do programa permite a busca por hospedagem imediata, enfatizando que o mochileiro deve ter em consideração se é realmente uma urgência. Em casos de desistências, o mochileiro pode receber críticas negativas, dificultando o acesso para hospedagens posteriores, já que o programa elabora um sistema de confiabilidade.

Couchsurfing é, portanto, o paroxismo da experiência mochileira, quando se conhece a vida nativa, ao passo que se nega aspectos intrínsecos da noção de um mochilão, a dizer, a liberdade ilimitada, ir para onde quiser e quando quiser. Neste aspecto, o *Couchsurfing* se aproxima do resort porque ambos remetem à ideia de obrigação, de planejamento e controle externo. O *site* pode ser encarado como um agente de turismo virtual panóptico, manipulando

as informações, "inibindo e dominando" a viagem. Ao mesmo tempo, é a melhor maneira de conhecer a cultura nativa sem depender dos ditames do acaso, de marcar o "memorável" na subjetividade do viajante.

Desejo indicar que o albergue não é o extremo oposto do resort. *Couchsurfing* ou dormir na casa dos nativos o é, mas conseguir entrevistas destes mochileiros que utilizam o *site* como forma principal de hospedagem é um trabalho de outra natureza. Em uma elaboração rudimentar, poder-se-ia estabelecer as equivalências:

Turista – resort e hotéis

Mochileiros – albergues e *Couchsurfing*.

Viajantes e Nômades—hotéis baratos, albergues, *Couchsurfing* e dormir com os nativos espontaneamente.

4.3. A atração pelo risco: superando o medo do mundo

Para aos amigos e familiares que permanecem no país nativo, a viagem pode se apresentar como algo arriscado, potencialmente perigoso. Quando partem no aeroporto, dizem que suas mães choram, amigos apostam se vão ou não conseguir completar a ambição planejada. Fazer um mochilão é algo que parece difícil e demasiado aventureiro para os amigos que permanecem no país, mas, *a posteriori*, uma vez na viagem, é fácil, confluindo com a percepção de que o mundo é menos assustador e violento do que imaginado (ver figura 1 para um quadro bem-humorado das interpretações dos mochileiros como se veem e como julgam que os outros os veem). Logo, é algo que impressiona sem ser tão difícil; quando muito é cansativo. Os entrevistados europeus e norte-americanos relatam saber que viajar não é possível para qualquer pessoa no mundo, tais como sujeitos oriundos de pobres famílias africanas. O risco em si pode ser tão perigoso quanto permanecer no país natal, quando não é pior. Quando muito, o risco é visto por aqueles que não viajam.

Because I had an accident and damaged my back and had to do an operation. So my back was bad. And I thought "if I do it later, I might not be too well later". So I thought now was good, and it is good for her (filha), to have a year break, before she continues her studies. If anything, I think I'd worry more, within this year, travelling around, than if we stayed at home. Instead of using her courage travelling, she could get bored, and not knowing if going to one direction or the other. My fear was she might get along with the wrong people. Doing this, we will use our knowledge and she will be more aware of what she's got. She has been moved with people we've seen and she will be more aware of how fortunate we are (...)The British people, not all of them, but most of them...they need to be told what to do. They just, under circumstances, all they said 'we are not secure going travel', 'I wish I could do that, travel, but I can't'. That's all they say, 'I can't'. 'So why can't you?'. 'Oh, I can't because there is the house, the mortgage. No, I can't, I got to pay my pension'. 'So what if you die? You don't

have a pension'. 'No, aw'... And there are always excuses. 'I wish I could do that, I wish. Maybe one day'. But they won't. I think they can't... it's too hard. Effort, you know, to plan it, to do it. The uncertainty. The problems that might come up. And overcoming them. Because some people can't cope, they don't (...) I think working is harder, definitely harder. So this (viajar) is quite easy (mãe e filha britânicas).

Conforme visto, se qualquer classe média do Primeiro Mundo pode fazê-lo, e se os mochileiros são invejados, não é por nenhuma característica excepcional destes. É mais pela falta de vontade dos que não viajam. No caso dos latinos, os problemas são a superestimação dos gastos e do conforto quando lidam com pessoas da mesma classe que eles. Querem viajar, mas não nas mesmas condições que os mochileiros, dividindo quartos, percorrendo intermináveis horas de ônibus regularmente, comendo em restaurantes de qualidade duvidosa e sem compras. Conforme relata o advogado mexicano de 30 anos:

My friends, they envy me and wished they could do what I am doing, but they can't, some of them have already jobs, or they don't have money because they are paying a house. Or they have family, like married with kids. In the end, they could travel, but have other priorities. The thing is, I don't know in South America, but in Mexican culture, people don't think like going on traveling, the first thing is about getting a traditional job, so they can make more money. Then they want to buy their houses or flat, then getting married and having kids. Once you start doing all this things, it is, you know, more difficult to go traveling by yourself, as a backpacker. If you take your family and kids, that's a bigger budget, instead of going on your own. And I say they envy me, but they envy me in a nice way. They wish they could do the same, but in the end have different priorities. When I tell how much I spend they go 'wow, how can you do it?', but, especially females, in Mexico, they are not likely the people who would like to stay in a hostel. They want to go travel but only stay in a hotel. Some people don't even know, they are like 'what is a hostel, what is that?', then when I show pictures and tell, they go 'oh, I don't want to do it'. Specially females, Latin females, they don't feel comfortable getting dressed in a dormitory. They don't want to get in a shower that everybody uses it. Sometimes they see it as a person who is homeless, with no money, but for me is fine, I don't really care. That's the only way I can save money if I don't want to stay at home. But they want to go to the same places that I go, but not on the same conditions. They know they'd have to spend more money. And they cannot afford that way (mexicano, 30 anos).

A propósito, cabe comentar que, segundo Van den Berghe (1994), os turistas mexicanos gastam mais do que os estrangeiros no próprio México, significando talvez uma postura de classe das sociedades latino-americanas. Ou, conforme coloca o autor:

Turismo pobre is a common local characterization of ethnic tourists by middle-class Mexicans, who themselves travel more lavishly and have difficulty understanding why foreigners might want to travel "below their class" (...) What is most interesting about the official statistics, however, is that Mexicans outspend foreigners. Many readers may find this counterintuitive, and, indeed, I too would have expected the reverse, until I began to understand the local situation. To be sure, Mexico is poorer than the countries of most foreign tourists, but in Mexico, only the upper and upper-middle class can afford to travel for pleasure. Furthermore, Mexico is a very class-conscious society. It stands to reason that high status, class-conscious Mexicans in their own country

carry their status with them, and expect the best services to a greater extent than foreign tourists... (VAN DEN BERGUE; 1994, p. 83-84)⁵

Não vou me estender sobre a relação entre poder econômico e segurança, mas é mais claro que, em conjunto com a questão de classe, os latino-americanos se preocupam mais com o medo de estar fora do país no caso de uma possível falta de dinheiro, superestimando os gastos, como se o luxo fosse necessário para estar seguro.

Ademais, o risco é apresentado de modo bem subliminar, nem sempre admitido. “Coragem” e “mente aberta” são qualidades das quais os mochileiros se orgulham, entrelaçadas com sua visão de si. Assumir a ausência destas é equivalente a admitir uma fraqueza, que, na verdade, os deixaria assim mais próximos dos mal afamados turistas.

Tanto a atração quanto o repúdio pelo risco não são evidentes. Quando muito, a ideia do esforço aparece bastante, mas não da deliberada atração pelo risco. É implícito e difícil conseguir arrancar uma resposta mais objetiva que não parta de pressupostos pessoais. Os mochileiros afirmam que os amigos deixados em casa não viajam porque buscam segurança e sentem medo do risco, mas isto não é sinônimo de afirmar que viajar em si seja arriscado. É interessante perceber que alguns colocam limites para os países, como não ir para a Somália ou Afeganistão; no entanto, costumeiramente relatam como o local, uma vez nele, não é tão perigoso quanto as alusões da mídia. A relação destas fronteiras, em quais pontos seguem os relatos da mídia ou não, o quanto confiam nas descrições de outros viajantes, varia de acordo com a própria experiência pessoal do mochileiro. Viajantes mais experientes possuem maior tendência em classificar praticamente qualquer lugar do mundo no mesmo patamar que suas cidades natais. Quanto às questões de segurança e risco, uma entrevistada disse:

Everybody says it is stupidly dangerous (...) Don't go to places people don't recommend, don't take a lot of stuff on the streets if you know people can steal your money, like this, don't go to places where men are expected to rape you or something. (romena, 23 anos)

Já o casal de brasileiros é o único caso contrário, afirmando sentir mais insegurança no local do que acreditariam de acordo com as informações obtidas:

Fomos para o Egito e ouvimos falar das manifestações, que havia trinta mortos na praça, foi o que a mídia divulgou. Quando chegamos lá ficamos sabendo que eram vinte e cinco mil mortos. A mídia encobre, pois é um país turístico e não querem assustar o público-alvo. (brasileiro, 28 anos)

⁵ *Turismo pobre* é uma caracterização comum dada pelos mexicanos de classe média aos turistas étnicos, os primeiros viajam mais ostentadamente e têm dificuldade em compreender por que os estrangeiros querem viajar "abaixo de sua classe" (...) O que é mais interessante sobre as estatísticas oficiais, no entanto, é que os mexicanos gastam mais do que os estrangeiros. Muitos leitores podem achar isso confuso, e, de fato, eu também teria esperado o inverso, até que comecei a entender a situação local. Para esclarecer, o México é mais pobre do que os países da maioria dos turistas estrangeiros, mas no México, somente as classes alta e média-alta podem viajar por prazer. Além disso, o México é uma sociedade com muita consciência de classe. É lógico que os mexicanos de status elevado e com consciência de classe querem, em seu próprio país, carregar seus status com eles, e esperam melhores serviços em maior medida do que os turistas estrangeiros ... (tradução minha)

As respostas são extremamente variáveis, os países oscilam de lugares relativamente turísticos como o Brasil (conforme admitiu um holandês), a África do Sul e Israel, de segurança moderada, para zonas de guerra como o Iraque e o Sudão. Para fins de esclarecimento, a China é vista como bastante segura, tanto para os estrangeiros quanto para os chineses. Uma nativa de Xangai chegou a me dizer que não precisaria me preocupar com violência, a cidade possui um índice baixíssimo. Resumindo, as respostas variam desde prevenções cotidianas, como se não fizesse diferença o deslocamento geográfico do país de origem, até evitar países em totalidades. A linha divisória tende a ser delimitada com base em quanto o mochileiro viajou (ou não) no passado e onde esteve, rompendo barreiras.

Na pior das hipóteses, a ideia de morte solitária pode ser assustadora, mas não para todos:

Yeah, I hope so, it would be nice (viajar para sempre). I told my kids “hey, if you hear I flopped over, just be glad that I was doing what I wanted to do. Don’t sweat it, don’t, you know, ha, ha. I really don’t want to cause people too much inconvenience. Because sometimes I... and people are so good to me, and they take time to help me. I think “I wonder if am I imposing to people”, I mean, I’m being so old and still trying to go (norte-americana, 80 anos).

4.4. Rompendo o tabu máximo: a relação dos mochileiros com os chineses.

Mochileiros julgam-se indivíduos abertos às diferenças culturais. Já afirma Lallemard (2010) que os mochileiros se sentem ofendidos quando os julgam etnocêntricos, que pensam que suas culturas são superiores às dos países visitados. Depreciar o nativo é, de longe, o tabu absoluto. Parte-se de um pressuposto que os nativos são sempre interessantes, gentis, hospitaleiros e deve-se respeito a eles, pois são os criadores da cultura e do local visitado. Por isso o receio ao criticá-los. Criticar o nativo é símbolo de incapacidade de adaptação, característica intolerável ao mochileiro. Costumeiramente, os nativos chegam a ser romantizados, como puros, sensíveis, com belos e nostálgicos estilos de vida. Na China, embora extremamente hesitantes, diversos entrevistados me confessaram não gostar tanto assim dos chineses. Talvez mesmo a metade. Poderia escrever uma seção sobre os atributos positivos atribuídos aos chineses, mas fazê-lo seria senso comum. A maioria dos comentários é positiva, mas por uma margem não tão grande. Ademais, em geral as qualidades positivas são semelhantes, quase como se não houvesse diferenciação pela nacionalidade. Poderia ser dos chineses ou dos australianos, os nativos são costumeiramente idealizados como hospitaleiros, prestativos, acolhedores, simpáticos etc. As críticas negativas tendem a ser mais

específicas, aproximando-se da lógica da célebre frase inaugural do romance *Anna Karenina*, de Tolstói, “as famílias felizes são todas iguais, mas cada família infeliz é infeliz à sua maneira”. A quantidade significativa de observações desfavoráveis chamou-me a atenção. A faceta negativa pode ser encoberta pela descoberta, aparentemente, positiva.

Because it is different. Like, everything is different. Nature, culture and habits. Really, everything is so different, it attracts me, with this difference I can experience something new. It is also some kind of adventure. That you can experience something new and you can eat or see or whatever, something, and perceive what you probably couldn't be able to think before (...) It is when you see something and you say 'wow, I would not think that this could exist' Something really different, like the society in China. In the other hand, the society is shocking. Human life is not important here. I've seen how it works; people who doesn't have insurance, it is normal the doctors simply let them die at the hospital. And it's all about money here. (romena, 23 anos).

Salienta-se a intransponível barreira do idioma na China a ponto que considero uma especificidade do país. Nunca percebi tantos problemas de comunicação quanto lá. Certamente falar francês me ajudou nos países do Norte da África e não é difícil se expressar em espanhol no caso da América Latina. Igualmente, não havia prestado tanta atenção anteriormente aos problemas de integração entre os mochileiros e nativos, já que, sem o contexto de entrevistas para dissertação de mestrado, preocupava-me mais com meu próprio desempenho. Os chineses que encontrei capazes de falar inglês razoavelmente são raríssimos. Curiosamente, são os recepcionistas de albergue. O próprio guia *Lonely Planet* diz que o número de estrelas do hotel não é necessariamente correlacionado com o nível do inglês do recepcionista: nos albergues a equipe fala melhor. Enfim, a dificuldade de comunicação com os chineses é estrondosa. Isto se reflete nos relatos. Com exceção dos preços, não é tão necessário permanecer em um albergue em Paris como na China por conta da comunicação: a necessidade de comunicar-se com outras pessoas, na China, impulsiona a estadia nos albergues. O encontro com os nativos é mais fácil quando estes falam inglês. Isto não quer dizer que os encontros de viajantes em albergues sejam menos prolíficos na China do que na Bolívia, somente que a segregação, dentro do próprio albergue, é maior. Apesar de se tratar de apenas um caso, um entrevistado falou que prefere albergue por ser o único local onde ele pode conversar com os nativos—os recepcionistas! Aliás, os recepcionistas de albergues costumam ser jovens e ocupam a função mais no esquema de trabalho temporário do que de profissão, gerando possíveis elos de identificação com o público. Encontrar um chinês que consegue falar inglês pouco além do mínimo é difícil. Mesmo pegar um táxi é difícil. Se a pronúncia não for correta, o taxista não entende. Se porventura apontar no mapa e este estiver escrito em *pinyin* (a escrita chinesa com o alfabeto ocidental), tampouco é compreensível. Quando aponto que, no albergue, não se conhece a cultura nativa melhor do que no hotel uma vez que os

estrangeiros e chineses não conversam entre si, não é incomum obter como resposta, “ah, mas aqui, ninguém fala inglês”. Logo, creio que em outros países, exista, de fato, uma preferência pelo albergue por providenciar melhor possibilidade de contato. Porém, creio que tal contato pode ser tanto com nativos quanto com outros estrangeiros, sem real preferência. Acredito que a restrição dos estrangeiros de conversarem entre si diga respeito ao idioma, embora não exclusivamente.

This is just something I assume because I don't speak the language, I don't know. But from what I have understood, the culture is so different. They don't openly explain themselves... I do believe it would take a lifetime for a foreigner, it is just a feeling, I sense the Chinese are not a people who are open to foreigners (finlandês, 26 anos).

Também ouvi relatos de que os chineses são introvertidos e isso condiz com a compreensão da cultura local. Alguns mochileiros tentaram remediar e disseram “em certos casos, lembro que é a cultura deles e não penso que são mal educados e não querem ajudar”. Nas entrevistas, tentei não me prender muito no que é potencialmente específico da China, mas é impossível não fazê-lo. Enfim, os recepcionistas podem, portanto, dar mais informações e ajudar no planejamento da viagem, explicando horários e tarifas de ônibus, como chegar a certas atrações turísticas, o que de outro modo é impossível se for apostar no inglês dos trabalhadores das rodoviárias, ferroviárias ou os transeuntes nas ruas. De certo modo, isto quer dizer que o albergue se torna necessário ao invés de opcional.

Os encontros entre mochileiros são rápidos e genéricos. Conforme dito, alguns inclusive demonstram enfado com tal frugalidade, da conversa repetitiva circulando sobre a nacionalidade, onde esteve até então e para onde vai. Não há “profundidade” e é necessário sempre repetir o mesmo discurso. Entretanto, outros relatam isto como uma grande troca cultural. Acho importante salientar o caráter internacional do mochileiro. Não importa se sou brasileiro ou alemão. O status de mochileiro adquire uma alteridade gigantesca em relação ao nativo, no caso pesquisado, o chinês. Os estrangeiros se classificam em um bloco homogêneo de “não nativos”.

I do feel that, like, people who travel, their way of thinking is a lot more similar to mine, than for example the friends I left back in Finland. They try to reach different goals in life, they see life differently...here I feel I can say anything about my life, I don't need to lie here as I would actually have in Finland at certain places and times. The point of view of life, I think that backpackers, they don't necessarily share the life at the same way, but they share some points... 'backpackers' they see a different sector of life and the people who stay back home they see a different sector. The sectors could be partially in the same area, but they still would be a lot different...people who travel always have these friends who say 'I wish I could do the same', but from my perspective, anybody in Western countries could do it. The people who travel are the people willing to take the step, to sacrifice something. Obviously it would be nice to own a house

or a car in the country you are from, but for us, we are willing to sacrifice that in order to travel. And that is something I feel more in common with people who travel. Everybody knows it is not for free in most cases. Maybe in some cases people can say 'fuck it, I will just travel', but in general everybody needs to make sacrifices to find whatever they are searching for (finlandês, 26 anos).

Como existem poucas interações entre os mochileiros estrangeiros e chineses, os primeiros se unem em um grupo, por mais esporádico e efêmero que seja, para, juntos, desbravarem a China e comentar sobre os chineses. Os mochileiros se definem, então, pela ausência da nacionalidade. A mochila emblemática aproxima mais do que qualquer separação nacional. Uma entrevistada, dinamarquesa, de vinte anos, (cuja entrevista não incluí entre estas dez selecionadas para análise), respondeu uma pergunta hipotética. Indaguei o seguinte: suponhamos, no Camboja (o local da entrevista), que ela necessite ir ao banheiro ou comprar cigarros na loja ao lado. A quem confiaria seus pertences de valor, como um *laptop* ou bolsa? A um nativo do Camboja ou a mim, brasileiro, tampouco europeu, mas também viajante? No Camboja, confiaria mais em um brasileiro. Porém, se fosse no Brasil, confiaria no cambojano. Ou seja, ela preferiria um viajante como ela, independentemente da nacionalidade, do que um nativo, em qualquer país que fosse. No dia seguinte, a menina percorreu a capital Phnom Penh com um cambojano, de moto. Outros dois dinamarqueses se preocuparam bastante com ela, ainda mais após o atraso de duas horas do seu suposto horário de retorno. Embora ela realizasse, efetivamente, o contato maior com o nativo, os dois dinamarqueses, de quase trinta anos, tinham receio do desfecho. Não a conheciam anteriormente, o contato se dera no albergue. A preocupação, logo, se dava por ser uma viajante e uma conterrânea, não uma amiga. É um paradoxo: ela efetivava o ideal mochileiro, pegar carona de moto com um nativo do Camboja que lhe mostraria a cidade de modo mais “autêntico” que um guia turístico contratado. Ao mesmo tempo, tal atitude despertou suspeita e receio dos outros mochileiros que permaneceram no albergue. Uma faca de dois gumes: o contato com o nativo é o mais enriquecedor de todos, mas também o mais arriscado. As diversas nacionalidades no albergue são dissipadas pela ideia de que, isolados e distantes de nossos países natais, somos vulneráveis e precisamos acreditar uns nos outros, como se não houvesse diferença entre sermos europeus, latino-americanos, japoneses ou australianos. O risco e o “autêntico” se mesclam e se dissipam simultaneamente. Os passeios turísticos, embora não tão bem-vistos, por terem uma conotação de espetacularização, são necessários com relutância.

4.5. Para que viajar ou no que se constitui o memorável?

Quanto aos passeios vistos como turísticos, existe uma ideologia bastante individualista a respeito. Em diversas ocasiões, são necessários. Entretanto, evitá-los, é, inclusive, uma forma de economizar dinheiro. Não vale a pena investir em um local repleto de turistas, porque já é descaracterizado pelo turismo convencional, afastado do ideal do “autêntico”. É melhor encontrar um local específico, invariavelmente mais barato, no qual seja possível estabelecer um tipo de relação íntima. Essa relação íntima tem algo de inexplicável. Não encontrei ninguém em busca holística de iniciação religiosa, como é mais comum em viagens pela Índia; trata-se simplesmente de julgar que conhecer o local de maneira mais pessoal proporciona um conhecimento melhor de si mesmo. Talvez seja quase autoajuda e, nisto, o esforço pessoal é necessário, o que diferenciaria totalmente do turismo “clássico”. E, por mais que os passeios turísticos sejam necessários, eles quase nunca constituem o “memorável”. O passeio turístico é intrinsecamente ligado ao imaginário do turista, afastando, dos mochileiros, as experiências buscadas. Os locais podem ser os mesmos, mas o modo de usufruir deles é distinto. O passeio turístico é previsível, e o memorável está justamente ligado à imprevisibilidade, sendo, portanto, a antítese deste. Porém, é necessário para a construção da identidade turística local. Tanto o passeio turístico quanto o memorável escapam do cotidiano, mas de modos diferentes.

Há, em determinadas ocasiões, a visão de que a experiência do mochilão proporciona um condicionamento cotidiano inferior à qualidade de vida usufruída no país natal e isto é decisivo na comparação com o turismo “clássico”. *Travel* e *holidays* não implicam a mesma coisa: a primeira situação indica menos conforto do que em casa enquanto a segunda, mais. Entretanto, a segunda não é realmente uma experiência de viagem. Usufruir do hotel, como assinalado tantas vezes acima, é algo bastante diferente de degustar a cultura local. É preguiçoso, é relaxamento. Partir em *holidays* significa descansar da rotina diária. Partir em *travel* condiz com um cansaço maior que o da vida no país nativo, e o descanso ocorre quando se volta para casa. Um entrevistado australiano, de vinte e cinco anos, me disse que a duração da viagem é suficiente quando, justamente, se está cansado demais e o desejo maior é de repouso. A viagem, portanto, longe de relaxar, exige muita energia. Para os poucos que encontrei sem necessidades determinadas de voltar para a casa (como falta de orçamento ou obrigações com o trabalho), a duração ideal da viagem é, precisamente, quando o cansaço se torna demasiado. Os passeios turísticos representam a facilidade, a ausência de cansaço e esforço. Em geral mais caros se contratados pelas agências, os mochileiros pensam em modos

mais acessíveis de como desfrutá-los, sem perder a suposta “autenticidade” que tanto buscam. Durante a viagem pela China foi interessante perceber como os albergues mais cheios foram, precisamente, nas províncias mais turísticas e com o clima mais ameno, implicando que estavam fugindo do rigoroso inverno do norte chinês.

O “autêntico” não pode escapar sempre do “turístico”. Existe uma Muralha da China. E tantos modos de conhecê-la, mas no final, culminam igualmente na Muralha da China. Os mochileiros não querem se sentir apenas como turistas passageiros, “usurpadores” da cultura local. Almejam um sentimento maior de permanência, que pode ser visto como um tanto prepotente, mas almejam uma diferenciação, como se sua passagem pelo país visitado pudesse oferecer alguma reciprocidade. Ilustrando melhor, um publicitário argentino de vinte e nove anos, percorrendo a volta ao mundo, ilustrou o seguinte caso: ao chegar à Torre Eiffel, preferiu comprar um vinho e sentar no parque em frente ao invés de subi-la, como fazem os turistas. A ideia do vinho supõe uma particularidade, uma espécie de contato íntimo com o local visitado. Perguntei-me como seria possível essa intimidade, como o mochileiro tenta deixar seu legado? A resposta ocorreu-me reparando em diversas paredes de albergues (figuras 2 e 3). A escrita na parede é uma insígnia, um marco de que, algum dia, o mochileiro ali esteve presente, deixando sua marca, que sua passagem não foi em vão, sem troca. Conscientemente, sabem que até mesmo os recepcionistas dos albergues os esquecerão dentro de algumas semanas. A escrita na parede confere aspectos atemporais, como se os próximos mochileiros pudessem ler sua mensagem. E o passeio turístico jamais poderia proporcionar a possibilidade de permanência, de particularidade daquele que ali esteve.

Isto quer dizer que as atrações turísticas não esgotam as razões para a visita do país. Elas existem em qualquer lugar, mas os mochileiros buscam uma relação mais ou menos interpessoal, íntima, com estas. E a viagem internacional proporciona maior pessoalidade, algo que, talvez, a viagem nacional não pudesse oferecer, justamente porque o sentimento de alteridade, diferenciação, entre o visitante e o visitado, é menor no nacional em relação ao internacional. Não se trata do local visitado, mas da mudança interior do visitante: eis a necessidade do deslocamento geográfico. Os latino-americanos relatam inclusive certas críticas de seus conterrâneos. Afinal, por que viajar tão distante se é possível desfrutar de culturas diferentes e belezas exóticas no próprio país, conforme o advogado mexicano explicita:

Many friends have more money than I do, but they feel like China is too far away. They want to go to Cancun. Many of my friends are like, 'why do you go abroad, so far, to see something you can see here in Mexico?' And one of my answers is that it is less expensive to travel around the world, like Asia or Africa, than inside Mexico. If I take a flight to Cancun, it is more expensive than flying

to Spain. If I stay in a five star hotel for one week, it is more expensive than, like, three months traveling. And also, I can do Mexico another time, I mean, I live there. And I don't feel that attracted to. I know what we have. I know what we have and I feel more attracted to go abroad and see other things. Even if we had it, I'd still like to go out. I don't like to spend my holidays in my country, first the budget, it is more expensive being in Mexico than being abroad. I like meeting people, I like meeting travelers, I like photography, I like sightseeing. I like traveling, I like the backpacking life, going from one place to another, from one country to another, without having time to come back. This kind of nomadic life gives more freedom. I love this live, but at one point I'll need to take my life more seriously (mexicano, 30 anos).

Também escuto tal observação frequentemente e minha resposta é a mesma dada pelos entrevistados: é mais barato viajar para China do que para o Nordeste brasileiro. Ou, nas palavras do mexicano, para a China ao invés de Cancun. Então, qual a diferença entre a viagem nacional e a internacional, qual a motivação maior para ir mais distante?

Crescimento pessoal. Desenvolver um idioma, tentar aprender um idioma. Conhecer outras culturas. Quando você não foi para lugar nenhum fica imaginando, 'nossa, China, nossa, Egito'. Quer dizer, é um lugar diferente, é um lugar, é uma cidade, é terra, com pessoas. O ser humano é igual no mundo inteiro, o que muda é a cultura, comportamento. É interessante ver essa diferença (...) eu sou uma pessoa que busca informação, independente de ser da minha área de estudo ou da minha formação. Eu busco informação, o que puder aprender, para mim, é lucro, é ótimo (...) o conhecimento do outro, ele precisa de tempo. (...) Quando se fala de comportamento humano, isso depende muito da capacidade de absorção da pessoa. Às vezes você manda uma pessoa para a Europa para ficar seis meses e ela volta com uma evolução pequena, não significativa, se houve evolução. Se houve. Às vezes não houve evolução. A pessoa volta a mesma pessoa. Já tem pessoas que vão, fazem uma viagem e voltam já uma pessoa diferente, uma experiência com mais estrutura, com uma visão de mundo melhor (...) as pessoas vão atrás do que elas idealizam. Independente de ser bom ou ruim, elas só vão saber depois de conhecer. Então você vai, experimenta e tira a sua conclusão, porque sempre tem um aprendizado (brasileiro, 27 anos).

Se mochileiros viajam, existe uma razão para viajar. Tal razão condiz com buscas de experiências. Exatamente quais experiências buscam? Ao longo das entrevistas, fui atento em não ser repetitivo, em não insistir em pressupostos, para que pudesse me manter o mais aberto possível diante de respostas não esperadas. No entanto, houve perguntas que fiz a todos os viajantes, como a experiência mais memorável (desde o início, nunca especifiquei se boa ou ruim, deixando margem para interpretações diversas do que é memorável). Logo após a mais memorável, fui direto e indaguei a respeito da pior experiência. O intuito era comparar.

And in Ethiopia, doing women's interview with seventeen women, they have a mouthful to talk about. And going to the mountain top, there was a tribe there, and interviewing the women there. Just sharing our lives and they telling me about their culture. I usually answer the same questions... they talk about the wars...abortion, childhood, they talk about that, domestic violence. And some countries, there are some operations. You know, this sort of questions. By asking the same questions, things with time come out differently in different countries, then I get a better idea. But that... those groups of women, it is great. And for

some who can speak English, they use the Internet and get better awareness of their situation... That's probably the best experience. With those women in Ethiopia (irlandesa, 64 anos).

O memorável está relacionado com a pessoalidade, com o contato íntimo, algo que o passeio turístico não poderia proporcionar. O contato com o nativo ou um modo de ver específico de uma paisagem é diferente da experimentação do tour organizado. O memorável reside no imprevisto, aquilo que o turismo convencional impede. O “autêntico” não é o local, mas a imprevisibilidade, por isso não pode ser comprado numa agência de viagem.

A pior experiência poderia ser o “ruim” absoluto, enquanto a memorável poderia ser o resultado de um esforço prévio. Também perguntei sobre os limites, quando a balança de aproveitamento da viagem "se X é necessário para conhecer Y" deixa de valer a pena. Estabelecer tais limites é sempre subjetivo, mas, com poucas exceções, não aparentou que alguém de fato abdicasse muito. O orçamento médio gira em torno de cinquenta a sessenta reais diários (ou vinte e cinco a trinta dólares de acordo com o câmbio entre dezembro de 2011 e março de 2012). Para os padrões do *Lonely Planet*, isto equivale entre o máximo do *low budget* e o mínimo do *mid-range*. Somente uma professora de inglês japonesa de quarenta anos e o advogado mexicano de trinta relataram um orçamento diário abaixo dos trinta reais, o que seria considerado extremo para os demais mochileiros, uma espécie de penúria. No caso, a japonesa, para comer, pede as sobras dos restaurantes de noite, não faz os passeios etc. Assim como o memorável positivo, o negativo também me surpreendeu por ser mais abstrato e psicológico do que palpável. É mais uma conclusão do que uma paisagem, uma percepção ao invés de um fato, uma memória baseada na busca de respostas do que na explicação de algo óbvio.

I think I've arrived to this conclusion. I am supposed to arrive at the end of what I wanted to see while traveling. After this, new places there will be always, but the main course is that I did this big transcontinental trip. Now it will be interesting to see if I really could fulfill my aim or if I still have the urge to move, which would mean I am just incapable to stay in one place. If I am incapable to live in one place, I am not fit to live in society. I don't know yet. The worst experience is seeing that traveling is not the solution I am looking for. It doesn't solve anything (...) It is not a solution, but in the beginning I thought it could be another way of living, another way of enjoying life, but it is something you can only live for a time. Now it is like being in a museum for five years. You are just walking, you are not watching anymore the paintings. That is the thing, when you have been to so many places, you just need to rest. You cannot enjoy them as you did before (...) You can't count on traveling to solve something. when you travel for a long time, you can find yourself and lose yourself at the same time. It is because you are free that you are lost; actually it is not easy to have the possibility to do anything (francês, 37 anos).

A ideia do memorável é averiguar se as condições *sine qua non* da experiência dependem de um estilo particular de viajar, como se um resort com tudo incluído, por

exemplo, não permitisse tal desfrute. Aliás, não há uma negação do turismo para o mochileiro, mas a negação do resort “com tudo incluído” enquanto viagem. Viajar não é definido, portanto, pela tomada de avião e hospedagem fora de casa. Viajar, para o mochileiro, é o contato com o desconhecido, que não é necessariamente um local geográfico. A analogia do aprendizado é constante, como se aprender se sobrepusesse ao lazer. É até possível fazer mochilão na cidade natal, mas isto é algo que somente um entrevistado relatou e depende das circunstâncias de como se viaja. A maioria menciona um desejo de ir o mais longe possível. Tal distância é mais ou menos metafórica, talvez possa dizer que o significado dessa distância é sobreposto a/equacionado com uma distância física considerável. Para um europeu, é evidente que os Estados Unidos, geograficamente, são mais distantes que a África do Norte. Ou que a Austrália é mais longínqua que a Ásia. A distância buscada é cultural e é bastante complicado explicar com profundidade no que consiste tal diferença. Há inclusive alguns que afirmam que o choque não é tão grande assim. E relatam como algo positivo, enquanto uma quebra de preconceitos. Perceber o semelhante no distante, o familiar no estranho, é valorizado positivamente. Posteriormente, quando regressam ao país natal, se irritam com os preconceitos de seus conterrâneos que costumam ter opiniões equivocadas com relação ao local e ao povo visitado. É necessária maior profundidade nos contrapontos culturais e, neste caso, embora não diretamente, a aversão pelo fácil é evidente. Quanto mais exclusiva a experiência, melhor. Quanto mais próximo da experiência de vida real no país visitado, melhor. Pergunto também o que é necessário para compreender uma cultura e tenho respostas clássicas, como culinária e idioma: mas não são suficientes para definir o memorável. A ideia de aceitar a cultura do outro é central, e, sobretudo para mulheres, pincelo que sempre há limites para isso. Aceitar mais pimenta na comida é algo diferente de aceitar a submissão feminina perante homens, por exemplo (e na China isso é evidente).

O teste dos limites, do se orgulhar de conseguir fazer algo de que outrora teria nojo ou repulsa, é recorrente. É o que mostram os exemplos de um canadense e uma norte-americana: nem sempre há banheiros com vasos sanitários ocidentais nos espaços visitados. Muitas vezes há apenas um buraco no chão. Ambos relataram se orgulharem de terem superado nojos e se consideram melhor adaptados para as adversidades do futuro. Um holandês disse que a viagem testa limites do medo, que perdeu seu medo de altura viajando. Um francês comparou como tais superações influenciam na vida cotidiana, como se o aprendizado em lidar com as adversidades de uma viagem melhorassem os modos de lidar com as flutuações do mercado de trabalho. Logo, “superação” é uma palavra chave que encontrei com recorrência. Tal superação pode consistir na maneira em como lidar com o problema após o ocorrido, em não

ver como uma experiência negativa, mas aprendizado. Ou melhor, rir do acontecimento. E podem ocorrer, precisamente, quando se distancia dos locais designados aos “turistas clássicos”.

And they said they had an entertainment going on for tourists, with dancing and so on, and there was a boat going over there. But I was out, I didn't stay to see the tourist thing, I went to see the island and I was admiring this garden and I saw this soldier—it was like a soldier with a camouflage outfit—and I didn't think anytime out of it since I was looking at something. All of a sudden, this soldier, with this black around his eyes showing (...) He said, ah, he said... it this was awkward, and people worried about me, because I was always by myself, I would get raped. And so, this fellow said “I'll kill you”. I look down, I thought I was going to see his thing and that I was going to get raped. So I looked down, I saw his knife. He had his knife around his stomach. So I think he was just there to rob me, but you know, he scared the heck out of me, of course. And I had my two bags where I carried my swimming gear and stuff to eat. So he showed his knife to me and said “I'll kill you”. And I took these bags, because I was thinking about rape, and I took these bags and I “roooam (onomatopeia)” at him, at his head, and I said “you can kill me first”. And I ran, I ran yelling “Help, help, help”, all through this stuff, a lot of dust to run on, rough stuff. And I lost my, yeah, I had good combs that I really liked, they fell. I looked for them later but never found again. And then my heart, I mean, I was scared, yelling help. So I heard the dancing, I ran as fast as I could saying “help”. Finally, when they saw me, I was safe, you know. Then I stopped and started to laugh. That's the scariest thing. And I wanted those bags back, good thing my passport wasn't in them (norte-americana, 80 anos).

E, acima de tudo, é mais interessante quando o memorável positivo e o memorável negativo se correlacionam pelo mesmo motivo. Aquilo que faz o positivo não o faria se o polo negativo não existisse. Talvez, parafraseando a célebre frase do dramaturgo grego Ésquilo, é preciso “sofrer para compreender”.

The worst experience was when we were in India. One man came to her and felt... I don't want to say, I wouldn't like to say... but felt racist. I don't want to say, because you can honestly say, in India, everyone is so friendly, so nice. People that we have met from one particular, that was one day, two occasions where we felt “we should leave this place because they don't want us here”. I got someone driving to me, in a motorbike, and bruised the way in. And someone towards here, on a bike, passed in front of her, and smashed, right into her (...) For me, the most memorable, is India again. People. Not just Indian people. Different nationalities, how these fights and so many things we have read about India and had the British done to India, like, in the war. And how bad the British were. Yet, they would come out to us and were nice to us. And every place we went, as if we were being special. And, aw, we are not. Yes. And it has made me think how horrible British people are. The way we are taught, talk about cultures. And we come over, and see them, and see how different they are. Why they don't teach this in Britain? I mean, we have most cultures in our country, why don't we know all of this? (britânicas, mãe e filha).

Para a mãe e a filha britânicas, a relação com os indianos compõe tanto a melhor quanto a pior experiência. No entanto, não se trata de uma atração pelo risco, não é explícito. Conforme relataram, a busca deliberada pelo risco é “sem sentido”, “tola”. Trata-se mais de

saber enfrentá-lo caso ele se apresente, mas não buscá-lo. O risco não atrai, é necessário. Superá-lo é uma virtude que se constrói por não ser opcional, mas obrigatória.

Um australiano confessou que mochileiros sempre tentam se gabar de seus feitos, sobretudo quando se trata de gastar pouco. Portanto, quando se gasta mais apenas por ser mais "aventureiro", se não houver um propósito que faz parte da experiência, perde-se todo o sentido. Sendo mais claro, se está em um deserto, é mais aventureiro pegar um camelo do que o ônibus, ainda que o primeiro seja mais caro. Porém, fora do contexto do deserto, é um sofrimento inócuo, de quem quer se exhibir ou posar de aventureiro sem o ser; ou, ao menos, sem saber dosar. É evidente que existem limites para a aceitação da cultura local, embora o desejo de se tornar mais "mente aberta" seja um dos fatores que impulsionam a viagem. A inglesa viajando com a filha (do trecho acima) disse que se irritou com a mãe que sempre pede *baked potatoes* nos restaurantes. A seu ver, a mãe é conservadora e, ao reclamar que as batatas chinesas não são iguais às inglesas, intolerante.

Before she came, (a avó), I told her 'before you come over, you must broaden your uses because it is going to be a different culture, not your culture. And you have to understand how different people are. You have to accept that and you can't change that because that is the way it is. So you have to fit in and not change it to be the way you like it'. And my mother is very close headed. And she wouldn't try food, she wouldn't try drinks, she wouldn't... it was... She just stuck to what she knew and what she was used to. She would order, I mean 'will you order something Chinese?'. 'No, I don't like it'. 'But you haven't tried yet'. 'No'. 'Just try it, you might like it'. 'No'. And then she would order a jacket potato with beans. Only this, from the menu. And then, it would turn up to be boiled potato with beans. And she would just say, 'this isn't jacked potato'. 'Well, of course, this isn't England. You know, jacked potato here isn't like jacked potato is at home!'. And the next day would come... and she didn't eat it, not happy it was not jacked potato. And the next night, 'what are you going to have to eat?'. And she was like 'jacked potato'. So it is like 'oh (...). And she wouldn't try anything. Nothing. And that was annoying. This is typical English. It is almost like 'why doesn't every one do like I do?'. 'Why haven't they got proper jacked potato in Vietnam, France or South Africa? ...When actually I am in Vietnam, I need to learn with the culture here. And it doesn't happen. (britânicas, mãe e filha).

Perguntei sobre a questão feminina e ela disse que pensa nisto cotidianamente. Se na Inglaterra existem problemas com as muçulmanas que usam a *bourka*, é possível que as nativas (no caso dos países muçulmanos) sejam legítimas ao reclamarem de suas roupas quando ela é a estrangeira. Ela pensa sobre isto, mas não almeja aprofundar por colidir demais com seus valores. Um cardápio oferecido com comida internacional em um resort possui pouca probabilidade de agradar os mochileiros. A busca do memorável é ao mesmo tempo independente da atração turística principal do país como também requer o deslocamento do país nativo. O memorável na China não é a Grande Muralha, mas viaja-se para distante do país natal até a Ásia pela possibilidade de conhecer algo intimamente. Essa intimidade está

mais relacionada consigo mesmo do que com a geografia, embora não seja possível experimentá-la em casa. Talvez por ser tão abstrato, seja, ao mesmo tempo, óbvio. É também a busca pela felicidade.

The biggest priority is to find happiness. Happiness in a way it would be in my life constantly. I don't know if it is absurd, I don't know if it is something I can ever accomplish, but I am just looking for an in-between. I want to see every inch of the planet as I have told you before, but still, I would love to find a place I would actually love, feel like at home inside me (...) The issue of going back to wherever you are from is unbearable. I would feel really bad if I had to go back to Finland sooner than I wanted to, but if you are in a holiday, then you know that in one point you have to go back. For me I just want this to be a continuous journey forward. Not going backwards at all, but forever going forwards wherever you want to go (...) I do think that I feel more comfort and happiness seeking forever whatever I am trying to find... the freedom from the society, the freedom of not having to work five days a week, eight hours a day (finlandês, 26 anos).

4.6. “Viajar é a maior escola da vida”, mas o que viajar tanto ensina?

É claro que existe nessa postulação, da busca pela felicidade, uma diferença geracional, relacionada com a condição pós-moderna, individualista, condizente com a noção de que o indivíduo é livre para seguir seu próprio caminho, como se não houvesse laços mais fortes do que sua própria vontade de viver. Valorizar a cultura nativa é um modo de compreender a si mesmo, uma auto-valorização buscada pela alteridade. Viajar é um modo de vida desviante quando comparado com maneiras “tradicionais”, o que implica a possibilidade somente quando em contextos atuais.

I don't know, I can tell you about Europe. Our parents had this life of getting a job, marry and have children and being happy. If you succeeded in doing that, you have it all. In France today you don't see that as a guarantee of happiness at all, marriage and this kind of life...now it is has more to do with having a lot of experiences, discovering a lot of things. Like it is going to fill up your life, your life is going to feel better if you have seen a lot of things, done a lot of things. Actually I think it is not true because it is a non-end quest, it doesn't fill you (francês, 37 anos).

Ainda que seja uma jornada infinita sem um objetivo final determinado, a atração pelo rompimento com estilos de vida ditos tradicionais é forte entre os mochileiros. A viagem se apresenta enquanto alternativa para uma vida longe das regras do mercado de trabalho. O ideal de independência não é compatível com as normas do “sistema”, logo, as seduções da viagem interminável se apresentam como uma possibilidade de ruptura.

I am part of the system and I know I am part of the system, but it is for me to have my own expression, my own time. To basically say, I know that the system exists and I have to be a part of it. There's no working outside of it, but I want to do it on my own terms if I can. Do what suits me rather than being a clog in a wheel. I'd rather use the system for my own benefit (...) I have been brought in

the West, been given everything. It is not enough. The values in my country are not the ones I recognize. To find my religion and to find, thorough my meditation, peace, it makes me just want to help people around the world. Do what I can, really. I want to work for humanity, not for material value, for money, for status. Not things I recognize for being part (britânico, 34 anos).

Outrossim, já havia pensado no que há de tão interessante em valorizar a cultura local. Por mais que eu mesmo valorize isto nas viagens, a abordagem pelos motivos da viagem toca na defesa do conhecimento de outras culturas de modo tão auto-evidente que é impossível não pensar em um estranhamento, em indagar por que isto é tão atraente ou importante. É difícil conseguir uma resposta mais elaborada, além da busca de conhecimento e melhoramento pessoal. A surpresa do mundo desperta o desconhecido em si, ponderando o que pode ser aproveitável (ou não) enquanto lema de vida, mais do que para efeitos pragmáticos, concretos, deste tal aprendizado.

You know the film Forrest Gump? His mother says 'life is like a box of chocolates', I say travel is a box of chocolates. You never know what you are going to get. Just when everything is really shit and horrible...I always say sometimes in the trip 'how stupid could I be going to this trip', 'how dumb am I', you probably have that idea about your Master's studies here. 'What a dumb idea'. Sometimes it strikes 'this was not a good idea'. And that's challenging... And as soon as I think that, the next day or a week sometimes, like, I was in a border in the south of Argentina, I couldn't book anything, there was snow, and everything was in Spanish, no place to sleep... so that's when travelling is a box of chocolates. I met this young medical student from Argentina, we became friends, went out to dinner, talked about our lives. We spent the whole week together. That is why people would not do what I do. Because they are always so afraid, you know. They are always, 'oh, you are so brave'. If I lived a life safe, I should be home now by the fire...But I don't like knitting wools for grandchildren, it's not me. But I don't think I'm brave. I don't like sports... (...) When I started studying Sociology, that is all about stereotype, racism and how society functions. So I have travelled, I got very well studying Sociology because I have seen so much. And my experience as gender analyst, of course travelling helped a lot. Anyway, I really do like to immerse into a culture. And not to be too judgemental, to be more impartial when it comes to judging a place. To accept differences, the way people behave. There is no better person, there is just different. I'm different. There's no better in it. Travel helps understanding that. For example, gender! Muslim people! Muslim women, marriage, children. Travelling makes us less ignorant of the world around... Anyway, people who don't travel tend to say 'oh, you are Muslim, all your sons are going to be careless, and you'll be hit by your husband...' (irlandesa, 64 anos).

Não apenas o francês supracitado, mas muitos alegam que tal conhecimento é melhor por si só, e ao insistir em detalhes de como pode ser bom e no que consiste tal conhecimento, relatam situações cotidianas. A tradicional frase de que viajar é a melhor escola da vida é levada a sério. A inglesa possui grandes expectativas de aprendizado para a filha, para que esta saiba melhor o que esperar e desejar da vida. Talvez exista certo tédio ou mal-estar com os conterrâneos. Da inglesa ouvi reclamações genéricas dos ingleses; do francês, dos franceses. Isto não se apresenta em todos os casos, mas é algo que vale salientar. É claro que

as reclamações não são totalizantes. Há algo que se gosta da cultura natal por, justamente, compor a própria personalidade do indivíduo. Ainda assim, existe um incômodo, uma inconformidade com os padrões nativos que impulsiona o desbravamento da cultura distante. A inflexibilidade dos conterrâneos, seja inglês, francês ou mexicano, é uma reclamação constante. Na verdade, não indica uma origem nacional específica, mas uma reclamação que tende a recair sobre os próprios conterrâneos dos viajantes, como que reforçando o sentido de distanciamento que assumem ter criado em relação aos lugares de origem.

How can you have a new idea, how can you have an improvement in something for the society if you are not flexible... if you go travelling, and do something you haven't done before, then you can combine ideas. Travelling makes you see 'it is possible to do like that'. Something you never expected could be possible like this. Then you get a new idea, you can create something which is good for your society. What can be better than this...nothing! (romena, 23 anos)

4.7. A aventura: do que é feito um verdadeiro mochileiro?

O estereótipo do mochileiro é imediatamente reconhecível pelo indelével traço da mochila, e sua incansável disposição. Orgulham-se de seu estilo de vida e sentem-se quase que violados quando, por algum motivo, perdem suas características:

And I never wanted to use one of these horrible, horror things (malas com rodinhas). These rollers, whatever they call, I don't know. Or the suitcases. Because I've always wore backpacks, you know, we are backpackers. And when these started to come out, now, even strong big men have these rollers. That has really changed, you said how it affected me. Now I am so old, and I have to resort on these rollers. That's how it has changed. I never wanted to use one of those, ha, ha. So I do have an answer to that one. And then, for eating, that's right, eating. Before I used to eat, you know, on the little villages, and they have noodles, really cheap and good. But they are too salty, and now I have to watch my salt. That's changed. I have a little cooker, just this big, I don't know if you saw it in my room. And I can cook up a package of those instant noodles, and I cut up meat, carrot and cabbage. And thrown and there and make my own meal. Before I never did that. That's changed. That's changed (norte-americana, 80 anos).

A romena postula que pessoas de países ricos viajam para países pobres porque é *cool*, é aventureiro. Não se faz mochilão na Itália, por exemplo, mas na Índia. Por seus respectivos países serem corretos, onde tudo é “perfeito” é preciso ir para lugares mais pobres em busca de aventuras. A atração pelo risco talvez seja implícita, sua busca deliberada é tola e inconsequente. Quando há o planejamento, o objetivo é precisamente evitá-lo. Esse planejamento não é percebido de antemão. O discurso da espontaneidade, de que se está no lugar *X* por acaso e não se sabe o destino de amanhã, é recorrente. Insisti que, necessariamente, existe um planejamento. Do contrário, por que a China ao invés da África do Sul; neste caso, aquiescem que tentam se preocupar o menos possível com detalhes. Porque o real atrativo não é o risco, mas a imprevisibilidade. O risco é subentendido porque é essencial

ao não planejamento. É um mal necessário da liberdade que tanto buscam os mochileiros como condição imprescindível do autoconhecimento. O que faz o mochileiro não é buscar o perigo, mas o desconhecido.

Some guy who is a bit of a free spirit... Whereas a backpacker would just hitchhike without having any idea of what he is doing, you know what I mean, that is how it is in England when you think of a backpacker. It doesn't matter if you are in Nepal or in Rio de Janeiro, you are backpacking (...). I don't think there is a definition today of what is a backpacker. It is anybody who wants a challenge and wants to face a new experience (...) I see myself as a traveler, as opposed to a backpacker. A traveler is someone who goes around the world to get experiences, enjoy his time. A tourist is someone who does travel, goes to the same places but has a different experience altogether. Before I traveled around the world I went to Thailand, it was a different experience, I went with a friend and we went, you know, like drunk, had a good time. Then I went to America, it was the same thing. If I compared myself with another person who was a backpacker at that time I'd be very inexperienced, not very knowledge in about what to do in certain situations. After the trip in 2005, I've seen so many new things, experienced meeting people, knowing that sometimes you have to be on your own, that you have to use social skills when there are two people in the room and you have to get conversation and things like that. From then, you get more relaxed, this is how I am, you are like 'yeah, this is how I am', you get more comfortable with that. A traveler is someone who travels independently, who uses his devices to get around...very independent in his way of traveling and what to do in certain times whereas a tourist, the first thing would go to a travel agency and from that moment on would lose control about his trip. Brazil is an example: a friend of mine went to Salvador for his honeymoon. He doesn't go away, just in Europe. First time he went away was to Brazil. I asked what he did, he was 'well, I went to the hotel'. I asked if he went outside the hotel, he says 'no'. So his experience about that trip was he went all the way to Brazil to have a pool, have free drinks, free food and the stuff it was already paid for. I don't know what is the point of getting down the road for that (...) but once you traveled, you just think 'wait a minute, I have just done all that'. Then you think everything is possible. I say to people not to think about it, just go and buy the ticket. You have to focus on this trip and get ready for it, you know what I mean? (...) the insecurity comes from the fact they don't know themselves, whether they can do it or not. Don't think about it, just buy the ticket and do the trip (inglês, 34 anos).

Potenciais problemas como a falta de dinheiro, o frio, a fome e a solidão fazem parte do processo de adquirir experiência. O roteiro pode ser pré-definido, conforme a experiência adquirida nas viagens pretéritas, mas não pode ser algo rígido, do contrário lembraria demais a “falta de personalidade” do turismo clássico. De acordo com as hipóteses expostas acima, atividades como contratar um guia local com o tour e o ônibus programado, anulam a vontade própria de conhecimento. Os desconfortos aos quais se submetem são partes inerentes à tentativa de diferenciação. Quanto maior o grau de liberdade relativa em relação às obrigações com o país natal, maior a importância com a preocupação financeira. A aliança do poupar recursos com o não comprometimento com o país natal, em um ciclo, permite a viagem mais longa, que, por sua vez, libera o mochileiro do retorno precipitado ao país natal. Em outras palavras, economizar para poder viajar mais.

The less you spend, the more you travel. The more you travel, the more you see. The reason to travel is too see stuff, so the cheaper you get the more you travel. It is because you get stuck into a situation in which the only way to go through suffering is to endure it. And once you endure it, then you are proud of it because you have actually done something. You are not proud of suffering, you are proud because you endured it. If you can face 30 hours in the train, what else can you endure? (australiano, 28 anos).

No entanto, há sempre alguém que viajou mais. Independentemente de quantos anos na estrada, quase sempre existem viajantes mais experientes. Os mochileiros interrompem uns aos outros, opinando onde devem ou não ir. O critério em seguir os conselhos ou desconsiderá-los depende do interesse e da experiência do ouvinte. Os conselhos dos mochileiros mais experientes são frequentes, opinando no que deve ou não ser feito (e a recepção dessas dicas pode ser boa ou ruim, vistas tanto como ato de gentileza ou de arrogância). Alguns, entre os mais experientes, preferem não intervir precisamente para não demonstrar superioridade, por quanto tempo já viajaram e quantos países conhecem. Pode-se também dizer que determinado país não foi aproveitado adequadamente por não se experimentar alguma atividade específica. Mochileiros mais jovens nem sempre gostam de tais intervenções, porque isso também retira o aspecto de liberdade e autonomia da viagem, embora, na maior parte das ocasiões, a troca de experiências seja considerada positiva. Não importa se alguém conhece doze, quarenta e um ou oitenta e sete países, a jornada é supostamente única e, em termos subjetivos, equivalente para cada viajante. .

In this kind of situation, you try to be in a balance between being an interesting person to talk to and not bragging too much. If you are a person who says, 'oh, look at all the stuff I've done, I am more extreme than you are', it is not going to come up really well. Other people may have done just as much, but are not as bragging, they will not want to talk to (...). It would be like jumping off a plane, half of it is for the adrenaline, half is for the fear. Some people think they would never jump, but once it is done, they are proud of it. That, according to your research, complements the idea of 'he who suffers the most can tell more stories. But it has to be legitimate, tough (...). You Always try to be the best backpacker, but it doesn't matter how hard you try to be the best backpacker, there is always someone else doing better than you, cheaper than you. More suffering and danger. However, more danger means more experience (norte-americana, 23 anos).

O conhecimento do Próximo e do Distante educa o conhecimento de Si. E, por sua vez, são apenas possíveis após a auto-descoberta. Os entrevistados divergem em opiniões, se o gosto por viajar é “genético” ou oriundo da “criação”. Simplesmente, seria algo dentro de Si, algo que, ao ver dos mochileiros, a maioria das pessoas não possuiria.

But it's not only about money. They want short holidays, beaches, to go with friends. You know, that direction. It takes a kind of person to get a backpack, it is in you. My job when I travel, some people think it is awful. They just don't want it (...). Not knowing how to speak the language. Not knowing what costs and plans are. They think that would be terrible. They want a tour, to know when the plane leaves, when it

lands, what hotel they are staying in, where they are going to do everything, when are they going to fly home. That's all. That's their idea of a holiday. Their idea of a holiday is a package. They know where they are going, when they are going and where they are going to stay. For me, it's unpredictable. I book the ticket and that's it. And I don't know when I'm going back, that's it. In the between, I have no idea (...) When you really need something and nobody understands you or you can't get the ATM to give money and you really need to eat. Or when the bus crashes with no gas station nearby and you're the only foreigner in it. Or when you didn't book a place and every hostel you go is full, that happens often, and the only ones that are available are really expensive which is going to blow your budget for a week. So, you know this sort of things yourself, I imagine (irlandesa, 64 anos).

O sentimento de “estar vivo” descrito por alguns entrevistados, que se equivale à estrada, à aventura e ao imprevisto seria idiossincrático. Se é ou não, ele está em oposição ao sentimento de “estar morto”, que seria designado à rotina, ao trabalho e às obrigações familiares.

CONCLUSÕES

Uma etnografia andarilha: visão de mundo e visão no mundo dos viajantes

A priori, não é possível dizer que os mochileiros constituem um grupo. As nacionalidades variam, embora haja uma maioria esmagadora do Primeiro Mundo. Quando muito, pode-se dizer que, no contexto pesquisado da China, existe uma associação entre “nós” *versus* “eles” quando contraposto qualquer mochileiro diante do nativo chinês. Acredito que esta oposição poderia ocorrer mesmo que não houvesse a barreira do idioma, salientada pelo estilo de vida. Mochileiros, ao menos temporariamente, romperam com a rotina do mercado de trabalho. Ainda que a comunicação com os nativos seja possível, estes ainda estão enlaçados às regras sociais locais, como dormir cedo na segunda-feira, jantares com a família no domingo, dentre outros. Ou seja, o contato com o nativo não pode ser constante, apesar de desejável. Isso reforça a distinção entre os viajantes em relação aos residentes permanentes no país, ainda que expatriados. Um outro modo de construção de uma identidade de grupo entre os mochileiros é, como vimos, pela oposição aos turistas: aqui, as noções de “improviso”, de desapego material, de recusa da rotina e de curiosidade pelo mundo são centrais.

A nacionalidade do mochileiro é sobrepujada pela semelhança ideológica. A importância de viajar é salientada por uma citação de Santo Agostino, “O mundo é um livro e aqueles que não viajam leem apenas uma página”. Pelo menos dois dos entrevistados citaram essa frase para mim e respondi que, evidentemente, já a conhecia há muito tempo. Ademais, mochileiros podem tão somente formar um grupo enquanto totalidade do fenômeno mochileiro. Não há líderes ou presidentes mochileiros; quando muito há os “Nômades”, que não comandam, apenas inspiram admiração. Resumindo em poucas palavras: se é possível estabelecer parâmetros comportamentais para mochileiros a partir dessa pesquisa na China, então há duas oposições principais a) com o estilo de vida nativo, que, independentemente da nacionalidade, é radicalmente oposto por sua associação com a rotina, não apenas do mercado do trabalho, mas da totalidade cotidiana quando se está no próprio universo de origem; b) com os turistas por não compartilharem a mesma ideologia. Precisamente, os assuntos entre mochileiros concernem viagens.

O gosto em viajar é o menor denominador comum. Somente com mais intimidade afloram os assuntos sobre a carreira e a família deixadas no país natal. E, como a maioria dos encontros entre mochileiros é passageira, isso se dá com uma quantidade bastante limitada de pessoas. A própria superficialidade desses encontros gera a harmonia e a “mentalidade aberta”

dos grupos em albergues, já que não é necessário se aprofundar em questões maiores. Logo, estabelece-se: nativos não viajam. É por isso que são nativos. E turistas viajam em outra interpretação do que seria viajar, como se não soubessem, de verdade, onde estiveram, ao passo que, na versão romantizada dos viajantes, estes não sabem para onde vão (parafraseando o escritor de literatura de viagem norte americano Paul Theroux). Para os mochileiros, é constante na conduta moral a ideia de que viajar é uma das soluções mais eficientes contra o preconceito e a intolerância. Logo, dizem dos turistas correspondentes aos estereótipos mais extremos – como os frequentadores de resorts cinco estrelas, já que não provam a comida local, ignoram as tradições, temem a religião e evitam os nativos – que não têm razão para viajar e deveriam permanecer em casa (parafraseando uma frase do escritor norte americano James Michener).

A viagem é uma jornada solitária. O albergue não atrai pelos luxos; seu atrativo principal, por vezes até superior à razão econômica, é encontrar seus pares. Mas, juntos, eles não podem encontrar o memorável. O memorável é compartilhado em relatos, mas deve ser usufruído individualmente (no máximo com um cônjuge ou melhor amigo, jamais em grupo). A centralidade do albergue consiste no agrupamento de pessoas que compartilham determinada visão de mundo. No entanto, o agir neste mundo deve ser feito individualmente, sobretudo pelos mochileiros mais experientes. A relação com o nativo é a mais memorável, porém a mais arriscada. Esclarecendo: mochileiros formam um grupo por compartilhar uma visão de mundo semelhante, mas suas ações neste mundo são individualizadas. Isto é tanto mais evidente conforme aumenta o grau de experiência do viajante, tanto que os “Nômades” costumam ser os menos receptivos às associações espontâneas ocorridas nos albergues para desbravarem determinada cidade no dia seguinte. Preferem fazê-lo sozinhos.

Lonely Planet: essencial, mas a consumir com moderação.

O guia *Lonely Planet* – ou algum guia concorrente como o *Le Guide du Routard* – é amplamente utilizado. Diversos albergues disponibilizam cópias do guia, tanto do país em questão quanto dos vizinhos, para consultas in loco. No entanto, seu uso é cauteloso. Em geral, faz-se de modo abrangente, como apenas para consultar antes de chegar a uma nova localidade ou para planejar a rota em um país inteiro. Uma vez no local, é preferível seguir dicas sobre o que fazer das pessoas (outros mochileiros), justamente por serem consideradas mais interessantes e precisas. Quanto aos restaurantes e bares indicados, quando muito, se as críticas forem muito boas.

O *Lonely Planet* pode oferecer pistas melhores, aprimorar o conhecimento do local visitado. É mais útil para ideias, mas é considerado quase ineficaz uma vez no lugar. Quando a cidade é grande, é válido, mas quando se trata de um vilarejo, por vezes suas recomendações são vistas como desinteressantes. Uma entrevistada relatou que dois dos albergues mencionados em seu guia datado de três anos não existiam mais. O terceiro ainda existia, mas era ruim e distante do centro, além do preço ser impreciso. Talvez o guia ajudasse mais com o alojamento no passado, mas em tempos de websites como hostelworld.com, com preços atualizados, fotos e críticas dos antigos hóspedes, ele se torna desnecessário. Em vilarejos pequenos, é possível achar com facilidade um albergue barato assim que se desce do ônibus.

Outro “problema” do *Lonely Planet*, relatado por um entrevistado alemão, também está relacionado com a defasagem da mídia impressa em relação à virtual. O guia se afirma como referência mochileira. Esse mochileiro deseja evitar ao máximo os endereços turísticos, tentando se mesclar com os nativos. Se o guia recomenda determinado passeio, bar ou café por ser autêntico, o risco maior é que, ao chegar lá, o mochileiro não se depare com os nativos, mas com os outros mochileiros. Todos carregando seus respectivos guias *Lonely Planet* em mãos.

Finalizando: trata-se de uma fonte de informação secundária. Os relatos dos demais mochileiros são mais confiáveis, os preços de albergue via Internet são mais precisos e, quem quiser se aprofundar na história e na cultura do local, pode optar por ler livros específicos sobre o assunto. No entanto, o guia persiste presente na mochila do viajante. Acredito que por dois fatores: em primeiro lugar, a ideologia de espontaneidade requer que a programação pré-viagem não seja rigorosa. Um país tão extenso quanto a China oferece possibilidades diversas. O guia é útil para traçar um esboço de mapa, ainda que este sofra alterações durante a viagem. O guia é mais importante antes da viagem do que durante, para se adquirir noção das atividades e dos preços das principais atrações. Também é uma forma de fantasiar sobre a viagem, com planejamento mais onírico do que efetivo. Em segundo lugar, a ideologia mochileira da mentalidade aberta faz com que haja uma constante sedução pelo inédito. Um sujeito que detesta museus pode não conhecê-los em seu próprio país, mas há de frequentá-los, ao menos alguns, no país visitado. O mesmo com atividades esportivas. O guia tenta agradar a todos os gostos. E os mochileiros, ávidos por novidades, o utilizam como uma fonte de referência para os assuntos que não lhes interessam tanto, como é o caso sobre tempo extra em determinada cidade (já que, aqueles que interessam, eles se julgam capazes de descobrir por si mesmos, mediante pesquisas e conversas). Saber de antemão sobre um preço barato de

dada atividade cujo interesse não é central pode ser a categoria divisora para experimentá-la ou não.

Deve ser lembrado que o guia opera como um ponto de referência seguro. E essa segurança é tanto mais importante quanto menor a predisposição ao risco e maior o medo do desconhecido. A norte americana de oitenta anos, a irlandesa de sessenta e quatro e o francês de trinta e sete se alegram por não tocar em um guia desses há anos. Sequer querem saber sobre o que escrevem.

Da busca pela aventura à busca pelo exótico: notas em como se tornar um “real” traveller.

Quando iniciei a pesquisa de campo para este trabalho, pensava mais na questão do esforço e do desconforto enquanto fatores legitimadores do conhecimento da diferença cultural. Conforme o desenrolar das entrevistas, talvez tarde demais, comecei a pensar: se afirmam que viajar é a melhor escola, o que tanto esta escola ensina afinal? Para além de abstrações vagas, o que, de concreto, se aprende ao viajar?

Ao longo da dissertação, percebe-se que tal aprendizado se efetiva subjetivamente. É muito mais uma mudança de perspectiva filosófica do que a obtenção de habilidades técnicas. E há dois modos de fazê-lo: pela aventura ou pelo exótico. Tais modalidades, como em quase todos os aspectos que tangem os mochileiros, não são categorias estanques, os espaços mesclados se permeiam constantemente. Pode-se trabalhar somente com tendências.

Alguns meses após a China, passei pelo Peru e pela Bolívia pela terceira vez. A *Banana Pancake Trail* do sudeste asiático é considerada a maior destinação mochileira do mundo (próxima geograficamente da China, mas bem distante quanto ao tipo de viajante. A *Hippie Trail*, incluindo a Índia e o Nepal, anexa à *Banana Pancake Trail* é afluenta com mochileiros de primeira viagem, viajando sem os pais ou turma de colégio pela primeira vez). O próprio nome *Banana Pancake* é oriundo de um prato ocidental, sinalizando que o sistema turístico local se adaptou aos mochileiros, servindo pratos do Ocidente nos albergues e restaurantes outrora considerados “autênticos” antes da popularização do mochilão ou de viagens aos moldes do mochilão. Não tenho estatísticas para qual seria o destino mais popular após as *Banana Pancake* e *Hippie trails*, mas a *Gringo Trail*, na América do Sul, está definitivamente entre as mais afluentes. De Bogotá até Santiago, na sua versão mais longa (seis meses ou mais), ou de Quito até Buenos Aires (cerca de três meses), na versão curta, trata-se de uma das regiões com maior quantidade de serviços voltados para mochileiros (em

oposição a serviços para “turistas”) do planeta. Pousadas, restaurantes e agências de turismo proliferam com placas escritas *backpacker friendly* e com adesivos enfatizando “recomendado pelo *Lonely Planet*” – sobretudo pelos arredores da região do lago Titicaca e Cuzco, o coração da *Gringo Trail*.

Backpacker friendly? O que isto quer dizer? Que o guia turístico não usa uniforme, é mais jovem e fala gírias, simulando informalidade? Que os restaurantes incluídos no pacote serão de nostálgicos tijolos de barro, tipicamente “nativos”? Como é contrastante da tão distante e indiferente China! Uma das minhas hipóteses originais era que o viajante na China somente viajaria para lá após atravessar uma razoável quantidade de países antes, de que o Reino do Meio raramente atrai mochileiros de primeira viagem. Tentei traçar rapidamente qual seria a diferença de perfil entre um viajante na China quando contraposto com um mochileiro na *Gringo Trail* ou na *Banana Pancake*, para além do óbvio de viagens acumuladas.

Observei detalhes e cheguei à seguinte conclusão: o impulso original destes últimos para sair de casa não é necessariamente a busca pelo exótico e pelo autêntico. É uma ideia de “aventura”. O que buscam é pular de *bungee jumping*, acampar no deserto, escalar uma montanha, mas, de certo modo, o deslocamento geográfico é necessário para que despertem o lado aventureiro dentro de si. Há pouco interesse pela culinária local, por isso optam em comer, justamente, uma *banana pancake*. Viajantes na China fechariam os olhos em represálias; lembrei da inglesa reprimindo a avó por somente pedir batatas assadas. *baked potatoes*. O gosto pelo exótico não é inerente, é um aprendizado. No mais, livros de aventura como *On the Road* são muito mais consumidos do que sobre a história local, os romances são os clássicos ocidentais ao invés dos escritores nativos. Fiquei surpreso ao perceber como quase nenhum mochileiro sabia quem fora Atahualpa. Saber quem foi Qin Shin Huang é uma premissa básica.

Esses mochileiros não se incomodam de frequentar *gringo bars*. O interesse por conhecer outras culturas se realiza na medida em que conhecem uns aos outros, mas o nativo em si é apenas um vislumbre. Viajantes na China são mais individualistas, hesitam em se agregarem com seus pares para fora das conversas de albergues. Para os mochileiros de primeira viagem, o agrupamento temporário com outros mochileiros é uma novidade em si, faz parte do processo de ganho de experiências. É um atributo positivo. A saudade da família e dos amigos é mais manifesta entre os iniciantes, o tempo dedicado às atualizações de perfis em redes sociais ou ligações de Skype para casa é maior. E o orçamento investido na compra

de lembranças também. É como se aqueles que chegaram na China não se importassem mais tanto assim; o país natal já perdeu muito de seu significado nessa etapa da vida.

Na rodoviária de La Paz, cheguei com dois mochileiros de vinte e um anos cada. Íamos juntos a Sucre. Noto que viajei em conjunto também no sudeste asiático, mas jamais na China – todos os meus deslocamentos neste país foram individuais. Era véspera do feriado da Semana Santa, todas as passagens estavam esgotadas exceto duas. Os viajantes cogitaram a hipótese de voltarmos ao albergue para tentar no dia seguinte. Disse-lhes que não era necessário, eles poderiam seguir em frente com os dois lugares restantes, eu saberia me virar. Brinquei: “se depender, chegarei em Sucre antes de vocês”. Foi exatamente isso o ocorrido. Existem certas deduções lógicas que só podem ser feitas com experiência. Se estava esgotado em véspera de feriado, não havia dúvidas que poderia utilizar transporte informal com facilidade. Peguei um táxi coletivo de La Paz até Oruro. Outro de Oruro até Potosi e um terceiro até Sucre. Só com os nativos. Gastei apenas cinco reais a mais e precisei esperar noventa minutos na rodoviária. Espantados quando me viram esperando – como era possível chegar lá antes deles? – um deles comentou: “*you truly are a real traveller*”.

Acredito que na lógica daqueles viajantes, que não se veem como o comum dos mochileiros e muito menos como turistas, a quem me refiro acima como “os que chegaram à China”, o significado de um “viajante de verdade” condiz com a habilidade crescente em lidar e controlar os imprevistos, tornando o *Lonely Planet* progressivamente desnecessário. Como em diversas atividades ditas aventureiras que supõem uma dialética entre os que fazem e os que seguem, na qual os primeiros dizem aos segundos para não tentarem reproduzir seus feitos por ser arriscado demais. É exatamente isso o que viajar tanto ensina. Diferente de um curso, viajar em geral não transmite uma espécie de acúmulo de conhecimentos intelectuais, outrossim uma mudança de paradigma existencial. Não obstante, se for possível estabelecer algum tipo de técnica, algo mais palpável, meu palpite, seguindo a mesma lógica observada é que: viajar ensina a viajar mais e manter-se na estrada por mais tempo. É claro que isto se torna apenas fundamental numa perspectiva de quem quer, realmente, viajar por períodos mais extensos. Em suma, o que se aprende viajando pode tão somente ser útil para quem gosta de viajar. Do contrário, é muito difícil delimitar algo mais concreto.

Estudos mais aprofundados podem focar as diferenças de perspectiva entre viajantes, suponhamos, em Bangkok ou em Cuzco, destinos altamente consagrados entre mochileiros em relação aos que estão no, por exemplo, Cazaquistão. Ou seja, seria interessante tentar perceber as razões por que iniciam viajar e porque continuam viajando. Se viajar é ensinamento, pode-se investigar quais as transformações ocorridas no indivíduo. Sobretudo,

se, como sugere Lallemande (2010), o mochileiro é o irmão caçula do antropólogo, seria interessante esboçar um paralelo entre a visão de mundo dos viajantes com a interpretação antropológica. Quando desperta o interesse pelo nativo? Como se experimenta o exótico? E como percebem o Outro e a alteridade, a noção de cultura e, acima de tudo, o mundo? Como a visão dos viajantes sobre a humanidade e o mundo se assemelha e se afasta da literatura antropológica?

A norte americana de 80 anos revelou-me que o mundo é triste:

Well, I think that it is a pretty bad world, which is not fair. Like we were saying last night, we probably all agree that mankind...that we should be good to mankind, but it doesn't work like that. And I think that, I mean, I just don't believe in God. Because I think if he is a loving God, he has sure screwed up as far as I can see. And I don't think it is fair that some of us should be so fortunate to be born and who we are while others just don't have a chance. I just think it's cruel. So in that case I hope there is a Heaven, so these people who never had a chance might have a chance in having something nice. So I don't know if you call that learning or not, but I think it is a pretty bad world when you come down to it. For me, I mean, I am certainly thankful, but I've seen many people whose suffering is terrible (norte americana, 80 anos).

É incrivelmente belo, mas é triste. Isto me recorda uma frase de Simone de Beauvoir: a busca pela verdade não é paralela com a felicidade.

REFERÊNCIAS

ATELJEVICA, Irena, DOORNEB, Stephan. **Dialectics of Authentication: Performing 'Exotic Otherness' in a Backpacker Enclave of Dali, China.** In: *Journal of Tourism and Cultural Change*. Volume 3, Issue 1, 2005. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14766820508669093>.

CASTRO, Celso. **Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro.** In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, pp. 80-87.

HAPER, Damian ET AL (orgs). **Lonely Planet China.** Singapore, Lonely Planet Publications, 2011.

HISTORY and civilization of China. Beijing, Foreign Languages Press, 2003 (nome do autor escrito em chinês sem tradução para nosso alfabeto).

HUTNYK, Jonh. **The Rumour of Calcutta: Tourism, Charity and the Poverty of Representation.** Londres e Nova Jersy, Zed Books, 1996.

LALLEMAND, Suzanne. **Routards en Asie: ethnologie d'un tourisme voyageur.** Paris, L'Harmattan, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1976). **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural

O'REILLY, Camille. From drifter to gap year tourist: **Mainstreaming Backpacker Travel.** In: *Annals of Tourism Research*, Volume 33, Issue 4, 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738306000545>.

O'REILLY, Camille. **Tourist or Traveller? Narrating Backpacker Identity.** In *Discourse, Communication and Tourism*. London, Crownwell Press, 2005. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=u-kiVB-OlqYC&oi=fnd&pg=PA150&dq=Tourism+or+Traveller+O%27reilly&ots=HhZvVBjCRz&sig=4csT4ozmQR9BfawBGnMJP8rXx0&redir_esc=y#v=onepage&q=Tourism%20or%20Traveller%20O'reilly&f=false

PALUDAN, Ann. **Chronicle of the Chinese Emperors: the reign-by-reign record of the rulers of Imperial China.** London, Thames & Hudson, 1998.

SAID, EDWARD. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente.** São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

SORENSEN, Anders. **Backpacker ethnography.** In: *Annals of Tourism Research*. Volume 30, Issue 4, 2003. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016073830300063>

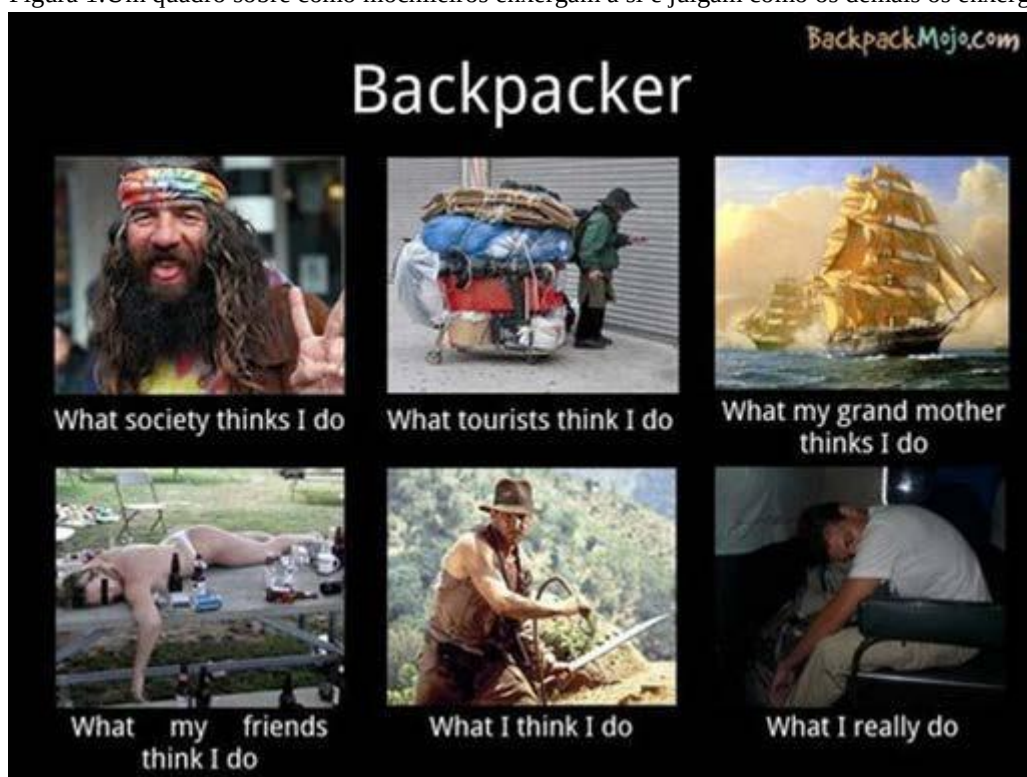
STRONZA, Amanda. Anthropology of Tourism: Forging new ground for ecotourism and other alternatives. *Annual Review of Anthropology*, 2001, 30:261-83.

URRY, Jonh. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo; Studio Nobel, SESC, 2001.

VAN DEN BERGHE, Pierre. **The Quest for the Other: ethnic tourism in San Cristóbal, Mexico**. Seattle e Londres; University of Washington Press, 1994.

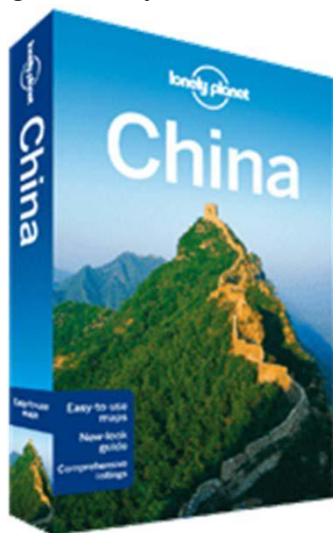
ANEXO - FIGURAS

Figura 1: Um quadro sobre como mochileiros enxergam a si e julgam como os demais os enxergam



Fonte: <http://www.scoop.it/t/what-i-really-do/p/2093332100/backpacker>.

Figura 2: Lonely Planet da China



Fonte: http://www.thearrivalstore.com/media/catalog/product/cache/1/image/1000x1000/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/c/h/china_travel_guide_-_12th_edition_large.png

Figuras 3 e 4: Modos como mochileiros tentam inscrever seus traços de permanência.



Fonte: Arquivo pessoal

Figuras 5 e 6 – Um bar e uma sala comunal de albergues.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7 – Dormitório com mochilas espalhadas.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8: A “famosa” foto continental: Américas do Norte e Latina, Europa e Oceania em um bar de albergue.



Fonte: Arquivo pessoal